



Departamento de Sociologia

Representações sociais sobre mudança urbana no bairro de Alcântara

Henrique Manuel Fonseca

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia

Orientador:
Doutor José Luís Casanova, Professor Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2016

Agradecimentos

Por trás de um percurso há sempre alguém que contribui, de alguma forma, para a sua concretização.

Na elaboração e concretização deste trabalho, houve um conjunto de contributos que não posso deixar de agradecer, porque sem eles o mesmo não era possível:

Desde logo ao meu orientador Professor José Luís Casanova, que com o seu saber me ajudou a encontrar as soluções mais adequadas à concretização deste trabalho.

Aos entrevistados, cujo contributo é fundamental na elaboração do trabalho, manifesto o meu sincero agradecimento pela sua disponibilidade e simpatia. Uma palavra ainda para algumas outras pessoas de Alcântara, com quem tive a oportunidade de conversar e recolher alguns registos que enriqueceram e ajudaram na concretização deste estudo.

Aos amigos e colegas que, ao longo deste percurso me apoiaram, em especial o Pedro Lago, companheiro de muitas horas de trabalho, estudo e colaboração, vividos durante estes cinco anos de percurso académico que contribuíram para cimentar esta amizade.

Gostaria ainda de manifestar uma palavra de agradecimento e de solidariedade ao Professor Doutor Firmino da Costa, que por motivos de saúde, não pode assegurar a minha orientação.

Por último, a Isabel minha companheira de todos os dias, a quem dedico este trabalho.

A todos obrigado!

RESUMO

Como a história tem vindo a demonstrar, as sociedades modernas urbano-industriais, contribuíram para um salto qualitativo na emancipação da humanidade, face às sociedades pré-modernas. A cidade acabou por se tornar no palco por excelência da natureza sistémica da mutação societal e, conseqüentemente os seus bairros constituem locais privilegiado para a observação e intervenção face à mudança.

Pretende-se conhecer as mudanças sociais e urbanas no bairro de Alcântara, bem como a recomposição social em curso, e as representações sobre tais mudanças.

A escolha de Alcântara, tem por base o facto de ter sido um importante polo de industrialização fabril e de concentração operária, sujeito a profundas transformações, nomeadamente a nível da refuncionalização, quer quando se iniciou o processo de industrialização, quer quando passou pelo processo inverso, de desindustrialização.

Recorrendo a metodologia qualitativa, foi possível distinguir representações sociais do bairro e dimensões associadas ao passado fabril e ao período mais recente.

Em termos demográficos, verifica-se que Alcântara tem um índice de envelhecimento muito acentuado, de algum modo a ser compensado por um número significativo de crianças e jovens, no grupo etário até aos 15 anos.

As representações sociais construídas, em função das mudanças urbanas operadas, refletem de modo geral, a posição social e o capital cultural de cada um dos atores em presença. Como corolário da recomposição social e nobilitação urbana, constata-se haver quebras de sociabilidade e de interações, uma vez que, independente dos contextos, os indivíduos não promovem essa prática.

Palavras-chave: representações sociais, mudança urbana, recomposição social.

ABSTRACT

As history has been showing the urban-industrial modern societies contributed to a qualitative leap in the emancipation of humanity, towards the pre-modern societies.

The city has become par excellence the stage of the systemic nature of societal change and consequently their neighbourhoods are privileged places for the observation and intervention in the face of the change. It is intended to know the the social and urban changes in Alcântara neighbourhood as well as the ongoing social recomposition and the representations about those changes.

Alcântara was chosen based on the fact that it was an important industrial manufacturing and working concentration polo subject to profound changes, in particular the level of refunctionalization either when the industrialization process started or when we were through the reverse process of desindustrialization.

Using qualitative methodology, it was possible to distinguish social representations of the neighbourhood and dimensions associated with the industrial past and the most recent period.

In demographic terms, it is verified that Alcântara has a very accentuated ageing rate, offsetted by a significant number of young people in the age group up to 15 years.

The social representations, built depending on the urban changes, reflect generally, the social position and cultural capital of each of the actors involved. As a corollary of social recomposition and urban gentrification, there has been there sociability and interactions breaks, since regardless of the context, individuals do not promote this practice.

Keywords: social representations, urban change, social recomposition.

ÍNDICE	
Agradecimentos	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
ÍNDICE DE QUADROS	vi
ÍNDICE DE FIGURAS	vi
GLOSSÁRIO DE SIGLAS	vii
INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLOGIA	3
1.1- TECIDO SOCIAL E URBANO	3
1.2- UM BREVE PASSEIO SOBRE A HISTÓRIA DE ALCÂNTARA	4
1.3- DA DESINDUSTRIALIZAÇÃO...	5
1.4 - ...À RECOMPOSIÇÃO SOCIAL	6
1.5- AINDA HÁ BAIRROS NA CIDADE?	10
1.6-MUDANÇA URBANA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	13
1.7-METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	15
2.- ALTERAÇÃO DA ESTRUTURA URBANA	18
2.1-REESTRUTURAÇÃO ECONÓMICA NO ESPAÇO URBANO	19
2.2- O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DE ALCÂNTARA	21
2.3- NOVAS FORMAS DE OCUPAÇÃO E HABITAÇÃO: OS CONDOMÍNIOS FECHADOS E OS <i>LOFTS</i>	22
2.4- CARACTERIZAÇÃO RECENTE DA FREGUESIA DE ALCÂNTARA	24
3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE MUDANÇA SOCIAL E URBANA EM ALCÂNTARA	28
3.1- QUEM SÃO OS “NOVOS” RESIDENTES?	30
3.2 – SOCIABILIDADE	36
3.3 - ASSOCIAÇÕES E SUA INTERVENÇÃO	41
CONCLUSÃO	44
BIBLIOGRAFIA	48
FONTES	51
ANEXOS	I
ANEXO A – QUADROS	I
ANEXOS – B - FIGURAS	V
ANEXO C – FOTOS	VI
ANEXO D – GUIÕES DE ENTREVISTA	XI
1 - ANTIGOS RESIDENTES	XI
2 - GUIÃO-ENTREVISTA A DIRIGENTE DA ACADEMIA DE STO. AMARO (ASA)	XII
	iv

3 - NOVOS MORADORES	XIII
ANEXOS E - GRELHA SÍNTESE DAS ENTREVISTAS	XIV
CURRICULUM VITAE	XXXIV

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.2 – Proporção da população residente com ensino superior completo.....	25
Quadro 2.2 – Proporção de profissionais socialmente mais valorizados (%).....	25
Quadro 3.2- Edifícios, segundo o número de pisos, por época de construção.....	26
Quadro 4.2 Alojamentos familiares de residência habitual, com garagem ou lugar de estacionamento, e existência de ar-condicionado, (2011).....	27
Quadro 1.3 – Esquema síntese das representações sociais sobre mudança social e urbana em Alcântara.....	28
Quadro 5.2 – Taxa de variação da população residente por grupos etários, nos períodos (1991-2001) e (2001-2011).....	II
Quadro 6.2 – Taxa de abandono escolar ano 2011.....	II
Quadro 7.2 -. População empregada por atividade económica em Alcântara, à data dos censos de 2001.....	III
Quadro 8 - Proporção da população residente de nacionalidade estrangeira à data dos Censos 1991 – 2001 – 2011.....	IV

ÍNDICE DE FIGURAS

Gráfico 1.2 Índice de envelhecimento da população, 2011.....	V
Gráfico 2.2 Proporção de população residente segundo nível de instrução completo – 2011....	V

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

ASA – Associação da Academia de Santo Amaro.

CFs – Condomínios fechados.

CML – Câmara Municipal de Lisboa.

CUF – Companhia União Fabril.

CTM – Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos.

SIDUL – Sociedade Industrial Destilaria do Ultramar Limitada.

INTRODUÇÃO

A cidade através dos bairros que a compõem acabou por se tornar no palco por excelência da natureza sistémica da mutação societal e, deste modo, em locais privilegiados para a observação e intervenção face à mudança.

Olhar a cidade através dos seus habitantes, procurar um determinado espaço e tempo para os encontrar (...) chegar a um nível individualizado da experiência urbana, só ela capaz de nos revelar a riqueza cidadina, é o desafio em grande medida já vivenciado por Frédéric Vidal, na sua obra “*Les Habitants D’Alcântara. Histoire sociale d’un quartier de Lisbonne au début du 20^{ème} siècle*”, e que se pretende retomar, desta feita tomando como objeto a Freguesia de Alcântara e como ponto de partida os anos 80 do século passado.

A escolha deste local da cidade, Bairro de Alcântara, tem por base o facto de ter sido um importante polo de industrialização fabril e de concentração operária, sujeito a profundas transformações, nomeadamente a nível da refuncionalização, quer quando se iniciou o processo de industrialização, quer quando passou pelo processo inverso o de desindustrialização.

A importância que o setor da indústria teve para o desenvolvimento de uma identidade em Alcântara, com os vestígios que registam esta herança e que remetem para um período tão dinâmico da sua vida urbana, deve ser visto como uma potencialidade para a criação de um sentimento de pertença. O facto destes edifícios se apresentarem atualmente descaracterizados e desfuncionalizados da sua ocupação inicial leva a que se questione a sua salvaguarda e preservação, que deve ser entendida de uma forma mais abrangente. Os edifícios singulares, para além da sua importância individual, foram também um motor de desenvolvimento e de caracterização de tecidos urbanos, devem ser considerados no seu conjunto.

Estas áreas, despejadas das indústrias, tornaram-se alvo de diferentes intervenções de revitalização urbana e produziram-se intervenções em diversas frentes (urbana, social, económica e cultural), com o propósito de devolver vida pública ao espaço urbano.

Este tipo de dinâmicas urbanas é normalmente associado a alterações de classe social e a renovação urbana nas cidades deve ser entendida face às novas dinâmicas na estrutura de classe social e produto de alterações designadas por um rejuvenescimento de áreas urbanas degradadas ou já desadequadas, processo que opera através de demolições de edifícios antigos e posterior substituição de novas construções.

São processos como estes, que geram a mudança de muitos dos residentes tradicionais dos bairros e a chegada de novos moradores, geralmente pertencentes a classe social mais elevada, com novas qualificações, fenómeno que caracteriza a *gentrificação*. A reabilitação de edifícios degradados com manutenção de tecido social, e em simultâneo com oferta de fogos de alto padrão em edifícios novos ou renovados para *gentrifiers*, encontra-se dentro da cidade ou na sua periferia.

Alguns autores referem que “*gentrification*”, significa literalmente “nobilitação”, dado que *gentry* designa uma pequena nobreza (Mela, 1996/99:171).¹

A este propósito, Rodrigues (2010:p.113) acrescenta que «a metáfora nobilitação permite dar conta de um processo de requalificação ou “*upgrade*” social e urbanístico que está presente na gentrificação, sem restringir o conceito a uma alteração de uma classe social ou à mera reabilitação urbanística».²

É pois um tema de relevante pertinência social, até porque a forma de conferir futuro à cidade, mais do que proceder à reabilitação urbana das suas áreas antigas e do património físico, é o conseguido através do envolvimento das populações com o meio ambiente.

Os objetivos deste trabalho são essencialmente dar conta da história recente do bairro de Alcântara e saber que representações sociais são produzidas sobre as alterações urbanas no bairro decorrentes da recomposição social verificada, como corolário do processo de desindustrialização.

O presente trabalho está organizado em três capítulos, o primeiro, enquadramento teórico e metodologia, consta de uma abordagem sobre o tecido social e urbano, uma resenha histórica de Alcântara, que nos leva da desindustrialização à recomposição social e a uma análise da importância da existência do bairro, no contexto da cidade. No segundo serão elencadas, as alterações na estrutura urbana, reestruturações operadas, novas formas de ocupação do espaço e caracterização recente da Freguesia de Alcântara. O terceiro capítulo evidencia as representações sociais produzidas sobre a mudança social e urbana, interações e novos residentes.

¹Citado por: Rodrigues, Walter 2010; *Cidade em Transição. Nobilitação, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*; Celta Editora, junho 2010, p.113

²Rodrigues, Walter 2010; *Cidade em Transição. Nobilitação, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*; Celta Editora, junho 2010

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLOGIA

1.1 TECIDO SOCIAL E URBANO

Na sequência dos processos de modernização económica das cidades, com início nas mais avançadas do ponto de vista económico, onde já tinha sido concluída a fase de transição do modelo fordista, e que se encontravam em plena nova vaga de globalização, foram analisados os impactes provocados por estas reestruturações, no tecido social e na estrutura espacial das cidades. Considerando os efeitos produzidos na área em estudo, pode dizer-se que foram significativos os impactes com incidência nas transições societais, influência nas mudanças demográficas, culturais e de estilos de vida.

O bairro transforma-se com o tempo, sendo o reflexo das lutas entre as várias classes sociais, da emergência de umas e da queda de outras. Bourdieu refere que toda a ação histórica coloca em presença dois estados da história, “a história no estado objetivado, ou seja a história que se acumulou ao longo do tempo, nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, costumes, direito, etc., e a história no estado incorporado, que se transforma em habitus.” (1980, p. 6).³

Louis Wirth (1997;1938), sociólogo da Escola de Chicago⁴, num dos seus ensaios de sociologia urbana, considera como componentes essenciais do espaço urbano a *dimensão*, a *densidade* e a *heterogeneidade*. Aliás, tal como Simmel, Wirth entende que a extensão urbana e o aumento da densidade populacional são aspetos de ordem morfológica responsáveis pelo aumento da diferenciação entre homens e as suas atividades, provocando a compartimentação e a especialização do espaço da cidade.

Ainda de acordo como mesmo autor, “a luta pelo espaço é intensa e, por isso, cada área tende a ser reservada à atividade que garanta melhores contrapartidas económicas. O local de trabalho tende a dissociar-se do local de residência, pois a proximidade dos estabelecimentos industriais e comerciais torna a mesma área indesejável para fins habitacionais tanto do ponto de vista económico como do ponto de vista social”.⁵(Wirth, 1997,(1938): 55)

³ Sá, Teresa; “*A Cidade Entre Bairros*” vd Francois Ascher “La fin des quartiers?” Ainda há bairros na cidade?” * Professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL), Investigadora do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD). Contacto de e-mail: teresavs@ gmail.com

⁴ Citado por Carmo, Renato Miguel 2014; *Sociologia dos Territórios. Teorias, Estrutura e Deambulações*; Primeira edição: março de 2014; Editora Mundos Sociais, CIES,ISCTE-IUL, Av. Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

⁵idem

1.2 UM BREVE PASSEIO SOBRE A HISTÓRIA DE ALCÂNTARA

Segundo alguns autores pronunciar o nome Alcântara na toponímia de Lisboa, é como compor um quadro repleto de movimento e de grande alma e agitação bairrista.

Alcântara, de um lugar nos arrabaldes, vem a assumir-se como bairro de Lisboa, pleno de individualidade e consciência. Em Alcântara tudo mexe, as fábricas, oficinas, ruas e muitas vidas. Há quem afirme que em Lisboa não há bairro tão profundamente alterado como Alcântara, pela evolução histórica e social.

Antes, Alcântara era uma zona marcadamente palaciana. Ainda hoje, são inúmeros os palacetes ali existentes, por onde passaram diversas atividades, ocupações e usos. Até meados do século XVIII, Alcântara de uma zona descampada onde apenas pontuava a ribeira de águas límpidas e a ponte que permitia a passagem para ambas as margens, foi-se transformando lentamente num local de lazer e recreio da nobreza e da família real, tal era a beleza deste vale, encaixado nas altas barreiras, entre barrocais por onde desciam em anfiteatro verdejantes vinhas... (Araújo, s d).⁶ Era então o limite da cidade de Lisboa, demarcada a sul pelos baluartes do Sacramento e a norte o de Nossa Senhora do Livramento. É em consequência do terramoto de 1755, que Alcântara se torna “refúgio” de grande parte da população da cidade, que foge da catástrofe ocorrida no centro da cidade e procura noutra local reconstruir as suas vidas. O afluxo a Alcântara de novas populações vindas de zonas completamente devastadas acelera a transformação deste “bairro dos subúrbios” (Vidal, F. p.60). Quase em simultâneo, a “Revolução Industrial” começa a sua expansão.

Alcântara deixa de ser um pequeno burgo dos arrabaldes, movido por toda uma dinâmica de reconstrução, ocorrendo a transição para um polo de desenvolvimento industrial, função que vem a perder gradualmente no primeiro quartel do século XX.

Segundo Frédéric Vidal, entre o final do século XIX e os anos 30 do século XX, Alcântara evoluiu de um bairro essencialmente industrial para um bairro popular urbano, ao mesmo tempo que se integra na metrópole que é Lisboa, em plena expansão.⁷

À medida que avançava o processo de industrialização, a população da cidade aumenta, gerando a concentração de grande quantidade de mão-de-obra operária, o que provocou uma modificação na composição social. Ao mesmo tempo que a burguesia se desenvolve e se diversifica em estratos diferenciados, a classe operária começa a emergir. Apesar da grande expansão que se observa na cidade, com o rasgar de novas avenidas e a urbanização de novos

⁶(Araújo, Norberto Moreira, 1943) Citado em ”*Marcas de Indústria no ambiente de Alcântara*”; Trabalhos coletivos orientados por: Ana Luísa Janeira e Conceição Lobo Antunes; Barca Nova-Editor Livreiro-Distribuidor, 1983

⁷Michonneau Stéphane, « Frédéric Vidal, *Les habitants d'Alcântara. Histoire sociale d'un quartier de Lisbonne du XXesiècle*, Villeneuve d'Ascq, Presses universitaires du Septentrion, 2006, 489 p.», *Revue d'histoire moderne et contemporaine* 2/2008 (n° 55-2), p. 206-206

bairros, da habitação das classes laboriosas ninguém parece cuidar, e, as famílias operárias vêm-se forçadas a procurar alojamentos em espaços desocupados em condições muito precárias. A necessidade crescente de mão-de-obra, obriga a que sejam os próprios industriais a pensar em arranjar alojamento para os seus operários, numa primeira fase em instalações abarracadas nas traseiras dos prédios que se iam construindo, evoluindo para os Pátios e Vilas. A localização das Vilas operárias está relacionada com as zonas onde se construíram as fábricas, sendo que as maiores concentrações ocorreram em Alcântara e na chamada faixa marginal, entre Xabregas e Poço do Bispo.⁸

Para o desenvolvimento do bairro de Alcântara, contribuiu, de modo significativo, a melhoria dos transportes públicos, como foi a entrada em funcionamento da Companhia de Carris de Ferro de Lisboa, fundada em 1876 e uns anos mais tarde a linha de caminho e Ferro entre Alcântara-Terra e Sintra numa primeira fase e depois a linha férrea da Sociedade Estoril, entre o Terreiro do Paço e Belém – Algés.⁹

Contudo, tal como refere Frédéric Vidal, a descrição da paisagem industrial de Alcântara, fica incompleta se a ela não se conseguir ligar a população residente, e o autor deixa-nos as seguintes interrogações: Quem são as pessoas que trabalham nas fábricas, nas oficinas e no comércio? Serão na sua maioria população de Alcântara?

1.3 DA DESINDUSTRIALIZAÇÃO...

Alcântara perde a supremacia como o polo industrial mais importante da capital. As fábricas vão encerrando, umas definitivamente, outras deslocalizando-se para outras zonas. Quanto aos trabalhadores, uns ficam desempregados (destes alguns rumam às suas terras de origem em busca de outras fontes de rendimento), outros conseguem manter o seu posto de trabalho, deslocando-se para junto das fábricas. Tal como observa Ulrich Beck, a sociedade industrial está a desaparecer e a ser substituída pela “sociedade do risco”. Onde os pós-modernos vêem o caos, ou a falta de padrões, Beck vê o risco ou incerteza e salienta mesmo que a capacidade de gestão do risco é a característica principal da ordem global.¹⁰

De bairro com fortes raízes operárias, dada a componente industrial, Alcântara torna-se cada vez mais num espaço urbano, em que o setor terciário ganha cada vez mais maior dimensão, sem contudo absorver toda a mão-de-obra resultante do processo de desindustrialização. Referindo-se ao processo de terciarização, João Ferrão (1988) diz que “o modo como o processo

⁸ Pereira, Nuno Teotónio; *Pátios e Vilas de Lisboa, 1780-1930: a promoção privada do alojamento operário*; *Análise Social*, vol. Xxix (127), 1994 (3º), 509-524

⁹ *Pelas Freguesias de Lisboa: Lisboa Ocidental*; Carlos Consiglieri, Filomena Ribeiro, José M Vargas e Marília Abel; Câmara Municipal de Lisboa, pelouro da Educação, 1996.

¹⁰ Guiddens, Anthony; *Pensamento teórico na sociologia, Sociologia, 8ª edição*, Fundação Calouste Gulbenkian

de terciarização tem sido encarado reflete, basicamente, duas óticas distintas: para uns «terciarização» é a expansão do setor terciário, isto é, do conjunto das atividades produtoras de bens imateriais e intangíveis; para outros, corresponde sobretudo a um movimento de reestruturação dos sistemas produtivos, verificando-se um processo de transformação intersectorial baseado na crescente integração das atividades secundárias e terciárias”.

Enquanto o sector terciário mostra alguns sinais de desconcentração, no industrial já algum tempo se vem a assistir a uma dinâmica de desindustrialização no espaço urbano. Começa, em primeiro lugar, por sair a indústria pesada dos núcleos urbanos e, posteriormente a que não está localizada dentro da malha urbana e que está na coroa suburbana. Nos dias de hoje, até por razões ambientais, são raras as indústrias que mantêm alguma representação no interior dos centros urbanos, às exceções das artes gráficas e ou publicações, bem como alguma pequena indústria ligada ao ramo alimentar e a artigos de luxo.

1.4 ...À RECOMPOSIÇÃO SOCIAL

Os processos de recomposição social, nomeadamente no que concerne com a mobilidade social, qualificação profissional, capacitação cultural e mutação dos estilos de vida, têm sido, em grande medida, impulsionados pelas dinâmicas de alargamento da escolarização, quanto à amplitude dos universos sociais abrangidos e quanto aos níveis de escolarização atingidos. Contudo, estas dinâmicas não deixaram de conduzir a novas subalternizações ou mesmo novas exclusões sociais.¹¹

Para uma análise das dinâmicas de mudança das estruturas socioeconómicas, exigem-se recursos vários, quer de temporalidade quer de outras escalas territoriais, bem como indicadores relativos a estruturas de classe, ocupacionais, de qualificações escolares, estilos de vida, além de vários indicadores sobre a composição do tecido social.

Sobre classes, e dos vários estudos analíticos sobre esta temática, Firmino da Costa (1999), em *Sociedade de Bairro*, introduz, através de uma atualizada sociologia das classes sociais, as mediações sociais existentes entre ação coletiva e classes sociais, concretamente, num meio popular urbano marcado por um tecido social inegalitário e por uma distinta identidade cultural. Essas mediações sociais, observadas no processo de reabilitação urbana (Alfama), concretizaram-se nos processos (e protagonismos) institucionais, políticos, associativos e de interação social local verificados num determinado espaço social.¹²

¹¹António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida são sociólogos, professores do ISCTE e investigadores do CIES. Rosário Mauriti e Susana Martins são sociólogas e investigadoras do CIES.

¹² Nunes, Nuno; *A sociologia das classes sociais na investigação sociológica em Portugal*; VI Congresso Português de Sociologia, junho 2008.

Por outro lado Estanque, autor com vasta obra no âmbito da temática das classes sociais, refere que a classe, enquanto considerada determinante principal, há muito deixou de ser entendida a partir exclusivamente do fator de nível económico. Ainda segundo este autor, algumas abordagens oriundas do marxismo estruturalista (Poulantzas, 1974; Wright, 1981; Althusser, 1998) tentaram provar a importância das instâncias do político e do ideológico onde a divisão do trabalho reúne os assalariados ao capital e aos meios de produção. E prosseguindo, a sua abordagem salienta o questionamento e o reducionismo que encerram algumas formulações dicotómicas, que construíram o pensamento de muitos marxistas (Giddens, 1975; Therborn, 1980 e 1983; Burawoy, 1985).¹³

Recomposição social traduz-se nas mutações e/ou movimentações populacionais de residentes em determinado local. Alguns autores referem que houve fatores estruturais na sociedade portuguesa que foram diretamente condicionadores na recomposição social, como “(...) evolução demográfica da população portuguesa, envelhecimento da população, redução da natalidade e fecundidade, o reforço da litoralização e urbanização, (...) fluxos externos que marcaram de forma permanente a sociedade portuguesa, a composição social dos sectores de atividade, com o recuo significativo da agricultura, estabilização decrescente da indústria e crescente emprego no sector dos serviços (terciarização), a rápida progressão da participação feminina na atividade profissional e a evolução dos níveis de escolaridade, provocaram profundas implicações na recomposição das classes sociais”(Almeida, Costa e Machado, 1994; Machado e Costa, 1998). Outro aspeto importante e revelador nas últimas década da sociedade portuguesa foi a generalização do ensino, que tem como consequência direta a ascensão social e profissional (Nunes, 2008).

Entrando no sistema de representações que o conceito de *habitus* comporta e que Bourdieu desenvolve ao longo da sua obra, corresponde a uma matriz determinada pela posição social do indivíduo que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. De acordo com uma análise comparada entre o conceito do *habitus* e as representações sociais, Aboim Inglez, Truninger e Vasconcelos (1996), concluem que Bourdieu através da sua Teoria da Prática, fundamentada no conceito de *habitus*, permite-lhe pensar a relação dialética entre prática e estruturas objetivas. Logo, o *habitus* é o elemento conceptual que articula práticas e estruturas, produção e reprodução, condutas e condições, propriedades simbólicas e propriedades materiais, indivíduos e classes.¹⁴

Por seu lado Casanova, através de uma abordagem crítica ao conceito, refere que se as condições sociais de existência constituem o dado mais estrutural da vida social e, se as disposições acompanham a reprodução bem como a mudança dessas condições – de acordo com

¹³ Estanque, Elísio: IV- *Diferenças Sociais de Classe e Conflitualidade Social*.

¹⁴ Sofia d’Aboim Inglez, Mónica Truninger, Pedro Vasconcelos, *Notas sobre as Representações Sociais e o habitus: esboço de uma análise comparada*, Revista Psicologia, XI, 2/3, 1996, pp. 139-158

as teses de Pierre Bourdieu – é defensável que as disposições mais estruturais sejam as disposições relativas às condições sociais de vida. As orientações sociais são, pois, definidas como orientações relativas às condições sociais de vida.¹⁵

Deste modo, se considerarmos a análise de dinâmicas de mudança da estrutura socioeconómica de uma cidade, esta exige não só o recurso a uma temporalidade relativamente alargada, mas também, como no caso em presença, o recurso a várias escalas de análise, lugar, bairro ou até rua.

A leitura de indicadores relativos à estrutura das classes ocupacionais, grupos profissionais, qualificações escolares, é elemento indispensável à análise da composição do tecido social de um determinado contexto territorial. Se estudados numa perspetiva temporal mais alargada, permitem observar dinâmicas de mudança ou de recomposição da estrutura socioeconómica da área em estudo.

Em Alcântara, onde o processo de desindustrialização começou mais cedo, relativamente a outros polos industriais na cidade, não se registaram grandes alterações na morfologia da malha urbana e, considerando as duas últimas décadas (1991/2011), não foram criadas novas redes viárias, nem foram produzidas reestruturações profundas com implicações no território. Verificaram-se contudo, algumas modificações estruturais pontuais, que alteraram significativamente a fisionomia do edificado urbano e que produziram alguma recomposição social e conseqüente alteração nas interações sociais. Com a redução crescente das atividades industriais e a diminuição do emprego por elas criado tende-se, tal como aconteceu em outras cidades onde ocorreram processos semelhantes, a um percurso de afastamento para outros locais, na procura de trabalho e melhores condições de vida. Está-se, portanto, perante o chamado processo de “desindustrialização” com reflexos evidentes nesta área da cidade. Podendo de algum modo dizer-se, que os processos de “desindustrialização”, não têm como fim único o término da atividade industrial, mas sim a sua reestruturação e/ou deslocalização, o que para efeitos de empregabilidade tem conseqüências idênticas para grande parte dos então operários das indústrias deslocalizadas ou reestruturadas.

Considerando que o setor industrial, até meados do século XX, era o principal responsável pela criação de emprego, nas modernas economias ele tende a gerar muito menos emprego, verificando-se ser o setor dos serviços o gerador de maior número de empregos. Esta situação segundo refere (Rodrigues, 2010), fica a dever-se a fatores tecnológicos e ao novo paradigma económico, o qual permite produzir mais com menos mão-de-obra.¹⁶ Refere ainda o mesmo autor, que a redução da importância das indústrias transformadoras na *cidade interior*, dos seus

¹⁵Casanova, José Luís, *Orientações sociais – uma abordagem crítica e operativa ao conceito de habitus*, Atas dos ateliers do V Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação, Teorias E Metodologias de Investigação

¹⁶ Rodrigues, Walter, 2010; *Cidade em Transição, Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*, 1ª edição: junho 2010, Celta Editora, Apartado 151, 2781-901Oeiras, Portugal (p.p. 165)

estabelecimentos e do emprego por elas gerado, implica, sobretudo, a redução dos “setores industriais tradicionais” de mão-de-obra mais intensiva e menos dos setores mais avançados do conhecimento intensivo.

Entre as dinâmicas de recomposição social, contam-se entre outras, as resultantes das transformações económicas e urbanísticas, em grande medida motivadas por intervenções externas específicas. Mas contam-se muitas outras, de natureza diversa, porventura igualmente relevantes, que se podem caracterizar do ponto vista local como endógenas ou, mais genericamente, de societais.

Por contraditório que possa parecer, são este conjunto relevante de dinâmicas de recomposição social que constituem a população de um bairro. Nele confluem percursos de vida e sucessões de gerações, que incluem ainda mobilidades residenciais, bem como processos de transformação de atributos sociais, tão relevantes e decisivos como o são os níveis de escolaridade ou as categorias socioprofissionais, as relações de classe ou os estilos de vida.

A análise das classes sociais é, assim, uma das ferramentas que a sociologia dispõe para investigar a relação entre estrutura e ação, ou seja analisar as características e o relacionamento de classe com o que os agentes sociais fazem e as condições em que o fazem.

Em *Sociedade de Bairro*, Firmino da Costa (1999), introduz um mecanismo através das mediações sociais existentes entre ação coletiva e classes sociais, num meio popular urbano, marcado por um tecido social inegalitário e distinta identidade cultural.

Por seu lado, para João Ferreira de Almeida, falar de “classes sociais” é falar de protagonistas dos processos sociais, que ao produzirem e reproduzirem a sua própria identidade, modelam ao mesmo tempo as condições sociais que as definem e as estruturas que delimitam duradouramente o espaço em que esses processos ocorrem”.¹⁷São processos em que determinadas condicionantes e possibilidades estruturalmente construídas a amplos níveis societais, se vão articulando com o protagonismo ativo dos agentes sociais, no desenvolvimento de parâmetros estruturais, das suas estratégias de vida e das suas práticas quotidianas.

A influência exercida pelas classes nas nossas vidas e a pertença de classe está associada, inevitavelmente, a um conjunto de desigualdades, quer se tratem de desigualdades no que se refere às expectativas de vida ou de um modo mais geral a desigualdades no acesso à educação e a empregos mais bem remunerados. Contudo é também fator a ter em conta, que nem sempre as nossas atividades tem uma ação direta, ou melhor, são todas determinadas pela divisão de classes, verificando-se que há já muitos indivíduos que vão experienciando processos de mobilidade social ascendente, nos seus diversos parâmetros. São neste caso, fatores relevantes, o acesso

¹⁷ Almeida, João Ferreira de, *Classes Sociais nos Campos: Camponeses Parciais numa Região do Noroeste*, p.80

alargado e democratizado ao ensino, em especial ao ensino superior, uma maior acessibilidade a qualificações profissionais, entre muitos outros.

Para o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, no desenvolvimento da sua investigação sobre as homologias estruturais entre o espaço social das classes e o espaço dos estilos de vida, utiliza como peça nuclear o conceito de sistemas de disposições (*habitus*), “*sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de perceções, de apreciações e de ações*”.¹⁸ Para este autor são fundamentais as primeiras fases de socialização, as que ocorrem no quadro familiar, são as mais decisivas, uma vez que as diferentes condições sociais de existência dos indivíduos tendem a ser por eles interiorizadas na forma de sistemas de disposições, também elas igualmente distintas.

Nas últimas décadas, a utilização crescente da noção de estilo de vida, por parte de variadas perspetivas teóricas, parece ser um indicador em que há dificuldade, por parte das ciências sociais, em explicar de forma satisfatória, práticas, representações e processos sociais, utilizando apenas como recurso analítico a teoria de classes ou de estratificação social. Segundo Rodrigues (2010, p.245), essa dificuldade parece ser acrescida, quando se procura estabelecer uma análise dos estilos de vida segundo um modelo analítico que a sociologia, em particular, adotou para o estudo das estruturas, práticas e representações na ótica das classes ou estratos sociais. De modo inverso, prossegue o mesmo autor, a análise aos estilos de vida deve exigir uma perspetiva metodológica, com enfoque na realidade social.¹⁹

No trabalho pioneiro de Frédéric Vidal sobre o bairro de Alcântara²⁰ - um dos primeiros bairros industriais de Lisboa – são descritos espaços e populações instáveis e heterogéneos, mas demonstra que estes não se reduzem a uma soma de presenças individuais - “*é possível operar uma reaproximação entre os indivíduos que têm em comum não tanto posições mas comportamentos, trajetórias, maneiras de fazer, táticas ou estratégias*”. A vida em conjunto dos habitantes de Alcântara ilustra diferentes modos de integração social. As práticas relacionais podem basear-se na localidade de origem, no parentesco, na vizinhança, nas identidades profissionais ou na sobreposição destes fatores.

1.5 AINDA HÁ BAIRROS NA CIDADE?

O que é um bairro? Como se define? De acordo com um consenso entre várias definições pode-se considerar como aceitável a definição de bairro nestes moldes:

¹⁸Bourdieu, Pierre, (1979) *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*, Paris, Les Éditions des Minuit

¹⁹ Rodrigues, Walter, 2010; *Cidade em Transição, Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*, 1ª edição: junho 2010, Celta Editora, Apartado 151, 2781-901Oeiras, Portugal

²⁰Citado por: Pereira, Joana Vidal de Azevedo Dias (2012): *Espaços industriais e comunidades operárias: o caso de estudo português e a tradição historiográfica europeia Industrial*, Revista Brasileira de História, vol. 32, no 4- Dezembro de 2012

O bairro é uma parte da cidade habitada, que apresenta características distintas que a tornam reconhecível face às restantes zonas urbanas, podendo tais características distintivas ser de várias ordens; apesar disso, trata-se sempre de um conjunto urbano com função residencial dominante, identificável pela diferenciação sociológica.²¹

A importância dos bairros na cidade industrial era algo que não suscitava discussão no âmbito dos cientistas sociais, mas a partir dos anos 90, começam a surgir posições divergentes na sociologia sobre a existência ou não de bairros na cidade. Deparamo-nos com duas posições antagónicas na sociologia urbana francesa: uma que sobrevaloriza a “vida de bairro”; a outra que considera que esta tem tendência para desaparecer” (Authier, 2002).

Como refere Frédéric Vidal, qualquer adjetivo torna-se supérfluo, “o bairro é a forma urbana ou a maneira de viver a cidade ao mesmo tempo ideal e típica. Existe, neste uso, alguma coisa que revela a dificuldade de pensar a cidade moderna ou a grande cidade em Portugal. A palavra bairro é agora utilizada e reivindicada como signo de resistência face aos efeitos nefastos da urbanização em grande escala”. (Vidal, 2010: 67-68, tradução livre).²²

Em *Sociedade de Bairro*, Firmino da Costa analisa a malha urbana, vizinhança e redes sociais, do Bairro de Alfama, concluindo que a interação assenta em dois pilares fundamentais, a malha urbana e as redes sociais em que as pessoas estão envolvidas. Salienta ainda, com particular relevância, a interação através de processos de vizinhança, com repercussões, nas práticas sociais, culturais e identitárias.²³

Teresa Sá refere no seu artigo, que a discussão está presente na réplica de François Ascher e Francis Godard a um artigo de Jacques Donzelot publicado na revista *Esprit* (1999). Segundo Ascher e Godard, Donzelot tem uma visão mítica da «cidade industrial», onde o bairro tinha um lugar central, local de encontros e conflitos, de aprendizagem e de solidariedade. Trata-se, dizem Ascher e Godard de uma visão nostálgica da cidade industrial que tem subjacente uma postura crítica em relação à cidade atual, aos novos elementos que caracterizam hoje o espaço urbano em oposição aos antigos: transporte individual/ transportes coletivos, “não-lugares”/ lugares de convívio, «espaços de fluxos» /interações de proximidade, etc.²⁴

²¹ Conceição, Margarida Tavares da: *Dossier Bairros; A polissemia da palavra bairro, Compilação de notas para o estudo do conceito de bairro*; Técnica superior do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, onde integra equipa do SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. Investigadora do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Docente de Arquitetura Militar e Fortificação (séc.s XV-XVIII) no Mestrado em História da Arte da FCSH-UNL.

²² Citado por: Conceição, Margarida Tavares da: *Dossier Bairros; A polissemia da palavra bairro, Compilação de notas para o estudo do conceito de bairro*;

²³ Costa, António Firmino (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora

²⁴ Sá, Teresa, *A Cidade entre Bairros*, 1.ª ed. François Ascher “*La fines des quartiers?*”

* Professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL), Investigadora do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD).

O bairro transforma-se com o tempo, sendo o reflexo das lutas entre as várias classes sociais, da emergência de umas e da queda de outras. Bourdieu refere que toda a ação histórica coloca em presença dois estados da história, “a história no estado objetivado, ou seja a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, costumes, direito, etc., e a história no estado incorporado, que se transforma em *habitus*.”

De acordo com investigações realizadas nos anos 80, referidas por K. Lynch, o «bairro» pode não ser essencial para as suas relações sociais, mas é juntamente com as principais estradas uma peça fundamental na sua estrutura, torna-se um conceito de controlo e de sensibilidade. Já não é um espaço em que as pessoas se conhecem umas às outras, mas um espaço definido por todas as pessoas. O seu aspeto físico muda juntamente com a população e com diferentes formas de apropriação do espaço. Assim, pensar o bairro de uma forma diacrónica significa ver as transformações sociais que vão ocorrendo na própria sociedade.²⁵

Parece pois evidente que, a cidade é composta por um conjunto de bairros diferentes, mas estamos cientes de que esta é mais do que a mera soma dos seus bairros, tal como a sociedade é mais do que a soma dos indivíduos que a compõem (Durkheim). Lefebvre (1967, p.213) afirma que o bairro não define a realidade social, mas é uma unidade necessária, e conclui que “sem bairros, sem ruas, pode haver aglomerações, tecido urbano, megalópole. Deixa de haver cidade”.

As cidades cresceram à custa de gente vinda de fora. Mas, nas últimas décadas, a saída da população para a periferia deu lugar à entrada de alguns para residirem no centro histórico das cidades. Os pequenos armazéns, as oficinas e operários que ainda residiam no centro das cidades e nalguns dos seus bairros históricos foram sendo deslocados para zonas mais afastadas. “Incapazes de competir num mercado imobiliário que se valoriza, as zonas antigas nobilitadas, ou de subsistir à mudança da natureza social e económica dos espaços de residência e consumo (...), os antigos residentes vêem-se forçados a alternativas viáveis de local de residência, na cidade mais periférica ou mesmo suburbana” (Rodrigues:2010, p.120).

Parece ser incontestável que nas últimas décadas se tem assistido à formação de novos “tipos” de cidade, que alguns designam por pós-moderna²⁶. A cidade compacta, de limites precisos, dá lugar a um conjunto fragmentado²⁷, onde dos efeitos de coesão urbanística surgem

²⁵idem

²⁶Teresa Sá Marques (2002:pp.31-32) demonstro ainda a polissemia subjacente aos processos contemporâneos de urbanização, ditos “pós-moderno”, enunciando conceitos como *Exurbia* (Nelson,1992); (...) A investigadora refere que alguns autores consideram que os processos de urbanização ocorridos nos últimos 30/40 anos correspondem a diferentes formas de “modernismo”, pelo que podemos considerar a emergência de uma “urbanização pós-modernista”, enquanto outros consideram que nos encontramos apenas num período avançado de “modernismo”.

²⁷ “A cidade fragmenta-se e perde a sua unidade funcional. A fragmentação corresponde à existência de *enclaves* distintos e sem continuidade com a estrutura sócio-espacial que os cerca. Traduz o aumento intenso da diferenciação e a existência de ruturas entre os vários grupos que substituem a continuidade anterior, sendo particularmente visível no domínio da estrutura social e no território. Do ponto de vista social, cresce a segmentação não permitindo fazer uma leitura unidimensional nem hierárquica

formações territoriais mais complexas e descontínuas, tanto do ponto de vista social como espacialmente. Este fenómeno tem origem nos finais da década de 60, quando o mercado de habitação das cidades do capitalismo pós-fordista, correspondendo a uma crescente fragmentação do tecido social, provocou transformações significativas, através da procura de novos produtos imobiliários, que respondam a novos formatos de alojamento e que influenciaram de algum modo, a organização espacial urbana no sentido de uma maior segregação.

O centro tornou-se atrativo para novos residentes com estilos de vida que valorizam o ambiente urbano do centro das cidades. A existência de habitações com valor arquitetónico e residentes com novos estilos de vida tem alterado o movimento de saída do centro para a periferia gerando hoje um fenómeno inverso de regresso ao centro, fase de *reurbanização*. Lefebvre²⁸ chama a este tipo de transformação, de “racionalidade organizadora” e, assinala simultaneamente uma transformação dos edifícios existentes, dos seus habitantes bem como da própria vida de bairro, que vai ocorrer no mesmo espaço. (1980, p. 6). Trata-se aqui de reconhecer dois movimentos, um, a transformação das coisas, e o outro, a incorporação no *habitus* dessa transformação histórica.

A *reabilitação* é um processo integrado sobre uma área que se pretende manter ou salvaguardar. Geralmente envolve o restauro ou conservação dos imóveis (reabilitação física) e a revitalização funcional, ou seja, a dinamização do tecido económico e social (T. Salgueiro:1992). Ao manter-se as características funcionais, aumenta-se a capacidade de atração, quer para os habitantes, quer para o exercício de atividades económicas e sociais compatíveis com a residência. De volta ao bairro, parece consensual que este é um elemento importante na construção dos laços sociais que se estabelecem entre os indivíduos e nas suas relações, a um nível mais amplo, com a sociedade. Como refere Wirth (1983), a propósito de uma das oposições mais usadas na análise das realidades urbanas, é o enfoque dado na relação entre o próximo e o distante, o chamado nó da urbanidade, a que corresponde em simultâneo a proximidade física e a distância social.

1.6 MUDANÇA URBANA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A mudança urbana tem um aspeto objetivo e outro construído, desde logo no plano das representações sociais.

O conceito de representações sociais tem sido desenvolvido no âmbito das ciências sociais (por exemplo, por João Ferreira de Almeida, Jorge Correia Jesuino, Jorge Vala, José Madureira Pinto, Pierre Bourdieu ou Serge Moscovici) designando, genericamente, ideias e

do espaço social porque as tendências para uma quase pulverização dos grupos requerem uma leitura multidimensional, como um caleidoscópio” (Salgueiro, 1997).

²⁸ Citado por Teresa Sá, Professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL), Investigadora do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD), em *A Cidade entre Bairros*, vd Francois Ascher “*La findes quartiers?*”.

conceções que as pessoas fazem sobre a realidade. Estas ideias e conceções constituem um mapa que serve de guia das práticas e comportamentos, e estão associadas a características sociais dessas pessoas. O tema foi proposto por Émile Durkheim, com a introdução do conceito de "representação coletiva".

A finalidade das representações sociais é classificar os eventos da vida social segundo uma grade de interpretação grupal, permitindo ações relativas a esses acontecimentos. Segundo Moscovici (1961), a representação social é uma forma de conhecimento que visa transformar o que é estranho em familiar, por meio da agregação da novidade a estruturas de conhecimento já existentes e dotadas de certa estabilidade.²⁹

De acordo com alguns autores, a representação do real é construída a partir da interação de cada indivíduo, e desenvolve-se segundo um processo lento de clarificação perceptiva, que gradualmente vai calibrando, selecionando e categorizando a informação recebida, e construindo os núcleos figurativos, cada vez mais autónomos e simbólicos. E, segundo os mesmos autores, desde muito cedo assim acontece na vida de todos nós. A formação e desenvolvimento de representações e símbolos, tal como foram descritos por Winnicott e Piaget³⁰, revelam a natureza dos processos subjacentes à formação das representações sociais.

O desenvolvimento do conceito de representações, tem vindo a evoluir, especialmente nas últimas décadas, intimamente ligado à análise das percepções, cujas virtualidades atribuímos com frequência ao senso comum e, na maioria das vezes à visão que cada um de nós tem sobre o mundo, e que frequentemente nos serve para tomadas de posição e agir enquanto atores sociais. Deste modo é implicitamente reconhecida a dimensão cognitiva do conceito de representação e consequentemente a sua importância nas dinâmicas de interação social, como fator determinante das práticas.

A teoria das representações sociais³¹ concebida por Moscovici apoia-se no princípio de que o estudo da evolução do conhecimento social pertence ao campo da intervenção e das

²⁹Wachelke, João Fernando Rech e Camargo, Brígido Vizeu; *Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento*; mestre em psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador associado do Laboratório de Psicossociologia da Comunicação e Cognição Social (LACCOS) e doutor em psicologia social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e professor associado do departamento de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. É coordenador do Laboratório de Psicossociologia da Comunicação e Cognição Social (LACCOS), respetivamente. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology* - 2007, Vol. 41, Num. 3 pp. 379-390

³⁰Os estudos de Winnicott e Piaget sobre a formação e desenvolvimento de representações e símbolos, oferecem-nos uma explicação dos mecanismos pelos quais os fatores sociais agem sobre o processo de interiorização dos conceitos, de uma forma progressiva e resultando de uma interação com o ambiente que rodeia os indivíduos. Queremos dizer, desta forma, que estes autores defendem que as construções cognitivas são simultaneamente, culturais, afetivas e também morais (Cavaco, 2002; Jovchelovitch, 2007). Citado em: Cavaco, Gabriela Perdigão de Almeida; *Um Museu na Cidade Representações Sociais de uma Unidade Museológica em Transformação no Centro de Lisboa*; Tese apresentada para a obtenção do grau de Doutor em Museologia no Curso de Doutoramento em Museologia, Março de 2007, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

³¹ Sofia d'Aboim Inglez, Mónica Truninger, Pedro Vasconcelos, *Notas sobre as Representações Sociais e o habitus: esboço de uma análise comparada*, *Revista Psicologia*, XI, 2/3, 1996, pp. 139-

dinâmicas da organização social. Moscovici (1961) considerou que as representações sociais eram uma “modalidade particular de conhecimento que tem por função a elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos”, ou seja, reconhece que o conhecimento tem uma função de adaptação às envolventes externas de cada indivíduo e uma função social de comunicação.³² Por outro lado, defende que o termo *cognitivo* não será o mais preciso quando aplicado ao fenómeno social, parecendo-lhe mais apropriado o *simbólico*, reforçando deste modo, a ênfase que a teoria das representações sociais atribui ao simbólico.

Para Denise Jodelet (1994), a representação social tem de envolver um elemento ativo de construção e reconstrução permanentes, ou seja, o indivíduo ao elaborar mentalmente uma construção no seu processo de desenvolvimento, vai transformando naturalmente essa elaboração. Ainda de acordo com a investigadora, os indivíduos na construção das suas representações sociais, mobilizam o seu caráter imaginativo, construtivo, a sua autonomia e criatividade e a sua natureza social. (Jodelet, 1994)³³

Perceber as mudanças que se vão produzindo na paisagem urbana passa, não apenas, por conhecer as alterações objetivas nesse âmbito, mas também por registar e compreender as representações sociais sobre esses processos enquanto significados interiorizados pelos diferentes protagonistas sobre a mudança urbana.

A paisagem urbana corporiza de certa forma, muito da materialização mais imediata e momentânea da vida social. Através da sua observação, é-nos revelado o quotidiano, as representações, seus significados, visões do mundo e das relações da sociedade com o ambiente. Cada imagem constitui um conjunto único, mas ao mesmo tempo complexo dado que poderá ser demonstrativo de culturas diversas e identidades socio espaciais.

1.7 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Tratando-se de uma prática científica que é simultaneamente prática social, tem a mesma de estar quer do ponto de vista histórico, quer cultural, inserida no contexto social em que a mesma de inscreve. Tal como referem Quivy e Campenhoudt, no seu Manual de Investigação em Ciências

158 Decorrentes dos fatores sócio-cognitivos e sociais da sua génese, bem como das funções que levam a cabo, podemos apontar três grandes parâmetros que condicionam a constituição das representações sociais. São eles a dispersão da informação (a informação está diferencialmente distribuída pelo espaço social), a focalização (as trajetórias individuais e as pertenças grupais equacionam um âmbito de visibilidade social e o grau de estruturação de dada representação social sobre um objeto particular) e a pressão à inferência (necessidade de apelar a quadros de sentido para a rápida tomada de posições e opiniões práticas, individual e grupalmente).

³² Citado por: Cavaco, Gabriela Perdigão de Almeida; Um Museu na Cidade Representações Sociais de uma Unidade Museológica em Transformação no Centro de Lisboa; Tese apresentada para a obtenção do grau de Doutor em Museologia no Curso de Doutoramento em Museologia, Março de 2007, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

³³ Idem

Sociais, “há hipóteses teóricas que devem ser confrontadas com dados de observação ou de experimentação. Um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objetivo”.³⁴(p.25) Não se realiza no abstrato motivada por grandes proposições idealistas de verdade, razão ou racionalidade, mas antes porém no concreto, limitada pelas possibilidades e constrangimentos das relações sociais. Assim, como já defendia Marx, “não é a consciência que dita a vida, mas a vida que dita a consciência”(Marx,1993:37)³⁵.

É dando corpo a esta premissa, que orientámos a elaboração do presente trabalho, introduzindo uma breve resenha histórica, passando à discussão da importância da existência dos bairros na cidade, das alterações da estrutura do tecido urbano, da relevância do património e de novas formas de ocupação e habitação, bem como das interações e recomposições sociais.

Através do método de análise documental, procedeu-se à consulta e análise de textos científicos, revisão da literatura, recolha e análise de dados estatísticos das bases de dados do INE, Observatório da Luta Contra a Pobreza na Cidade de Lisboa, Pordata, CML e Junta de Freguesia de Alcântara, o que permitiu articular elementos historiográficos recentes do bairro de Alcântara. Para registar e compreender as representações sociais sobre o processo de mudança urbana no bairro, foram realizadas sete entrevistas semi-diretivas estruturadas, com base em guiões elaborados para o efeito em (anexo), que foram conduzidas de forma flexível, permitindo-nos potenciar os seus resultados através da grelha de análise de entrevista, elaborada para o efeito. Os entrevistados, correspondem na sua diversidade e no essencial, ao critério previamente estabelecido, três novos residentes, dos quais dois são residentes em condomínios fechado (um) e semi-aberto (outro), dois ex-trabalhadores de indústrias já desaparecidas, um dirigente de Coletividade de Cultura e Recreio, um ex-autarca e um empresário (cabeleireiro).

Parte significativa da investigação, teve como método a observação direta no terreno; foram produzidas várias observações diretas em Alcântara, que ocorreram em várias fases do desenvolvimento deste trabalho. Atendendo à dimensão da área da Freguesia de Alcântara, o enfoque destas ações, teve maior incidência, no que designamos por “eixo Rua de Alcântara, Calvário, Rua 1º de Maio, Rua Luís de Camões, Alto de Santo Amaro”, o Lx-Factory, novos complexos habitacionais em condomínios privados, também áreas onde ocorreram processos de reabilitação, com o objetivo de perceber quem são os novos moradores, uma passagem por uma das Vilas Operárias que ainda existem, bem como verificar que novos tipos de comércio e serviços se desenvolveram. Participámos ainda nos eventos relacionados com os Santos Populares, quer na chamada Romaria de Sto. Amaro, como no arraial na Academia de Santo Amaro.

³⁴Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt; *Manual de Investigação em Ciências Sociais*; Gradiva Publicações Lda. 4ª edição 2005.

³⁵ Citado por Mineiro, João N Ribeiro, *O campo universitário português: transformações e disputas entre 1988-2015* Dissertação de Mestrado em Sociologia, ISCTE-IUL 2015.

Destas ações de análise observacional, resultaram a recolha de diversos materiais em registo, fotográfico e apontamento escrito.

2. ALTERAÇÃO DA ESTRUTURA URBANA

A situação de prosperidade económica, ligada ao incremento da atividade industrial, de que Alcântara era importante polo, manteve-se até finais dos anos 30 do século XX, começando a verificar-se partir de então um declínio no investimento e abandono da atividade industrial, processo que se verifica até aos dias de hoje. É, fundamentalmente, com a saída da Companhia União Fabril (CUF) para o Barreiro que se inicia o processo de desindustrialização.

O tecido urbano fragmenta-se, especializa-se funcionalmente e a segregação social consolida as desigualdades. Salgueiro (1998), considera que o território está marcado pela existência de enclaves territoriais distintos e sem continuidade com a estrutura sócio espacial que os cerca. Coloca-se à cidade o desafio de “contrariar as tendências de uma cada vez maior segregação sócio espacial que o custo dos bens urbanos está a provocar”. Este desafio é de origem económica e sociopolítica “uma vez que o primado da economia está a destruir, cada vez mais a capacidade de convivência sócio espacial gerando formas altamente segregadas de ocupação territorial” (Vilaça e Guerra, 1994: 81).

Alcântara, apesar de tudo, manteve uma cultura operária ainda hoje patente, num conjunto de símbolos bem visíveis na paisagem urbana, e que se faz sentir também, nas populações através de um forte sentido de comunidade, marcado pela existência de um dinâmico tecido associativo.

Com o processo de industrialização e urbanização, criou-se um complexo e hierarquizado sistema de classes sociais³⁶, que se traduziu numa verdadeira competição para atingir um *status*³⁷ social superior através da acumulação de riqueza ou da melhoria da qualificação profissional e, na luta pela mobilidade social ascendente. Estes processos tendem a uma incidência na segregação social no espaço residencial, passando este a ter a importância e um valor simbólico. Como reflexo da desindustrialização, desativação e abandono das instalações fabris, sem que lhes tenham sido dados novos usos, que permitam de algum modo revitalização económica e social desta área, conferem à paisagem urbana, ainda hoje, uma imagem de degradação e abandono.

Está-se portanto perante uma malha urbana a que alguns autores designam por “esventrada”, muito por ação das intervenções estruturantes ali operadas, como foram a construção da Ponte sobre o Tejo e o prolongamento da Av. de Ceuta, obras concretizadas na segunda metade do século XX, tendo estas intervenções contribuído negativamente para a

³⁶ Para Bourdieu a definição de “classe social” deve passar por um conjunto de “propriedades objetivadas”, caracterizadas pela posse de diferentes tipos de recursos, não apenas económicos: uma posição estrutural de classe será definida pela posse variável de “capital” económico, social e cultural (ou simbólico). A definição das classes sociais passa, assim, pela análise concreta da relação que, numa determinada sociedade se estabelece entre essas três formas de capital.

³⁷ Weber (1989) refere que a esfera do *status* é a do prestígio ou da honra social (no sentido de a boa sociedade). “O *status* relaciona-se com a classe sobretudo do ponto de vista dos padrões de consumo: é frequente a existência de um estilo de vida em termos económicos como condição necessária para a pertença a um grupo de *status*” (Ferreira et al., 1995).

fragmentação do tecido urbano e, conseqüentemente para a vivência urbana. Alcântara e toda a sua comunidade sofreram grandes fraturas territoriais e sociais em consequência da contínua desindustrialização e deslocalização de empresas, provocando desemprego e, a deslocação de parte dos seus habitantes, nomeadamente muitos operários, que foram para onde se instalaram as fábricas ou para as suas terras de origem. Foi, no entanto, a construção da Ponte que pela sua dimensão, a que maiores impactos provocou, obrigando à deslocalização para outras zonas da cidade, e conseqüente realojamento de muitas pessoas cujas habitações foram demolidas para dar lugar à construção de pilares e outras infraestruturas como acessos, à Ponte. Daqui resultaram grandes vazios urbanos, propiciadores de clivagens sociais e de atividades e comportamentos marginais³⁸.

2.1 REESTRUTURAÇÃO ECONÓMICA NO ESPAÇO URBANO

Ao longo dos últimos vinte, trinta anos, têm surgido inúmeras reflexões em que as cidades do mundo ocidental ingressaram numa nova fase da sua história, assistindo-se a um novo tipo de cidade, a que alguns designam por cidade pós-moderna.

Sendo dado como certo que a emergência deste tipo de cidade do capitalismo tardio, não anula nem substitui de modo automático a cidade moderna do capitalismo industrial, a verdade é que as fases de transição não deixam margem para dúvidas no delinear de uma nova forma de organização do espaço urbano.

Nestas transições contribuem variadíssimos aspetos, e produzem-se importantes alterações nos domínios, demográfico e sociocultural, como alterações na estrutura e composição da família, verificando-se um crescente aumento das famílias monoparentais, uniões de facto, uma quase plenitude da participação da mulher na esfera produtiva, acesso universal e democratizado ao ensino entre outros.

Todos estes fatores contribuem de forma igualitária, para uma alteração significativa da estrutura social e dos padrões, condutas e estilo de vida a eles associados, nomeadamente na escolha do seu habitat.

Nas duas últimas décadas do século XX, as cidades europeias foram afetadas pela emergência de um novo ciclo urbano, associado à mundialização da economia e à afirmação da sociedade da informação e do conhecimento. Lisboa não podia ficar muito mais tempo no imobilismo resultante de um atraso de décadas.

O declínio da atividade industrial traduziu-se numa desqualificação urbanística e funcional generalizada, com a subsistência de construções industriais obsoletas e o surgimento de

³⁸Araújo, Luísa Manuela Soares; *Estudo de caso- Alcântara XXI- Lisboa*; Malha Urbana – Revista Lusófona de Urbanismo, n° 27 – 2009.

terrenos expectantes, a degradação de núcleos habitacionais e o desaproveitamento da proximidade ao rio.

Segundo Jorge Gaspar (1999), começaram a desenhar-se nos finais do século XX sinais de transição de um novo ciclo, mais marcadamente terciário com o avanço da desindustrialização, a reestruturação da atividade portuária e o despontar de novas atividades. Embora, não se traduza claramente, numa alteração sócio demográfica ou numa regeneração urbanística da área.

“As Docas reativaram muito aquela zona ribeirinha e posso dizer que foi altamente positiva”,³⁹

O processo de desindustrialização, em Alcântara bem como em outras zonas da cidade, como na zona oriental (iniciado na década de 80), não foi acompanhado de medidas de conservação de edifícios e de espólio, nem da sua recuperação e reconversão (Deolinda Folgado e Jorge Custódio, em *Caminho do Oriente*). Entre algumas exceções, está por exemplo a Central Tejo e a Fábrica de Sant’Ana.

O plano de 1967, ao definir uma crescente terciarização da cidade de Lisboa, contribuiu também significativamente, para a saída das indústrias de Alcântara. A Companhia União Fabril (CUF) apresenta em 1974 uma das primeiras propostas de reconversão e reurbanização da área industrial de Alcântara, sugerindo torres de habitação e de escritórios, a partir dos princípios da Carta de Atenas. Muitos outros planos foram definidos e propostos para esta área, na procura de uma solução para os problemas de tráfego e também da qualidade habitacional. Durante 30 anos nenhum plano foi aprovado ou completamente concretizado, mas materializou a vontade do poder político e dos privados em criar grandes operações imobiliárias que tomem partido da desindustrialização.

“Hoje quase todos estes espaços estão transformados em condomínios habitacionais de Luxo, em que cada apartamento não custa menos de 1 M €”⁴⁰.

(...) “a R. Luís de Camões onde eram as Oficinas da Metalomecânica da CTM (C^a. Port. Transp. Marítimos) está hoje um condomínio fechado, é o Alcântara Residence, (...) onde era a Fábrica da Regina está hoje um Condomínio com casas bastante caras, (...) mesmo ali nas escadinhas onde ficava a Fábrica dos Alfinetes está um condomínio. O que não foi ainda transformado em condomínios de habitação, está naquilo a que se chama zona expectante, como é do espaço anteriormente ocupado pela SIDUL”⁴¹

³⁹Afirmação de ex-autarca de Alcântara em entrevista.

⁴⁰idem

⁴¹idem

2.2 O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DE ALCÂNTARA

A “‘fábrica’ é o lugar redundante onde a estética moderna encontra o próprio programa moderno, nada tem de ‘natural’, ou enraizado no tempo, como a habitação, a igreja, ou o cemitério. A ‘fábrica’ é um objeto destinado a cair. Ou a permanecer como uma ruína da modernidade (...)”.⁴²

Foi no século XIX que se instalaram várias indústrias em Alcântara, aproveitando a energia hidráulica que vinha da ribeira, foi uma fase de expansão, em que foram introduzidos em Portugal modelos de construção de diferentes países Europeus. A Fábrica de Fiação e Tecidos Lisbonense, uma das primeiras, construída de raiz, foi a primeira construção em pedra e ferro em Portugal, mais tarde aqui funcionaram a Companhia Nacional Portugal e Colónias, as Tipografias do Anuário Comercial de Portugal e a Gráfica Mirandela.

O património industrial é um elemento essencial para o entendimento da cidade e da sociedade, e a análise da sua evolução ao longo dos séculos XIX e XX, constitui importante contributo para um desenvolvimento mais sustentável e harmonioso entre o passado e o presente, mantendo ao mesmo tempo, a identidade e singularidade de cada local.⁴³ Nos casos em que este património se encontra imerso no espaço urbano, justifica-se não só a sua preservação, mas também a sua adaptação à contemporaneidade. São disto exemplo o Museu do Oriente, antigos armazéns da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, e o Lx-Factory, antiga zona onde funcionavam um conjunto de fábricas e oficinas, com níveis de intervenção diferentes, de carácter permanente e temporário, mas ambos os exemplos, baseando-se na mesma premissa.⁴⁴

Numa fase em que se perspetivava a transferência da Gráfica Mirandela para outro local, o que veio a acontecer uns anos mais tarde, e à semelhança do que já tinha acontecido na década de 60, em que Nova Iorque teve a sua Factory de Andy Warhol, descrita como um local onde todos os dias algo de novo acontece, em 2008, nasce em Lisboa, inserido no âmbito do projeto Alcântara XXI, nas instalações da antiga Companhia de Fiação Lisbonense (fundada em 1846), o Lx-Factory com objetivo de reaproveitar espaços abandonados.

No caso vertente, uma das mais emblemáticas estruturas ali montadas a livraria Ler Devagar instalada em redor de uma das maiores rotativas existentes no país, com três andares, coabitou em paredes meias, cerca de 3 anos, com a Gráfica Mirandela, último ocupante do espaço. Atualmente, numa área com cerca de 43000m², existem cerca de 200 empresas, trabalham mais de 1500 pessoas e em grande medida o espírito deste complexo é o Cowork, sistema de espaço

⁴² Vaz Milheiro, Ana, 2005. “*O final da fábrica, o início da ruína*”, A arquitetura da indústria, 1925-1965 Registo Docomomo Ibérico, Fundação DOCOMOMO Ibérico, Barcelona, pp. 91-93.

⁴³ Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, Património Arquitetónico — Geral, Lisboa, IHRU, IGESPAR, 2010 (Kits - património, nº 3, versão 1.0)

⁴⁴ Silva, João Manuel Pereira da; “*reutilização de Edifícios Industriais em Lisboa para a criação de Residências Universitárias*”; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Outubro 2012, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa.

de trabalho partilhado por profissionais de áreas diversas. É uma autêntica “ilha Criativa”, segundo alguns uma “cidade dentro da cidade, o Lx-Factory une a sustentabilidade da tradição com a inovação da modernidade”. Pode-se dizer que criou uma unidade de produção, juntando naquele espaço cheio de história da indústria portuguesa, uma nova realidade industrial, consubstanciada na transação de produtos culturais⁴⁵.

Entre os edifícios industriais que pontuam a paisagem de Alcântara, vários são aqueles que podem ser tidos em conta enquanto alvo de reutilização para uma residência, existindo também aqueles que não se integram neste lote devido ao facto de se encontrarem já recuperados, ocupados ou com características espaciais, como por exemplo o da antiga fábrica de Lâmpadas Osram, transformado num dos dois “*Loftliving*” existentes em Lisboa.

Refiram-se também alguns exemplos de fábricas cujos vestígios são mínimos ou até mesmo nulos, como o caso da Fábrica União, em que o único sinal visível da sua existência é uma chaminé no Largo das Fontainhas e da Fábrica de Chocolates Regina, totalmente substituída por um condomínio privado.

2.3 NOVAS FORMAS DE OCUPAÇÃO E HABITAÇÃO: OS CONDOMÍNIOS FECHADOS E OS *LOFTS*

Este novo tipo de ocupação do espaço, que se manifesta, nomeadamente, através dos condomínios fechados, da gentrificação e dos *lofts*⁴⁶, veio alterar a estrutura interna da cidade. Áreas degradadas ou antigas áreas industriais ou de armazéns, são requalificadas e revalorizadas com a implantação destas novas formas de habitação, lazer e ocupação, tornando-se, novamente atrativas, sendo este um dos aspetos positivos deste processo.

Na Av. 24 de Julho, numa antiga fábrica de lâmpadas com cerca de 100 anos, surge o primeiro *loft* que se conhece em Portugal. Inicialmente o projeto previa dois tipos de ocupação: comércio ou serviços no piso térreo e habitação nos restantes pisos. No entanto, como este tipo de ocupação implicaria alterações significativas na estrutura do edifício, optaram por eliminar os

⁴⁵ Carvalho, Gonçalo José Veloso Queirós de; “*A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Atividades e Espaços de Cultura*, Caso de estudo: LX Factory; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura; Novembro 2009; Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa.

⁴⁶“O termo *loft* designa um espaço amplo destinado a armazém ou similar. Em arquitetura, é o espaço superior de um edifício ou uma grande área não dividida dentro de um edifício reservada para o armazenamento de bens quer seja para fins comerciais ou industriais”(Lucília Gaspar). Definem-se pela reconversão de edifícios industriais (armazéns, fábricas, centrais elétricas...) em espaços de habitação e/ou local de trabalho, mantendo as características dos edifícios industriais – altíssimos pés direitos, grandes vãos, tubagens à vista.

serviços, ficando apenas a habitação como única forma de uso, destinando o piso térreo ao estacionamento.

Hoje, o *Loft* é sobretudo “uma tipologia habitacional”, caracterizada pelo “open-space”, em que o duplo pé-direito, para além de permitir uma grande luminosidade, é aproveitado geralmente para a construção de uma mezzanine, onde se localiza o (s) quarto (s) e respetiva WC. “Viver num *loft* é quase como viver numa montra” (Sandra Pereira, cita Zukin (2012, p.200).

Encontramos, também, empreendimentos, alguns de luxo, frequentemente sob a forma de condomínios fechados (CFs). Principalmente, a partir de 1998, uma parte importante, e crescente, da oferta de habitação dirigida aos segmentos médio e médio-alto do mercado passou a ser em condomínio fechado. As classes, média, média-alta e alta são usualmente tidas como os residentes de CFs. Estes espaços assinalam preocupações com questões de segurança e refletem mudanças culturais e o advento de novos estilos de vida. Correspondem a uma forma sócio espacial residencial que contempla um conjunto diverso de soluções de habitação (edifícios isolados e conjuntos de edifícios de apartamentos; conjuntos de moradias; conjuntos mistos que incluem os dois tipos anteriores). Tem equipamentos privados ou privatizados de utilização coletiva (ruas, piscinas, campos de ténis, jardins), controlo de acesso.

Refiram-se alguns exemplos de fábricas cujos vestígios são mínimos ou até mesmo nulos, como o caso da Fábrica União, em que o único sinal visível da sua existência é uma chaminé no Largo das Fontainhas e da Fábrica de Chocolates Regina, totalmente substituída por um condomínio privado. Estas novas formas de habitação vêm alterar a lógica de organização interna da cidade, Lucília Gaspar faz referência às “novas elites” em Santa M^a dos Olivais e acrescenta que “não só agravam ou promovem a segregação sócio espacial como vão no sentido da criação de uma sociedade cada vez mais individualista, podendo provocar conflitos entre as classes excluídas e autoexcluídas. A criação de pequenos núcleos segregados no espaço urbano leva ao enfraquecimento das relações de vizinhança, podendo afetar toda a comunidade urbana e a sociedade no seu conjunto, na medida em que diminui o sentido de solidariedade e a coesão social”.

Os processos de recomposição social e espacial do espaço urbano sugerem-nos, ainda a problematização de uma representação dicotómica do espaço urbano, alicerçada nos pilares centro periferia. É portanto razoável admitir que esta crescente dualização de partilha do espaço urbano, tende a gerar ruturas não só de caráter social e/ou territoriais, mas sobretudo simbólicas.⁴⁷ Segundo Simmel, o espaço só tem sentido mediante processos complexos de produções e de apropriações

⁴⁷Guerra, Paula em “A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objeto complexo”

sociais, isto é, “a ação recíproca converte o espaço, antes vazio, em algo, (...) já que torna possível a dita relação.”⁴⁸

2.4 CARACTERIZAÇÃO RECENTE DA FREGUESIA DE ALCÂNTARA

De acordo com os dados disponíveis, Alcântara tem uma área aproximada de 4,40 Km², que corresponde a 5,1% da área total da cidade, a população residente em 2011 (último Censos) é de 13.943 habitantes assim divididos por género Masculino, 6.254 e Feminino 7.689⁴⁹.

A freguesia apresenta, em 2011, um índice de envelhecimento de 245,4%, muito superior à média da cidade de Lisboa que se situa nos 182,8%, trata-se portanto de uma população bastante envelhecida (ver Gráfico 1 em anexo). Verifica-se ainda que o índice de dependência de idosos é de 48,1% e o de jovens é de 19,6%.⁵⁰

No período 2001 a 2011, perde 32% dos jovens com idades compreendidas entre os 15 a 24 anos, mas curiosamente, ganha no mesmo período 26% de crianças até aos 14 anos. Apesar disso Alcântara fica abaixo da média verificada em Lisboa quanto ao número de famílias com pessoas com menos de 15 anos e acima, nas que têm pessoas com mais de 65 anos.⁵¹(ver Quadro 5.2 em anexo)

Em termos de escolaridade a população de Alcântara tem vindo a melhorar os seus indicadores, em linha com os índices verificados no conjunto da cidade de Lisboa, conforme dados referentes à proporção de população residente que completou o ensino superior, nos decénios de 1991, 2001 e 2011, (quadro 1.2 e Gráfico 2.2 em anexo).

⁴⁸Para Georg Simmel, “O espaço é uma forma que em si mesma não produz nenhum efeito (...) não são as formas da proximidade ou distância espaciais que produzem os fenómenos de vizinhança ou afastamento, por mais evidente que isto pareça. (...) Estes factos são produzidos exclusivamente por fatores espirituais, e se se verificam dentro de uma forma espacial, e não têm em princípio mais relação com o espaço do que uma batalha ou uma conversação telefónica possa ter com ele, apesar destes acontecimentos não se poderem efetuar a não ser dentro de determinadas condições espaciais. (...) O que tem importância social não é o espaço, mas as conexões das partes no espaço, produzidas por fatores espirituais”, Sociología, 2 - Estudios sobre las Formas de Socialización, Madrid, Alianza Editorial, 1986, p. 644. (citado por Paula Guerra em “A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objeto complexo”p.78)

⁴⁹ Fonte dos dados: INE e Observatório de Luta Contra a Pobreza na Cidade de Lisboa

⁵⁰ Idem

⁵¹Fonte: Censos de 2011 (soma das subsecções estatísticas - BGRI - pela sobreposição dos limites das novas freguesias); SIGU - Sistema de Indicadores de Gestão Urbanística, Março de 2013

Quadro 1.2 – Proporção da população residente com ensino superior completo

Local de residência	Proporção da população residente com ensino superior completo (%) (1991 - 2011)					
	Período de referência dos dados					
	1991	2001	variação 1991-2001	2011	variação 2001-2011	variação 1991-2011
	%	%	%	%	%	%
Lisboa	11,79	21,01	9,22	33,63	12,62	21,84
Alcântara	8,40	15,64	7,24	27,2	11,56	18,8

Fonte: INE Censos 2001 e 2011:⁵²

No que concerne ao abandono escolar, de acordo com os dados do INE referentes ao ano 2011, corrigidos em 2015, a taxa relativa a Alcântara é mais baixa do que a média da cidade de Lisboa, situando-se nos (1,15%), (Quadro 6.2 em anexo).

Relativamente à população empregada por atividade económica, evidenciam-se as atividades de comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis e motociclos (12,16%), atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares (10,19%), alojamento, restauração e similares (10,03%), educação (9,64%), atividades de saúde humana e apoio social (9,44%). Salienta-se ainda que as atividades relativas ao setor industrial, representam cerca de (6.0 %). (Quadro 7.2 em anexo).

É ainda de salientar como dado relevante, o facto de nas últimas duas décadas censitárias, se ter registado um aumento na proporção de profissionais socialmente mais valorizados a residir na freguesia, cifrando-se nos cerca de 37%, o que corresponde ao dobro do registado em 1991, como se verifica no Quadro 2.2.

Quadro 2.2 – Proporção de profissionais socialmente mais valorizados (%)

Local de residência	Proporção de profissionais socialmente mais valorizados (%) por Local de residência; Decenal		
	Período de referência dos dados		
	1991	2001	2011
	%	%	%
Lisboa	21,82	30,86	42,46
Alcântara	17,89	25,80	36,93

Fonte:INE

⁵² Lago, Pedro M Carvalho (2015) A Desindustrialização em Alcântara – consequências sociais e urbanas. Dissertação de Mestrado em Sociologia; ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

De acordo com os dados de 2011, quanto ao alojamento, há mais edifícios e alojamentos em Alcântara do que em 2001, embora haja menos indivíduos, verificando-se um decréscimo populacional de cerca de 3,46% relativamente ao censo anterior. Alcântara tem um edificado antigo, como se pode constatar através da análise do Quadro 3.2, compõe-se essencialmente por prédios baixos, revelando uma maior importância da construção em altura a partir da década de 60, sendo que a partir de 80 se verifica um decréscimo do número de construções. O período construtivo vem desde antes de 1919 até 1980, sendo o período intermédio (1919-1945) o de menor peso. Os alojamentos, de ocupação predominantemente residencial, têm na maioria 3 a 4 divisões (59%), mas também 5 ou mais (35%), verificando-se que apesar disso têm áreas (m2) médias (53%) a pequenas (26%). Nestas características, a diferença mais marcante com a Cidade surge na dimensão dos alojamentos, que aqui têm áreas de valores médios e grandes.⁵³

Quadro 3.2- Edifícios, segundo o número de pisos, por época de construção

Zona Geográfica	Edifícios segundo o número de pisos							
Época de construção	Total	1 piso	2 pisos	3 pisos	4 pisos	5 pisos	6 pisos	7 ou mais
Alcântara	1659	490	245	279	291	160	101	93
Até 1919	538	224	111	112	63	28	0	0
1919 - 1980	998	255	131	156	194	105	81	76
1981 - 1990	18	4	0	1	2	3	2	6
1991 - 2000	47	1	1	6	22	8	2	7
2001 - 2011	58	6	2	4	10	16	16	4

Fonte: INE

Na análise ao Quadro 4.2, relativo a indicadores definidores de qualidade das condições de habitabilidade, verifica-se que Alcântara embora com valores percentuais inferiores à média da cidade, acompanha positivamente a evolução na melhoria da qualidade da habitação. Refere-se, ainda, como um dado curioso, o facto de o valor percentual dos alojamentos com ar condicionado (6,4%), ser equivalente à proporção dos edifícios construídos nas últimas duas décadas face ao total do edificado na Freguesia (6,3%).

⁵³ Fonte: Censos de 2011 (soma das subsecções estatísticas - BGRI - pela sobreposição dos limites das novas freguesias); SIGU - Sistema de Indicadores de Gestão Urbanística, Março de 2013

Quadro 4.2 - Alojamentos familiares de residência habitual, com garagem ou lugar de estacionamento, e existência de ar-condicionado, (2011).

Período de referência dos dados	Localização geográfica	Alojamentos (N.º) por localização geográfica e Tipo (alojamento)	Alojamentos familiares de residência habitual (N.º e %) por localização geográfica e existência de lugar de estacionamento ou garagem; (à data dos Censos)		Alojamentos familiares de residência habitual (N.º e %) por localização geográfica e existência de ar condicionado; (à data dos Censos)	
		Tipo (alojamento)	Existência de lugar de estacionamento ou garagem		Existência de ar condicionado	
		Clássicos	Tem estacionamento ou garagem		Com ar condicionado	
		N.º	N.º	%	N.º	%
2011	Lisboa	322865	57295	17,7	31789	9,8
	Alcântara	8886	873	9,8	573	6,4

Fonte: INE

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE MUDANÇA SOCIAL E URBANA EM ALCÂNTARA

Ao fazer uma abordagem exploratória sobre a dimensão ideológica que estará implícita nas representações que os diferentes indivíduos apresentam dos territórios urbanos onde habitam ou trabalham, não se tratando de noções definidoras de conceitos objetivos, são certamente, construções sociais e culturais que vão variando ao longo do tempo em função de um conjunto de fatores, mas que produzem representações sociais⁵⁴ sobre as alterações no meio envolvente. As representações ocorreram de informações, percepções e relações sociais, inerentes à prática social dos moradores do bairro de Alcântara, que no seu dia-a-dia inferem informações dos mais variados meios e, com base nisso, constroem as suas representações.

No Quadro seguinte estão sintetizados resultados gerais da análise das representações sociais dos entrevistados relativamente à mudança social e urbana sobre: Alcântara antiga, Alcântara nova, sobre renovação e reabilitação urbana, e interações.

Quadro 1.3 - Esquema síntese das representações sociais sobre mudança social e urbana em Alcântara

Representações sociais sobre mudança social e urbana	Dos Moradores e trabalhadores antigos (total de 4 entrevistados)	Dos Novos residentes (total de 2 entrevistados)	ASA
Sobre Alcântara Antiga	<ul style="list-style-type: none"> ▪ unanimidade na forma como descrevem o ambiente: operários, bilhete operário, as pessoas conheciam-se; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ falam do que ouviram e/ou leram; ▪ fazem uma reprodução da história do bairro com uns resquícios do que ouviram; ▪ ambiente operário, popular; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ eram centenas de pessoas que se cruzavam; ▪ a última fábrica a fechar foi a Mirandela; ▪ ASA tinha em atividade também escola;
Sobre Alcântara Nova	<ul style="list-style-type: none"> ▪ duas Alcântaras, a velha e a nova, a pobre e a rica; ▪ “desencanto”; ▪ 2 entrevistados tem uma perspetiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ população envelhecida; ▪ são as pessoas da classe baixa quem circula nas ruas; ▪ visão mais marcada das duas Alcântaras, a 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ acho que já não existe nenhuma fábrica; só a Carris, mas já não é o mesmo;

⁵⁴ Casanova, José Luís; *Ambiente Urbano - Representações Sociais e Cidadania Conceções, Problemas e Responsabilidades Ambientais em Lisboa*; Cidades- Comunidades e Territórios Jun . 2001, n.0 2, pp. 85-98

O conceito de representações sociais tem sido desenvolvido no âmbito das ciências sociais (por exemplo, por João Ferreira de Almeida, Jorge Correia Jesuino, Jorge Vala, José Madureira Pinto, Pierre Bourdieu ou Serge Moscovici) designando, genericamente, ideias e conceções que as pessoas fazem sobre a realidade. Estas ideias e conceções constituem um mapa que serve de guia das práticas e comportamentos, e estão associadas a características sociais dessas pessoas. O tema foi proposto por Émile Durkheim, com a introdução do conceito de "representação coletiva".

	<p>positiva relativamente às mudanças ; aceitam essas novas realidades;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ perda de comércio tradicional; 	<p>velha e a nova, a pobre e a rica;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ “desencanto”; ▪ falta de comércio tradicional; ▪ falta de ligação ao Rio; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ ASA é procurada por jovens e crianças; oferece atividades ligadas ao lazer e formação em (teatro infantil, ginástica, ballet);
Renovação e Requalificação o urbana	<ul style="list-style-type: none"> ▪ ceticismo por parte de 3 entrevistados; ▪ 1 entrevistado tem uma percepção positiva; ▪ LxFactor e condomínios” considerados como “ilha”; ▪ confronto/oposição entre o antigo e o novo; ▪ manter a identidade de Alcântara 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Percepção positiva; ▪ Condomínios: aceitação, indiferença; noção de mundo à parte; ▪ LxFactor : positivo; “ghetto, ilha”; ▪ preocupação do lucro; ▪ confronto/oposição entre o antigo e o novo; ▪ manter a identidade de Alcântara 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ na fabrica da Regina está um condomínio e na Aliança, está um lar de idosos de luxo; ▪ Alto de Stº Amaro (local “privilegiado”) associado desde sempre à classe média; ▪ Prédios requalificados, ocupados por gente da classe média;
Interações	<ul style="list-style-type: none"> ▪ valorizam vivências antigas e as relações sociais no dia à dia (“juntavam-se nas tascas e cafês”); ▪ relações de vizinhança; ▪ relações de confiança (merceeiro/cliente; cabeleireiro/cliente); 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ não tem vivência no bairro que lhes estimule as interações; ▪ ausência de locais públicos onde as pessoas se encontrem regularmente (cafés..) ▪ “comunicação silenciosa”: as pessoas vêem-se, conhecem-se, mas não se relacionam; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “gente” (do Alto de Stº Amaro) que gosta do bairro” ; ▪ são as classes médias que nos procuram; ▪ santos populares transversais a todas as classes,

No caso dos nossos interlocutores, antigos moradores e trabalhadores, face à descrição sobre como era Alcântara nos anos em que ainda estavam em laboração grande parte das Fábricas ali existentes, denotam uma particular unanimidade, de opiniões e representações, salientando as vivências e o ambiente social e humano de então. Já as representações dos novos residentes, sobre a mesma questão, revelam ter um conhecimento transmitido e recolhido através de leituras e informação oral.

Sobre a Alcântara de hoje, quebrou-se a unanimidade e, as reproduções são diversas e difusas, sobre a realidade vivida por cada um de modo diferente. De facto independentemente de se tratar de novos ou antigos residentes, trabalhadores ou proprietário, ex-autarca ou dirigente associativo, a forma como cada um representa o seu quotidiano, tem particularidades e dinâmicas ideológicas diversas, aqui mais perceptíveis. Há contudo algo que parece ser comum, têm a ver

com o encerramento de muito do comércio tradicional, que entre outras coisas reflete-se para os antigos como que um sentimento de perda das suas referências, e um desencanto para os novos, não sendo satisfatória a substituição por Lojas de Chineses, Paquistaneses, Indianos ou outros. Há no entanto um dos novos residentes, que encara este fenómeno como positivo, até porque de acordo com as suas palavras, os “Banglas” se enquadram bem no imaginário, desta zona desde sempre ligada ao comércio.

Outro domínio em que as opiniões/imagens se dividem, prende-se com a questão da renovação e requalificação urbana, nomeadamente no que se refere aos condomínios ao Lx-Factory e às Docas. Quanto aos processos de renovação urbana, são expressas opiniões frontalmente contrárias por parte de alguns dos antigos trabalhadores e moradores, e do ex-autarca não fazendo o pleno das opiniões neste segmento. Dois dos entrevistados (um antigo proprietário e um novo morador), não se opõem por princípio a dinâmicas de renovação, desde que Alcântara continue a ser Alcântara, utilizando a expressão de um deles. No respeitante aos processos de requalificação, verifica-se uma aceitação maioritária, contudo pouco entusiasta, a que não será alheio o sentimento de “não pertença”, relativamente ao Lx-Factory, referido pela nossa interlocutora como *ghetto*, e por antigos trabalhadores como local a não voltar.

Sobre as interações e sociabilidade, é notória a nostalgia dos mais antigos face à perda de vivências e relações de proximidade e vizinhança, valorizando as relações de confiança que então se estabeleciam. Os novos, lamentam a falta de espaços de sociabilidade, aquele café do bairro, onde as pessoas se encontram e estabelecem as suas interações.

3.1 QUEM SÃO OS “NOVOS” RESIDENTES?

Passamos de seguida a analisar mais desenvolvidamente as representações sociais dos entrevistados sobre cada uma das temáticas em estudo.

Sobre quem são os novos residentes, o entrevistado, ex-trabalhador do Anuário Comercial de Portugal e Gráfica Mirandela, diz:

Sim há novas pessoas mas não são pessoas que frequentem o bairro, serão pessoas que moram ali, dormem lá mas não vivem, não utilizam o comércio. Há condomínios.(...) que estão escondidos, a entrada é feita através do respetivo túnel, (..) são pessoas que no geral não frequentam a zona nas suas diferentes vertentes. Atraver-me-ia a chamar aos condomínios “dormitórios”.⁵⁵

Para José Godinho ex-presidente da Junta de Freguesia, apesar da sua total discordância com a existência de condomínios fechados, reconhece que nem tudo é mau, pois a vinda de novas pessoas traz novas ideias e dinâmicas que certamente serão positivas.

⁵⁵ Excerto de entrevista (2)

No entanto é convicção do ex-autarca, que apesar de se ter batido no fundo, tal o impacto causado pelo encerramento quase em cadeia de um conjunto significativo de fábricas e outras empresas, provocando desemprego e alguma deslocalização de pessoas que foram atrás das fábricas, outras que procuraram emprego em outros concelhos e algumas ainda, que optaram por voltar às suas terras.

Surgiram novos empregos na área dos serviços e, com as Docas e Lx-Factory, (...) foram certamente criados novos postos de trabalho.⁵⁶

Não é porém esta a opinião do entrevistado (5), 37 anos de idade, residente há 10 anos no condomínio Alcântara-Rio, mas que conhece e frequenta o bairro de Alcântara desde muito pequeno porque os seus pais aqui trabalham, tendo inclusivamente estudado na Escola Francisco Arruda, e que sobre a criação de postos de trabalho para os habitantes de Alcântara, por parte dos novos serviços e zonas de lazer ali criadas, responde:

Não de todo. Não trabalham em todos estes espaços mais de 10 alcantarenses, ponho as minhas mãos no fogo. A trabalhar nas discotecas e bares aqui à volta, não! Mas no Pingo Doce há, aí são quase todos. É mais próximo da cultura deles, faz mais sentido.⁵⁷

Perceção semelhante tem outra interlocutora (4), 38 anos, residente há 11 anos na Rua 1º de Maio, Licenciada em Comunicação e Relações Públicas, profissão Jornalista e editora, produtora de conteúdos, copywriter, gestora de projetos e de comunidades on-line, Freelancer, ciclista urbana, adepta do coworking. Manteve durante vários anos como local onde exercia o seu trabalho o Cowork existente no Lx-Factory e, quando questionada sobre se o Lx-Factory, e as empresas ali sediadas tinham criado emprego para residentes em Alcântara, a este propósito disse:

(...) não creio que tenha criado emprego para habitantes de Alcântara, aqui (Lx-Factory) nas lojas a maioria das pessoas que aqui trabalham vêm de outros sítios, aliás terá a ver com o facto de este “ghetto” não ter ligação ao bairro, e acrescenta (...) algo que seria bom inverter, mas teria que ter algum investimento da própria gestão deste espaço e da Junta de Freguesia, não sei se a autarquia faz intenção de o fazer mas tenho a noção de quem gere este espaço está mais preocupado com as mais-valias que o mesmo pode dar, e não com questões sociais.⁵⁸

Curiosa a expressão que esta nossa interlocutora utiliza quando se refere ao Lx-Factory como sendo um “ghetto”. De facto, ao circularmos pelo local ou quando abordamos algumas pessoas de Alcântara sobre aquele espaço, sente-se que se está a falar de algo, que de certo modo, não lhes pertence; trata-se de algo que ali foi implantado, e não terá havido a preocupação de os envolver, tornando-se assim local que não pretendem frequentar, mas também não hostilizam, lamentando alguns, o facto de por vezes haver muito barulho durante a noite.

Voltando à conversa tida durante a entrevista, com esta nossa interlocutora, e ainda a propósito desta questão, refere-nos:

⁵⁶ Citação José Godinho (7)

⁵⁷ Excerto de entrevista (5)

⁵⁸ Excerto de entrevista (4)

Houve um projeto de ligação ao bairro mas da parte do Cowork Lisboa, (não da Lx-Factory), que ainda existe e que teve à frente uma rapariga, Lara Rodrigues, que desenvolveu vários projetos de arte urbana, projeto este designado Lata 65,..(...) e que consiste em por idosos a fazer arte urbana, o projeto desenvolveu-se em parceria com o Centro Paroquial, e ainda funciona ...(...) autonomizou-se dinamizando ações em todo o país.⁵⁹

Aliás, este afastamento em relação ao Bairro, é ainda potenciado pelo facto de os próprios trabalhadores que para aqui se deslocam o fazerem na grande maioria de carro próprio, como salienta a entrevistada:

(...) o descolamento deste polo em relação ao bairro, até o facto de as pessoas que aqui trabalham virem para cá de carro impede-as de descobrir o bairro de saber quais são os transportes, isto é mais um “condomínio” as pessoas vêm para aqui de carro e saem de carro, isto obviamente que tem influência nos horários e diversidade transportes, nos investimentos no melhoramento das vias e acessos, finalmente a minha rua 1º de Maio, foi reparada levou asfalto novo.⁶⁰

Já o entrevistado (3), 80 anos de idade, empresário e cabeleireiro de profissão, que apesar de nunca ter residido em Alcântara, aqui trabalha desde a década de 60, época segundo referiu, em que apanhava muito cedo o elétrico que ia para a Boa-Hora e passava mesmo à porta, havia naquele tempo o “bilhete operário” que custava 0,8 tostões e dava para fazer a viagem de ida e volta.

Quando questionado a propósito do encerramento das Fábricas e da conseqüente deslocalização de pessoas do bairro para outros destinos, disse:

com o encerramento das fábricas foram muitas das pessoas embora, e por várias razões, como em tudo veio a tecnologia, acabaram-se muitos empregos, porque onde haviam uma dúzia ou duas de trabalhadores passaram a haver um ou dois. A tecnologia apesar destas conseqüências é muito boa porque hoje temos mais anos de vida, vivemos hoje muito mais que nessa altura, naquele tempo um homem com quarenta e poucos anos era velho. Hoje chega-se aos 70, 80, 90 e em alguns casos mais.⁶¹

Tentando concretizar um pouco mais, e porque tivemos conhecimento de que o senhor teria tido um outro cabeleireiro junto à Fábrica da Regina, local onde trabalhavam muitas mulheres, questionámos nesse sentido. Ao que nos respondeu dizendo:

Sim, inclusivamente a título de exemplo refiro-lhe que as duas donas na altura da Fábrica eram minhas clientes, pessoas muito simpáticas; elas moravam também ali perto...(...)eu naquela altura tinha clientes de todo o lado, depois como sabe esta atividade funciona muito pelo passe palavra ou seja, uma amiga traz outra e assim sucessivamente.⁶²

Mas naquela altura, a maioria das pessoas eram gente operária!

⁵⁹ Excerto de entrevista (4)

⁶⁰ Idem

⁶¹ Excerto de entrevista (3)

⁶² Idem

(...) naquela altura os preços do cabeleireiro eram mais baixos e apesar disso eu ganhava mais dinheiro. Hoje ir ao cabeleireiro custa em termos comparativos muito mais dinheiro, dando muito menos receita em termos de lucro.⁶³

A propósito de um dos elementos estruturantes de maior impacto provocou em Alcântara, questionámos: lembra-se da construção da Ponte sobre o Tejo?

Lembro-me perfeitamente da construção da ponte, ainda me recordo da forma como através de um sistema de macacos hidráulicos, a plataforma ia sendo empurrada de um pilar para outro, devagarinho e, assim ia surgindo o tabuleiro, até que por fim atravessava o tejo. Claro que me lembro disso.

A construção da Ponte e seus acessos provocaram roturas, nomeadamente com a Quinta do Jacinto, o que acha?

Não podemos ficar parados, temos de avançar, não podemos ver apenas as partes menos boas, estas obras também trouxeram muitos benefícios para a população, o problema é que as pessoas foram também ficando velhas e não acompanharam o progresso, muitas estão ainda agarradas ao passado, também porque muitas delas já muito pouco saem á rua. Não tem conhecimento do que para aqui está projetado, e em minha opinião, vai ainda ser melhor,

(...) vai ser construído um Hospital da CUF ali em baixo, (...) vai ser haver também construção na zona onde era o Pinhol, tudo isto vai ter uma evolução muito grande, porque Alcântara, diz-se, vai ser uma zona muito nobre não virada para o passado mas sim para o futuro.

Durante a entrevista (5), a determinada altura da nossa conversa, e dado que tem formação em Jornalismo, conta-nos um episódio passado com ele, numa “entrevista teste” para o Semanário Sol, ao então Presidente da Junta de Freguesia, que antes saber onde eu morava ou de onde vinha, sem mais e quase de chofre, e diz-lhe o seguinte:

“(..)ao alcantareense que ajudava a pagar o funeral de outro alcantareense que era seu vizinho, está a dar lugar, ao alcantareense de raquete de ténis”.⁶⁴

Representação social esta, com forte carga classificatória, de que este entrevistado (5), parece discordar, embora tenha lido nas palavras do ex-autarca alguma preocupação, transmite-nos a sua opinião:

(...) eu moro cá há 10 anos, noto algum afastamento entre as pessoas, falo com dois ou três vizinhos, olá como está tudo bem! Não noto uma grande rotura, vejo que as pessoas vivem Alcântara cada um à sua maneira, não vivem como um alcantareense de 70 anos aqui nascido e criado...⁶⁵

E até porque segundo nos confidencia vive num Condomínio com 12 anos (Alcântara Rio), e em jeito de brincadeira, a uma amiga que vive num dos prédios que ficaram debaixo da Ponte, costumava dizer que ela vivia na Alcântara “*brega*” e ele na Alcântara “ *fina*”.

Mantendo a mesma linha discursiva, quase sem pausas ou interrupções, acrescenta:

⁶³ Idem

⁶⁴ Excerto de entrevista (5)

⁶⁵ Idem

Há uma certa reabilitação urbana, se há esta reabilitação há também uma renovação das pessoas, “há um *pincelar*”, mas não sinto isto como um dormitório, porque Alcântara sempre teve alma, bem diferente do Parque das Nações, (...), *nós* sempre tivemos, temos os velhos, temos os costumes, temos comércio, sinto que estamos a viver uma progressão uma evolução expectável, está-se a construir um hospital, mas Alcântara continua a ser Alcântara.⁶⁶

Na realidade, o bairro altera o seu aspeto físico juntamente com a população e com diferentes formas de apropriação do espaço. Deste modo, a forma de pensar o bairro, tem como significado o assistir às transformações sociais que vão ocorrendo na sociedade.

E prosseguindo no explicar da sua opinião o entrevistado (5), acrescenta:

Eu sinto que não há animosidade dos alcantarenses com as outras pessoas novos residentes, inclusivamente a Rua de Alcântara está a ser ocupada pelos “Banglas”, do Bangladesh, Indianos ou Paquistaneses, não vou dizer que faz mais sentido eles estarem ali do que nós, mas julgo que se enquadram perfeitamente no imaginário, aquela zona sempre foi um ponto de trocas e de comércio, há vida e eu sinto-me muito bem aqui, nunca me senti como se fosse um estranho ou estrangeiro.⁶⁷

Voltando à nossa entrevistada (4), a quem colocámos a questão sobre se costumava frequentar o comércio local, como se trata-se de um lamento, diz-nos:

Houve um momento em que eu achei que Alcântara era um bairro que estava a morrer, que não tinha quase nada, não havia atratividade para que as pessoas viessem para cá morar, eu vim porque a casa era mais barata não porque acha-se que o bairro era muito bom, ainda é um bairro barato, comparativamente a outros, como Santos ou Campo de Ourique.⁶⁸

Insistindo na questão se costuma fazer as suas compras no comércio local, afirma:

(...) eu gosto de poder fazer as compras e tudo no sitio onde moro, por isso me incomodar o facto de muito do comércio fechar, por exemplo não há em toda a Alcântara que eu conheço um sapateiro, para mandar arranjar um sapato, acho incrível, ter de ir à baixa para mandar arranjar os sapatos.⁶⁹

...mais adiante refere:

(...) abriu, um Bota-minuto, mas isso é uma coisa moderna “fabricada” nada tem que ver com o sapateiro artesão, como antigamente.⁷⁰

De facto a relação com o espaço e a significação do bairro, variam profundamente em função do meio social. Se para uns é ao nível da vizinhança que organizam grande parte da sua vida, e estabelecem as redes de relações, outros porém, avaliam o bairro a partir da inserção do

⁶⁶ Idem

⁶⁷ Excerto de entrevista (5)

⁶⁸ Excerto de entrevista (4)

⁶⁹ Idem

⁷⁰ Idem

alojamento num meio envolvente considerado de qualidade e, as relações e serviços utilizados, obedecem a uma escolha independentemente de critérios de proximidade espacial.⁷¹

A propósito do contexto social e do evento dos Santos Populares, o nosso entrevistado (5) conta-nos que passou, desde há dois anos, a ir aos Santos na Academia de Santo Amaro; não é ainda sócio, nem tem, segundo ele, o fervor de um alcantarenses que cresceu a brincar no jardim e que agora com 70 anos joga às cartas no mesmo jardim, não quero fechar-me aqui dentro mas, se as coisas existem aqui porque não vivê-las, um dia:

..(...) estávamos a chegar ao condomínio (Alcântara-Rio), vindos do arraial da Academia e disse-me a minha namorada, porque é que não se faz um mini Arraial aqui no empreendimento? Impossível, o vizinho do 1º andar, chamava logo a polícia, porque o vizinho do 1º andar é descendente de americanos, casado com uma Austríaca, e nem sequer os restaurantes que ficam virados para a sua janela, tiveram algum dia sossego, tiveram mesmo de fechar.... (...) ⁷²

Porquê?

Porque, não se preocupa em perceber onde está. Para ele é simples comprou um apartamento num condomínio semi-aberto, ...(...) mas acha que comprou uma casa na Aroeira... ⁷³

Neste contexto, o entrevistado referindo-se à ligação dos habitantes do condomínio com o bairro, disse:

...há algum arrivismo, há algum novo-riquismo, há uma forma de viver as coisas totalmente alheadas, mas diga-se que não é exclusivo de Alcântara, é exclusivo das pessoas, são as pessoas que fazem os lugares. Eu vejo as pessoas que olham para mim, com este ar ainda jovem, e sinto na forma como me olham, que se perguntam como é que chegaste até aqui, como estás nesta casa, que é um olhar que não vejo nos alcantarenses, eu para os alcantarenses sou mais um. ⁷⁴

..e mais adiante....

Procuro vestir a camisola, sou um privilegiado tenho aqui tudo, há quem diga, não tens Metro, não preciso de Metro, porque se precisasse não tinha tudo. ⁷⁵

Segundo Jean-Claude Abric (1994)⁷⁶, a realidade não existe «a priori» nesse pressuposto, é representada. Ou seja, a realidade é propriedade reconstruída no sistema cognitivo de cada pessoa e integrada no seu sistema de valores.

Deste modo as representações funcionam como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com a sua envolvente externa, física e social.

⁷¹ Gonçalves, António Custódio (1988); *Os Bairros urbanos como lugares de práticas sociais*: Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série Volume IV, Porto, 1988 p. 15-31

⁷² Excerto de entrevista (5)

⁷³ Idem

⁷⁴ Idem

⁷⁵ Idem

⁷⁶ Citado por: Cavaco, Gabriela Perdigão de Almeida; *Um Museu na Cidade Representações Sociais de uma Unidade Museológica em Transformação no Centro de Lisboa*; Tese apresentada para a obtenção do grau de Doutor em Museologia no Curso de Doutoramento em Museologia, Março de 2007, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

3.2 SOCIABILIDADE

Iniciamos esta abordagem, tendo por base Émile Durkheim (1987 [1895]), autor que se dedicou ao estudo da importância dos fatores morfológicos na análise dos fenômenos sociais. Uma das propostas analíticas mais interessantes é a noção de meio interno, apresentada como sendo uma unidade socio-espacial definida a partir de duas dimensões interdependentes. De um lado, a densidade material que se constitui a partir de dois níveis: o volume «número de habitantes por unidade de superfície» e o desenvolvimento das vias de comunicação e transmissão. De outro lado, a densidade dinâmica que corresponde ao «grau de coalescência dos segmentos sociais» (Durkheim, 1987: 128), isto é, o nível de concentração das relações entre os indivíduos, individualmente considerados e, sobretudo, intergrupais. Número e concentração são os critérios morfológicos utilizados para caracterizar uma dada população, que devido à sua especificidade se distingue de outras. Durkheim estabelece, assim, uma correspondência linear entre a composição espacial, a proximidade física de um determinado conjunto populacional (densidade material) e a natureza e intensidade das relações sociais (densidade dinâmica). Neste sentido, a organização espacial traduz e reflete-se na organização social, na medida em que a delimitação de um meio interno representa a identificação de um conjunto populacional e social relativamente homogêneo. Georg Simmel (1997 [1903]), autor contemporâneo de Durkheim, concebe um raciocínio próximo do autor francês ao definir que a constituição da vida na metrópole resulta da relação direta entre o aumento numérico e territorial de uma aglomeração e o aumento das interações e comunicações recíprocas entre os indivíduos que vivem neste mesmo espaço. Segundo este autor, é devido à extensão numérica e à intensidade das relações sociais que o modo de vida urbano ganha a sua especificidade relativamente à vida aldeã.⁷⁷

“Para os seus habitantes, Lisboa precisa de se transformar numa cidade de bairros, realçando o caráter existente, plantado as sementes do futuro. O bairro deve ser a unidade estruturante, no espaço e no tempo, definidor do orgulho e do prazer da cidadania (...) O cidadão deve gostar de viver e/ ou trabalhar no seu bairro. (...) os bairros devem ter uma escala humana, não excedendo a dimensão espacial das cidades medievais (...)”⁷⁸

“Eu vivi muitos anos em Campolide e nunca gostei de Campolide. Eu aqui gosto disto, saio à rua e sinto-me bem. Gosto de ir à rua beber um copo, gosto!”⁷⁹

A propósito de uma análise, sobre os fatores de diferenciação social em Alcântara no início do século XX, Frédéric Vidal insere a definição de Bairro, como sendo um meio (*milieu*) social, isto

⁷⁷ Carmo, Renato Miguel; *A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação*; Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 252-280

⁷⁸ Citado em “*A cidade entre bairros*” Carta Estratégica de Lisboa (2010/2024.3), apresentada formalmente no Teatro Municipal de S. Luís, no dia 3 de julho de 2009.

⁷⁹ Excerto de entrevista (5).

é, um “lugar de uma convergência não intencional entre uma polaridade de trajetórias que conduz a uma solidariedade de efeitos” (Rémy, 1998). Salientando ainda que esta noção *milieu* de Jean Rémy, não está muito longe da do quadro de interação proposta por António Firmino da Costa (1999).⁸⁰

Segundo João Seixas, somos do bairro antes de ser da cidade. Desde muito cedo, logo que começamos a sair de casa, quer a caminho da escola ou nas brincadeiras de rua (hoje cada vez menos frequentes), o bairro forma-nos uma adolescência cívica. De acordo com o autor, qualquer adolescência é insegura e instável. Mas é daí que partimos para a cidade e para o mundo.⁸¹

Viver numa cidade significa viver em companhia de estranhos. É pelo menos esta a convicção expressa por Zygmunt Bauman, de acordo com a transcrição da sua intervenção no Congresso *Fiducia e paura nella città*, Milão (2004). E vai mais longe ao afirmar que “nunca deixaremos de ser estranhos e assim nos manteremos, sem estarmos interessados em interagir, mas por sermos vizinhos uns dos outros, destinados a enriquecermo-nos reciprocamente⁸². Parece ser esta por vezes, uma afirmação carregada de sentido, se pensarmos que tal como afirma o entrevistado residente no condomínio Alcântara Rio, e que a este propósito refere:

“Vou à retrosaria, vou ao Pingo Doce, estão lá todos, vou à Florista D. Gilda comprar as flores para a minha namorada, há anos tratamo-nos tu cá tu lá, não há problema nenhum, depois chego a casa subo no elevador, encontro algum vizinho digo bom dia ou boa tarde, e não conheço sequer a pessoa que vai ao meu lado.”⁸³

“Não sei como se chama, o que faz, sei apenas que mora no mesmo prédio que eu”.

É também esta a percepção, da nossa entrevistada, residente na Rua 1º de Maio, e que a propósito das interações, fez a seguinte observação:

“ (...)verificam-se concentrações de pessoas, por exemplo, no Domingo fui ao Pingo Doce e, verifiquei que toda a gente quase se conhece, todos falam e galhofam com as meninas das caixas, é talvez o local onde se observam mais esses tipos de interação”.⁸⁴

E prossegue de acordo com a sua observação/percepção, não se coibindo de uma apreciação em termos classificatórios:

“(…)que parecem ser as pessoas mais populares, não vejo de facto as pessoas de classe média alta a circular a pé no Bairro”.⁸⁵

A propósito das relações de sociabilidade e das interações observadas nos contatos que se estabelecem no quotidiano, e tomando como exemplo o *Alcântara Residence*, condomínio

⁸⁰ Vidal, Frédéric; *Fatores de diferenciação social em Alcântara no início do século xx*, A análise de uma lista de declarações profissionais

⁸¹ Seixas, João (2010); *Em todas as Ruas – Crónicas Urbanas*, O bairro- in jornal Público, 24 janeiro de 2010, Escritório Editora, 1ª edição: maio de 2015

⁸²Bauman, Zigmunt, 2005; *Confiança e Medo na Cidade*; Relógio D'Água Editores, julho 2006

⁸³ Excerto citação de entrevista (5)

⁸⁴ Excerto citação de entrevista (4)

⁸⁵ Idem

fechado, com um acesso único e exclusivo para os residentes, na Rua Luís de Camões, controlado por um segurança e uma cancela automática, outrora uma Quinta, que inclui um Palácio e Mata, agora jardim, pertencentes à família dos Condes de Sabugosa, permaneceram intatos e fisicamente separados da nova urbanização, José António Cerejo descreve: “As oliveiras abundam, são das antigas e frondosas, e o povo de Alcântara já lhes chamou suas. Foi ali por 1975, quando a revolução entrou pela enorme tapada da família Melo, entre a rua dos Lusíadas e a Primeiro de Maio, mesmo por baixo do tabuleiro da ponte 25 de Abril. Quem o lembra é o comunista José Godinho, que presidiu à junta de freguesia da histórica zona operária de Lisboa durante 27 anos e que a certa altura percebeu que já lá não podia pôr os pés.”⁸⁶

E o articulista prossegue recorrendo a mais um apontamento, obtido através do depoimento de José Godinho, que se expressa nos seguintes termos:

"Quando eles acabaram os prédios, aqui há uns dez anos, puseram um segurança à entrada, nunca mais deixaram entrar os membros da junta e até o boletim da autarquia fomos impedidos de distribuir lá dentro." ⁸⁷

Durante a investigação e numa das primeiras vezes que nos deslocámos ao local (num domingo), deambulámos pelo complexo, não fomos se quer interpelados, retirámos algumas fotos. Nas vezes seguintes, fomos interpelados à entrada pelo segurança tendo necessidade de justificar o que íamos fazer.

Sobre esta situação, o nosso interlocutor residente no condomínio referido⁸⁸ disse-nos que houve algum “excesso de zelo”, no modo como tem sido tratada a questão do acesso ao condomínio, mas que esta, não é uma questão pacífica para a grande maioria dos residentes. A possibilidade de acesso ao espaço de modo livre, para além de outros motivos, afirmam não ter sido esse o pressuposto a quando da aquisição das habitações, como se pode confirmar através da publicidade da entidade que administra e promove o complexo.

Disse-nos ainda que, sobre o acesso à piscina ali existente, que até então, era permitida a frequência da mesma a pessoas exteriores ao condomínio, desde que a convite e acompanhadas por residentes. Porém, como se verificou que o número de “convidados” começou a ser excessivo, em reunião de condomínios foi proposta a limitação de acesso a pessoas do exterior. Aliás como fez questão de frisar, foi espaço que nunca frequentou, preferindo que os seus netos, que estão consigo todos os dias depois da escola vão à piscina do Atlético, onde há um núcleo de natação.

Voltando ao nosso interlocutor e à questão sobre as sociabilidades e interações por ele vivenciadas e mantidas regularmente no seu dia-a-dia, e à pergunta se costumava frequentar o

⁸⁶ Excerto de artigo de José António Cerejo, *Condomínio apropriou-se de 12.310 m2 de espaço público*, in Público de 13/08/2011

⁸⁷ Idem

⁸⁸ Esta entrevista não chegou a ser gravada, refiro apenas alguns apontamentos, que registei na memória e em apontamentos. Trata-se do sr. MC, residente no Alcântara Residence, com quase 70 anos de idade, Gerente Bancário, reformado.

comércio local, disse-nos que ia com regularidade ao café na Rua Luís de Camões, onde comprava também o pão. Trata-se de um dos novos tipos de estabelecimentos comerciais, uma Padarias/Pastelaria, que têm vindo a abrir um pouco por todo o lado, com especial incidência, nas zonas nobres da cidade,

“nunca passo muito tempo no café, mas naturalmente mantenho diálogo com os empregados da casa, e com algumas pessoas com as quais nos cruzamos diariamente, ainda que se trate, na maioria dos casos, contato de mera cordialidade.”⁸⁹

Quanto às compras para a casa, confessou-nos,

“não sou eu quem faz normalmente, embora como quase toda a gente, são feitas nos supermercados.”⁹⁰

Sobre a razão que o levou a morar num condomínio fechado, disse-nos, olhe esta aquisição foi tratada quando estive fora durante vários meses em serviço do Banco, pela minha mulher e um dos filhos, que vive também aqui em Alcântara; nós morámos na Ajuda durante muitos anos, tínhamos a necessidade de mudar de casa, esta reunia as condições e tinha uma boa relação qualidade preço, e foi assim, não constituía condição o facto de ser ou não condomínio fechado, no qual não me revejo.

Quando questionado sobre sua observação/perceção, relativamente a outros residentes do condomínio, quanto a hábitos de frequência do comércio da zona, respondeu, não ter relações de convivência com praticamente nenhum dos muitos vizinhos, e por esse motivo não poder fazer esse tipo de apreciação. No entanto, o que constata com alguma regularidade, é que devem haver várias pessoas que fazem as suas compras on-line, uma vez que são frequentes as entregas de bens de consumo em casa, através dos serviços de transporte para esse fim, das grandes superfícies comerciais e, em especial do Corte Inglês como fez questão de frisar.⁹¹

Prosseguindo na transcrição da memória resultante da conversa mantida com este interlocutor, recorro que a determinado momento da nossa conversa, refere-nos como um facto pouco comum e indicativo de uma determinada forma de estar,(...).

“ sabe que apesar de ter sido administrador do condomínio⁹², vários anos, não tenho relações de proximidade com outros condóminos, e nem é muito frequente cruzarmo-nos,”⁹³

(...) parece existir, uma fronteira mais ou menos definida entre as pessoas, que como diz Bauman, “quanto mais reduzidos são o espaço e a distância, maior importância as pessoas lhe atribuem”. No entanto este residente, talvez pela sua já longa experiência de vida, habituado a estabelecer e a fomentar contatos com as pessoas, desde logo, pela sua vida profissional, e porque, segundo nos disse, tem sido participante ativo em diversas organizações com forte componente cívica, acha

⁸⁹Registo de memória da conversa com MC

⁹⁰ Idem

⁹¹Registo de memória da conversa com MC

⁹² Trata-se apenas de um dos 17 edifícios.

⁹³ Registo de memória da conversa com MC

apesar de tudo esta, uma situação normal, considerando os intervenientes, certamente mais interessados, em marcar as diferenças.

Bauman, em “Confiança e Medo na Cidade”, no capítulo Viver com Estranhos, como forma de ilustrar o facto de ser fundamentalmente nas cidades, onde se produz esta furiosa atividade de traçar fronteiras entre as pessoas, socorre-se de Frederik Barth, antropólogo Norueguês através da seguinte citação:

*“existimos porque somos diferentes, porque temos diferenças e, todavia, algumas destas diferenças incomodam-nos e impedem-nos de interagir, e de nos comportarmos amistosamente.”*⁹⁴

Também Matthieu Giroud, no seu trabalho sobre,⁹⁵*Résister en habitant? Renouveau Urbain et continuités populaires en centre ancien, (Berriat Saint-Bruno à Grenoble et Alcântara à Lisbonne)*, ao analisar a relação das práticas quotidianas e de permanência no bairro dos seus habitantes, constatou que os residentes nos dois condomínios analisados, o Alcântara Rio e o Residence, não mantêm o mesmo tipo de relação no seu quotidiano com o bairro. Segundo Giroud os moradores do Alcântara Residence, parece terem uma muito reduzida prática de vivência no bairro, limitando-se de acordo com a análise das observações então efetuadas, a dois momentos de movimento com algum significado, nas saídas de manhã e de regresso a partir das 20.00 horas. Sem movimentos significativos ao longo do dia, o que pressupõem uma quase nula ou muito reduzida vivência no bairro. Verificando-se por outro lado que, um número significativo de residentes do Alcântara Rio vivenciam o bairro durante o dia.

“São bem diferentes estes tempos”, confidenciava-nos o dono de uma das mercearias antigas existentes no bairro, *“há 50 anos quando para aqui vim, chegava a vender três fardos (25 Kg/unidade) de bacalhau por semana, agora vendo um por mês, havia muito mais gente e, como não existiam os grandes supermercados, as compras para a casa eram feitas nas mercearias”*. Estabeleciam-se relações de confiança com os clientes, eram então, e foram-no durante muitos anos, vulgares os “livros de merceiro” onde se anotavam todos os avios, que seriam pagos no final do mês ou quando houvesse dinheiro. Para ilustrar esta relação, o senhor João conta-nos um dos muitos episódios, relacionados com as vendas a fiado, na ocasião a venda de um bacalhau a uma senhora de que não sabia o nome, mas apenas que se tratava da mãe de um menino da escola Marques de Pombal, *“passadas algumas semanas, a senhora aparece e, depois de muitas desculpas, pede a conta do bacalhau que nunca mais se lembrou de lá ir pagar, não fora o facto*

⁹⁴Citado por Bauman, Zigmunt (2005), *Confiança e Medo na Cidade*; Relógio D'Água Editores, julho 2006, p.p.72

⁹⁵Giroud, Matthieu; *Résister en habitant? Renouveau Urbain et continuités populaires en centre ancien, (Berriat Saint-Bruno à Grenoble et Alcântara à Lisbonne)*; Thèse pour l'obtention du Doctorat en géographie Présentée et soutenue publiquement le 7 décembre 2007; Université de Poitiers U.F.R. Sciences Humaines et Arts, Département de géographie

*de naquele dia ao almoço, o bacalhau se ter acabado e o marido lhe ter dito que tinha de comprar mais, porque era muito bom”.*⁹⁶

“*Hoje tudo é diferente,*” diz o Sr. João com alguma nostalgia, mas ao mesmo tempo e apesar dos seus quase 80 anos, “*hoje estamos melhor*”, afirma perentório. “*É verdade que não tenho o mesmo número de clientes, mas as pessoas têm outras opções e julgo que vivem melhor.*”⁹⁷

Opinião diversa, e não menos perentória, foi a que registei num pequeníssimo apontamento, durante uma curta conversa, com uma senhora já com os seus setenta e muitos de idade, mas que resistia atrás do balcão de uma retrosaria antiga, na Rua de Alcântara, lamentava-se do reduzido ou quase nulo movimento de pessoas quer na sua loja, quer na rua. Dizia ela, (...) *então, hoje tudo vai para os Centros Comerciais, no inverno porque lá está quentinho e não se apanha chuva, no verão está mais fresco, porque tem ar-condicionado, com estas condições, quem é que vem fazer compras na rua?*⁹⁸

Na entrevista a um ex-trabalhador do Anuário Comercial de Portugal, posteriormente Gráfica Mirandela, onde esteve durante 35 anos (até finais dos anos 80), quando indagado sobre qual era o ambiente que se vivia então em toda aquela zona, disse-nos:

“(…) eram muitas as pessoas que se cruzavam por ali, na sua grande maioria gente operária que laborava nas fábricas e oficinas ali existentes. À hora de almoço e ao final da tarde,(…) antes de irem para casa, juntavam-se nas tascas e cafés, faziam uma pausa para beber um copo e conviver sem problemas, as conversas cruzavam-se, independentemente da empresa onde trabalhavam, era um momento para descomprimir e ou desabafar algo que corria menos bem no seu dia de trabalho. Havia um verdadeiro ambiente de bairro, toda agente ali convivia.”⁹⁹

Esta imagem de grande sociabilidade e interação foi-nos transmitida por todos os entrevistados, residentes antigos, ex-autarcas ou ex-trabalhadores das empresas então existentes.

O filósofo grego Aristóteles chamou *Synoikismus*, à vida em conjunto num dado território. *Oikos* de habitar e *sino* de energia. Uma energia que deu origem à força das cidades. De facto e para além do politicamente correto, de que é bom dar-mo-nos bem com os vizinhos, a verdade é que o bairro poderá ser uma boa escala para desenvolver laços de convivência social e de vida coletiva.¹⁰⁰

3.3 ASSOCIAÇÕES E SUA INTERVENÇÃO

“*A tirania dos grandes, provém da ignorância dos pequenos*”, foi esta uma das máximas que ditou a fundação da Sociedade Promotora de Educação Popular, em 30 de setembro de 1904, por

⁹⁶ Excerto de conversa tida com sr. João, 28/02/2016 (registo em apontamento e memória)

⁹⁷ Idem

⁹⁸ Excerto de diálogo, em passagem pela Retrosaria Bela (registo em apontamento e memória)

⁹⁹ Excerto de entrevista (2)

¹⁰⁰ Seixas, João (2010); *Em todas as Ruas – Crónicas Urbanas*, O bairro- in jornal Público, 24 janeiro de 2010, Escritório Editora, 1ª edição: maio de 2015

um grupo de democratas de várias tendências, onde além das aulas de dia, se facultava, à noite, aos adultos a instrução que lhes tinha sido negada em crianças.

Instalada nas antigas cavaleriças do Palácio Real, no Calvário, considerado por muitos, o coração da Alcântara operária, e o mais importante bairro fabril da cidade, a Promotora é uma das primeiras instituições do país a dedicar-se à educação de adultos. Mais tarde, e com objetivo de angariar fundos para a manutenção da promotora, foi criada uma sala de cinema, que funcionou até há relativamente pouco tempo.

Hoje a sua atividade está praticamente limitada ao ensino de crianças do 1º ciclo e A.T.L..¹⁰¹

Este foi o mote para referir que, Alcântara é das freguesias de Lisboa que mantém em atividade um número significativo de Associações Culturais e Recreativas, que desempenham um papel fundamental na socialização e integração e coesão social das gentes aqui residentes.

São várias as associações que ainda mantêm atividade. Referindo apenas algumas, a Sociedade Filarmónica Alunos de Esperança, a mais antiga sociedade filarmónica existente em Lisboa, fundada em 1850, é desde há vários anos a responsável pela organização da Marcha de Alcântara, os “31 de Sto. Amaro” grupo excursionista e, que mantém ainda em atividade alguns jogos tradicionais, a Academia de Santo Amaro, que mantém atividade regular nas mais variadas vertentes recreativas e culturais, e que conta com fortes tradições no Teatro.¹⁰²

Fomos falar com um dos mais antigos dirigentes associativos, ainda em atividade, dirigente de uma das associações com tradição e grande dinamismo na Freguesia. Trata-se da Academia de Santo Amaro (ASA), fundada em 10 de março de 1946.

Segundo o nosso entrevistado (6), 70 anos de idade, e ligado à ASA, desde os seus 14 anos, têm sido muitas e diversas as vicissitudes passadas ao longo dos anos na vida desta Associação.

São cerca de 1000 sócios, nós na ASA temos um princípio de que todos os que participam nas atividades são necessariamente sócios, o que faz todo o sentido e cria um espírito de pertença que julgamos fundamental.¹⁰³

...disse o nosso interlocutor, e prosseguiu frisando que:

Não são todos oriundos da freguesia, mas sim da zona, sabe como é alguns trazem um amigo e isso não é considerado impeditivo, além disso é também desta forma que se consegue a abrangência,...

Sobre as pessoas que procuravam as atividades da Academia, disse-nos:

...por exemplo para o teatro infantil são miúdos de famílias que querem que os meninos tenham uma educação também naquela área, gente com mais posses¹⁰⁵

E como que a justificar o que acabara de nos transmitir, adiantou ainda:

¹⁰¹ In Alcântara vê nascer indústria; Suplemento Guia de “A Capital” de 14 de maio de 1983.

¹⁰² Lago, Pedro M Carvalho (2015) *A Desindustrialização em Alcântara – consequências sociais e urbanas*. Dissertação de Mestrado em Sociologia; ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

¹⁰³Excerto de entrevista (6) Academia de Sto. Amaro

¹⁰⁴ Idem

¹⁰⁵ Idem

Sabe a zona do Alto de Santo Amaro são pessoas de nível médio, médio alto, aliás já desde sempre que era essa a tendência. Até porque se trata de um sítio privilegiado, como se diz “Alto de Sto Amaro fica entre o Tejo e Monsanto” é portanto, uma zona privilegiada. E a população residente nesta zona desde há muitos anos que não se tem alterado muito, em termos de nível de extrato social.¹⁰⁶

Relativamente à perceção em termos de inserção da associação nas populações, disse:

Olhe a ASA é uma coletividade que toda a gente da freguesia de Alcântara conhece, e não só, é reconhecido por todos a sua importância e implementação no bairro..(...)

(...) nós na ASA notamos que quando é nos Santos Populares, que são transversais a todas as camadas, são as pessoas de uma classe média que nos procuram, porque temos um espaço diferente com condições para as pessoas estarem bem, a ASA beneficia disto porque trata-se de um espaço diferente de todos os espaços, e também porque é preciso ter dinheiro para gastar, e são essas pessoas que podem,¹⁰⁷

¹⁰⁶ Idem

¹⁰⁷ Idem

CONCLUSÃO

O estudo sobre o bairro de Alcântara, dá conta das significativas mudanças sociais, urbanísticas e económicas, de que a cidade e o bairro em particular sofreu nas últimas décadas do pós-desindustrialização. Parte significativa dessas mudanças diz respeito a novas formas de urbanidade, que gradualmente se foram afirmando sobre um processo de desindustrialização, de certo modo tardio.

As representações sobre essas mudanças emergem de um conjunto difuso de informações, percepções e relações sociais inerentes à prática social dos moradores do bairro, que no seu quotidiano assimilam informações dos mais variados meios, contruindo com base nisso o seu referencial imagético.

Com este estudo pretendeu-se, através do bairro, palco das representações, ações e relações dos indivíduos, perceber os efeitos nas interações e sociabilidade, provocados pela redução ou deslocalização das atividades que aqui eram preponderantes e averiguar como é que, antigos e “novos” residentes interagem e reproduzem as suas representações sociais, face às mudanças provocadas pelas reestruturações económicas na paisagem urbana, na recomposição do tipo de emprego e na recomposição do tecido social e urbano.

Alcântara constitui-se durante várias décadas como um importante polo industrial da cidade e do país, tornando-se, por força dessa dimensão, um bairro com fortes características operárias, como um atributo de visibilidade social até à temporalidade recente. É já na década de 80 do século passado que todo este esplendor dá lugar a um período de recessão social e de alguma descrença.

A crise que já vinha desde algum tempo, devido ao encerramento de fábricas e oficinas, aprofunda-se e envolve toda a estrutura social, colapsando grande parte da sua principal vitalidade económica e social. Encerra muito do comércio local e tradicional, fruto de uma crescente diminuição de população residente. É ainda muito marcada desde as décadas de 80 e 90, pelo quadro de referência neoliberal, ainda hoje com um peso significativo (Smith, 1989; Pimenta de Faria, 2002)¹⁰⁸, reforçando as lógicas competitivas de caráter territorial (Domingues, 1996; Peck e Tickell, 2002) e das políticas de habitação (Wexler, 1996).

Outros fatores, houve que contribuíram de forma decisiva para o declínio da atividade económica e industrial em Alcântara, como se pode constatar pelas pesquisas bibliográficas e recolha de informação e, que apesar da Revolução de Abril de 74, na sequência da qual se tentou durante algum tempo, revitalizar e dinamizar algum do tecido industrial, nomeadamente da

¹⁰⁸Citado por; Mendes Luís; *Gentrificação e a Cidade Revanchista: que lugar para os movimentos Sociais Urbanos de Resistência*; Revista Forum Sociológico nº18 (II Série, 2008) pp. 21-28

indústria naval, o facto de ter acabado o Império Colonial com a independência das Colónias em 1975, teve como reflexo uma significativa diminuição da nossa Marinha Mercante e reparação naval.

Com a adesão à Comunidade Económica Europeia em 1986, toda a atividade económica do país sofre profunda reestruturação, com os inevitáveis impactes. Por fim, com a implementação do Mercado Único em 1992, são eliminadas as barreiras alfandegárias, o que influencia de modo significativo, toda a atividade ligada ao Porto de Lisboa.¹⁰⁹

Em resultado destas transformações, surge uma nova política urbana, fundamentalmente orientada para o mercado e para as lógicas de promoção do consumo, da competitividade e do protagonismo dos atores privados no processo de planeamento e da produção de cidade (Ley, 1980; Barata Salgueiro, 1999; Hall e Hubbard, 1996).¹¹⁰

Lefebvre (1974) terá sido dos primeiros autores modernos a teorizar sobre o espaço enquanto produto e produtor social. O processo de produção social do espaço reporta-se a uma relação dialética entre: as práticas sociais, relativas ao quotidiano vivido; as representações do espaço, constituídas por imagens e símbolos concebidos por produtores “oficiais” do espaço (planeadores/urbanistas); e os espaços de representação, referentes às representações dos habitantes e outros utilizadores (Lefebvre, 1974:42-43; 48-49). São vários os espaços sociais que se interpenetram e sobrepõem não só no social mas também no plano físico espacial (Lefebvre, 1974: 104).¹¹¹

Neste novo contexto, dá-se a gradual mudança da atividade económica para o setor terciário, uma tendente transformação do edificado e da paisagem urbana, a criação de novos serviços e requalificação de algum do edificado antigo industrial ou palaciano, para fins residenciais de alta qualidade. Começa a verificar-se uma recomposição social, de tendência continuada, acompanhada de uma das mais recentes nobilitações urbanas de Lisboa, com especial incidência nos condomínios fechados ou semi-fechados ali construídos, definidora da transformação de uma zona de tradição operária em espaço residencial de segmentos específicos das classes médias e médias-altas. Observa-se, também, alguma gentrificação, esta aparentemente em menor dimensão, dado que se trata de um fenómeno mais comum nos chamados centros históricos das cidades. É no entanto visível, especialmente em alguns edifícios reabilitados no Alto de Santo Amaro que, pela sua localização, é referido pelos entrevistados, como um local privilegiado, inserido na linha imaginária que liga o Tejo a Monsanto.

Em Alcântara verifica-se a existência de várias ex-fábricas que foram requalificadas ou totalmente demolidas, tendo dado lugar a Condomínios Privados ou *lofts*, como foram os casos

¹⁰⁹Lago, Pedro M. Carvalho, (2015); *A Desindustrialização em Alcântara – consequências sociais e urbanas*; Dissertação de Mestrado em Sociologia, ISCTE – IUL

¹¹⁰ Idem

¹¹¹Sofia Santos; *Mobilidade geográfica e desigualdades sociais: lugares e caminhos de investigação sociológica sobre território*; CIES e-WorkingPaper N.º 179/2014

da Fábrica de Chocolates Regina, a dos Alfinetes, a Fábrica União da (CUF), para referir apenas alguns exemplos. No limiar do perímetro da Freguesia de Alcântara, a Fábrica de Lâmpadas Osram em fusão com a Empresa de Materiais de Construção Oliveira & Irmão, é representativa desta dinâmica de requalificação e reconversão do edificado industrial, trata-se do LisboaLoft e o primeiro *Loftliving* da cidade.

Outros equipamentos anteriormente reservados a armazéns de apoio a atividade portuárias, as chamadas “Docas” e a própria Gare Marítima, de onde embarcaram muitos milhares de militares, com destino a África para combater na Guerra Colonial, foram hoje requalificados em espaços de restauração, bares ou discotecas e outras atividades de lazer; outros ainda dedicados a usos culturais, como o emblemático Edifício Pedro Álvares Cabral, antigos Armazéns Frigoríficos da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, requalificado em Museu do Oriente e a Standard Elétrica presentemente sede da Orquestra Metropolitana de Lisboa. É também incontornável a influência produzida pelo Lx-Factory, enquanto polo reprodutor de ideias, arte e design, representativo de um processo de reaproveitamento de espaços fabris abandonados.

Através da análise dos dados estatísticos disponíveis, são visíveis alterações demográficas, como o aumento significativo da proporção de profissionais socialmente mais valorizados, tendo aumentado no espaço de duas décadas para o dobro, bem como a proporção da população residente com ensino superior completo que se situava nos 8,4% em 1991, passando para os 27,2% em 2011, data do último censo.

No período de 1991 a 2011 verifica-se uma redução de cerca de 25% da população residente, chegando, mesmo, no grupo etário dos 25 aos 64 anos (população em idade ativa/ produtiva) a menos 25,9%. Se considerarmos apenas o último decénio (2001-11), a população residente continua a diminuir (- 3,46%), embora a um ritmo inferior, em parte por efeito da mobilidade e entrada de migrantes que tem vindo a aumentar. (ver Quadro 8 em anexo)

Pelo que podemos concluir, que em Alcântara nas últimas décadas se tem assistido a uma gradual recomposição social de tendência ascendente, de que resultam diferentes representações e construções sociais, novos hábitos e estilos de vida e conseqüentes transformações no tecido urbano.

Do ponto de vista das interações e relações de sociabilidade, foi possível apurar através das entrevistas aos novos residentes, que estes parecem sentir a falta de locais públicos onde as pessoas se encontrem regularmente, o café do bairro onde vai toda a gente e se estabelecem as interações. Reforçando esta perceção é dito que a falta de ligação ao rio provoca este incompreensível afastamento das populações desta zona, do seu elemento natural, afinal ali tão perto.

Dado curioso, mas significativo da forma de comunicação entre as pessoas e, que parece ser assumida, não só como uma representação social da prática de comunicação, mas também

como uma construção da realidade que, segundo os interlocutores, terá sido idealizada e concebida pelo Arquiteto responsável do projeto do condomínio, como uma forma nova de comunicação, a chamada “comunicação silenciosa”, que consiste nesta trilogia, as pessoas vêem-se, conhecem-se, mas não se relacionam.

Novos e antigos residentes percebem com algum “desencanto” um aprofundamento das desigualdades entre duas Alcântaras, a nova, reabilitada e rica e a velha cada vez mais “guetizada”, pobre.

Quanto às alterações urbanas ocorridas ou previstas nos inúmeros projetos, constata-se a existência de posições divergentes nos entrevistados, no que se refere sobretudo aos condomínios ou a novos projetos, considerados alguns de absurdos e descaracterizadores da paisagem urbana da zona.

Parece haver unanimidade, através da representação de um sentimento comum, tanto de antigos como de novos residentes, no desejo, de que sejam concretizadas alterações, que não produzam roturas visuais e não alterem a identidade de Alcântara.

O bairro promove um conjunto de referências e símbolos aos que lá vivem e que são percebidos pelos seus utilizadores e visitantes, influenciando comportamentos e criando sentido. É através da fórmula de dar sentido ao lugar e da sua ligação ao indivíduo, que se reforçam as identidades e as interações.

O lugar adquire assim, um significado para a vida dos seus habitantes.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, João Ferreira de, *Classes Sociais nos Campos: Camponeses Parciais numa Região do Noroeste*, p.80
- Antunes, Henrique Fernandes; *O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth*; Ponto Urbe, nº 15, 2014
- Araújo, Luísa Manuela Soares; *Estudo de caso- Alcântara XXI- Lisboa*; Malha Urbana – Revista Lusófona de Urbanismo, nº 27 – 2009.
- Bauman, Zigmunt, 2005; *Confiança e Medo na Cidade*; Relógio D'Água Editores, julho 2006
- Bourdieu, Pierre, (1979) *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*, Paris, Les Éditions des Minuit
- Carmo, Renato Miguel; *A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação*; Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 252-280
- Carvalho, Gonçalo José Veloso Queirós de; *“A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Atividades e Espaços de Cultura, Caso de estudo: LX Factory*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura; Novembro 2009; Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa.
- Casanova, José Luís, *Orientações sociais – uma abordagem crítica e operativa ao conceito de habitus*, Atas dos ateliers do V Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação, Teorias e Metodologias de Investigação
- Casanova, José Luís; *Ambiente Urbano - Representações Sociais e Cidadania Conceções*, Problemas e Responsabilidades Ambientais em Lisboa; Cidades- Comunidades e Territórios Jun . 2001, n.0 2, pp. 85-98
- Cavaco, Gabriela Perdigão de Almeida; *Um Museu na Cidade Representações Sociais de uma Unidade Museológica em Transformação no Centro de Lisboa*; Tese apresentada para a obtenção do grau de Doutor em Museologia no Curso de Doutoramento em Museologia, Março de 2007, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Conceição, Margarida Tavares da: *Dossier Bairros*; A polissemia da palavra bairro, Compilação de notas para o estudo do conceito de bairro; Técnica superior do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, onde integra equipa do SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Investigadora do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Docente de Arquitetura Militar e Fortificação (séc.s XV-XVIII) no Mestrado em História da Arte da FCSH-UNL.
- Cordeiro, Graça Índias, Frédéric Vidal Org. (2008); *A Rua espaço, tempo, sociabilidade*, Livros Horizonte, 2008.
- Costa, A.F.; Mauritti, R.; Martins, S.C.; Machado, F.L.; Almeida, J.F., *Classes Sociais na Europa*, Sociologia, Problemas e Práticas, nº 34, 2000, pp.9-43
- Costa, António Firmino (2008), *Sociedade de Bairro*. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural, 2ª edição, Celta Editora, Av. de Berna, 11, 3.º, 1050-036 Lisboa;
- Costa, António Firmino; *Identidades Culturais Urbanas em Época de Globalização*; Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 17 Nº 48
- Estanque, Elísio: *IV- Diferenças Sociais de Classe e Conflitualidade Social*.
- Ferrão, J.; *Recomposição Social e Estruturas Regionais de Classes (1970-81)*, Análise Social, vol. XXI (87-88-89).1985-3.º-4.º-5.º. 565-604;
- Gaspar, Lucília Batalha Duarte (2003); *Auto Segregação Sócio Espacial em Lisboa*; Estudos Regionais, nº 4
- Gonçalves, António Custódio (1988); *Os Bairros urbanos como lugares de práticas sociais*: Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série Volume IV, Porto, 1988 p. 15-31

- Guerra, Paula em “*A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objeto complexo*”
- Guiddens, Anthony; *Pensamento teórico na sociologia*, Sociologia, 8ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian
- Giroud, Matthieu; *Résister en habitant ? Renouveau urbain et continuités populaires en centre ancien*, (Berriat Saint-Bruno à Grenoble et Alcântara à Lisbonne); Thèse pour l’obtention du Doctorat en géographie Présentée et soutenue publiquement le 7 décembre 2007; Université de Poitiers U.F.R. Sciences Humaines et Arts, Département de géographie
- Inglez, Sofia d’Aboim, Mónica Truninger, Pedro Vasconcelos, Notas sobre as Representações Sociais e o habitus: esboço de uma análise comparada, *Revista Psicologia*, XI, 2/3, 1996, pp. 139-158
- Trabalhos coletivos orientados por: Janeira, Ana Luísa e Conceição Lobo Antunes Org.,”*Marcas de Indústria no ambiente de Alcântara*”; Barca Nova-Editor Livreiro-Distribuidor,1983
- Lago, Pedro Manuel de Carvalho, (2015), *A Desindustrialização em Alcântara – consequências sociais e urbanas*; Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, outubro 2015
- Marques, Beatriz (2009), *O Vale de Alcântara como Caso de Estudo*, Evolução da Morfologia Urbana, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, IST
- Martins, M.; *Condomínios Habitacionais Fechados, e Qualidade de Vida, Uma discussão sobre a Cidade*; VI Congresso Português de Sociologia (25 a 28 Junho de 2008), Área Temática: Cidades, Campos e Territórios;
- Mendes Luís; *Gentrificação e a Cidade Revanchista: que lugar para os movimentos Sociais Urbanos de Resistência*; *Revista Forum Sociológico* nº18 (II Série, 2008) pp. 21-28
- Mineiro, João N Ribeiro, *O Campo Universitário Português: transformações e disputas entre 1988-2015* Dissertação de Mestrado em Sociologia, ISCTE-IUL 2015
- Nunes, Nuno; *A sociologia das classes sociais na investigação sociológica em Portugal*; VI Congresso Português de Sociologia, junho 2008.
- Pereira, Joana Vidal de Azevedo Dias (2012); *Espaços industriais e comunidades operárias: o caso de estudo português e a tradição historiográfica europeia Industrial*, *Revista Brasileira de História*, vol. 32, no 4-Dezembro de 2012
- Pereira, Nuno Teotónio; *Pátios e Vilas de Lisboa, 1780-1930: a promoção privada do alojamento operário*; *Análise Social*, vol. Xxix (127), 1994 (3º), 509-524
- Pereira, Sandra Marques, (2008), *Novos Tipos de Habitação, O Caso de Lisboa*, VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa
- Pereira, Sandra Marques, (2012), *Casa e Mudança Social, uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa*, Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra, Portugal
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt; *Manual de Investigação em Ciências Sociais*; Gradiva Publicações Lda. 4ª edição 2005.
- Rodrigues, W.; *Cidade em Transição, Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*, Celta Editora, Lisboa,2010;
- Sá, Teresa, *A Cidade entre Bairros*,1 vd Francois Ascher “La fin des quartiers?”
- * Professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL), Investigadora do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD).
- Salgueiro, T. Barata; (1992), *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*, Edições Afrontamento, Porto 1992.

- Salgueiro, T. Barata; (1997); *Cidade Pós-Moderna. Espaço Fragmentado*, III Congresso de Geografia Portuguesa, Porto, Setembro. Edições Colibri e Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa, 1999, pp. 225-236
- Seixas, João (2010); *Em todas as Ruas – Crónicas Urbanas*, Escritório Editora, 1ª edição: maio de 2015
- Silva, João Manuel Pereira da; "*reutilização de Edifícios Industriais em Lisboa para a criação de Residências Universitárias*"; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Outubro 2012, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa.
- Simões, Mariana Parreira; *Construir no Construído Novos Modelos de Habitar a Cidade Para a Zona Industrial de Alcântara*; Projeto para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa, junho 2012
- Sofia Santos; *Mobilidade geográfica e desigualdades sociais: lugares e caminhos de investigação sociológica sobre território*; CIES e-WorkingPaper N.º 179/2014
- Vaz Milheiro, Ana, 2005. "*O final da fábrica, o início da ruína*", A arquitetura da indústria, 1925-1965 Registo Docomomo Ibérico, Fundação Docomomo Ibérico, Barcelona, pp. 91-93.
- Vidal, Frédéric, *Fatores de Diferenciação Social em Alcântara no Início do Século XX*, A análise de uma lista de declarações profissionais, CEHCP-ISCTE/FCT.
- Vidal, Frédéric, *Les habitants d'Alcântara. Histoire sociale d'un quartier de Lisbonne du XXe siècle*, Villeneuve d'Ascq, Presses universitaires du Septentrion, 2006, 489 p.», *Revue d'histoire moderne et contemporaine* 2/2008 (nº 55-2), p. 206-206
- Wachelke, João Fernando Rech e Camargo, Brigido Vizeu; *Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento*; mestre em psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador associado do Laboratório de Psicossociologia da Comunicação e Cognição Social (LACCOS) e doutor em psicologia social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e professor associado do departamento de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. É coordenador do Laboratório de Psicossociologia da Comunicação e Cognição Social (LACCOS), respetivamente. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology* - 2007, Vol. 41, Num. 3 pp. 379-390

FONTES

Câmara Municipal de Lisboa; Plano de Urbanização de Alcântara, Volume I – Relatório (Análise); Manuel Fernandes de Sá, Lda. Proposta de Plano - Julho 2011

Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, Património Arquitetónico — Geral, Lisboa, IHRU, IGESPAR, 2010 (Kits - património, nº 3, versão 1.0

INE – Instituto Nacional de Estatística

Observatório da Luta Contra a Pobreza na Cidade de Lisboa

ANEXOS

ANEXO A – QUADROS

Quadro 1.2 – Proporção da população residente com ensino superior completo

Local de residência	Proporção da população residente com ensino superior completo (%) (1991 - 2011)					
	Período de referência dos dados					
	1991	2001	variação 1991-2001	2011	variação 2001-2011	variação 1991-2011
	%	%	%	%	%	%
Lisboa	11,79	21,01	9,22	33,63	12,62	21,84
Alcântara	8,40	15,64	7,24	27,2	11,56	18,8

Fonte: INE Censos 2001 e 2011

Quadro 2.2 – Proporção de profissionais socialmente mais valorizados (%)

Local de residência	Proporção de profissionais socialmente mais valorizados (%) por Local de residência;		
	Período de referência dos dados		
	1991	2001	2011
	%	%	%
Lisboa	21,82	30,86	42,46
Alcântara	17,89	25,80	36,93

Fonte: INE

Quadro 3.2- Edifícios, segundo o número de pisos, por época de construção

Zona Geográfica	Edifícios segundo o número de pisos							
Época de construção	Total	1 piso	2 pisos	3 pisos	4 pisos	5 pisos	6 pisos	7 ou mais
Alcântara	1659	490	245	279	291	160	101	93
Até 1919	538	224	111	112	63	28	0	0
1919 - 1980	998	255	131	156	194	105	81	76
1981 - 1990	18	4	0	1	2	3	2	6
1991 - 2000	47	1	1	6	22	8	2	7
2001 - 2011	58	6	2	4	10	16	16	4

Fonte: INE

Quadro 4.2- Alojamentos familiares de residência habitual, com garagem ou lugar de estacionamento, e existência de ar-condicionado, (2011).

Período de referência dos dados	Localização geográfica	Alojamentos (N.º) por localização geográfica e Tipo (alojamento)	Alojamentos familiares de residência habitual (N.º e %) por localização geográfica e existência de lugar de estacionamento ou garagem; (à data dos Censos)			Alojamentos familiares de residência habitual (N.º e %) por localização geográfica e existência de ar condicionado; (à data dos Censos)	
		Tipo (alojamento)	Existência de lugar de estacionamento ou garagem			Existência de ar condicionado	
		Clássicos	Tem estacionamento ou garagem			Com ar condicionado	
		N.º	N.º	%	N.º	%	
2011	Lisboa	322865	57295	17,7	31789	9,8	
	Alcântara	8886	873	9,8	573	6,4	

Fonte: INE

Quadro 5.2 – Taxa de variação da população residente por grupos etários, nos períodos (1991-2001) e (2001-2011)

Período de referência dos dados	Local de residência	Taxa de variação da população residente (%) por Local de residência, e Grupo etário; (2001- 2011)					Taxa de variação da população residente (%) por Local de residência, e Grupo etário; (1991- 2001)				
		Grupo etário					Grupo etário				
		Total	0 - 14 anos	15 - 24 anos	25 - 64 anos	65 e mais anos	Total	0 - 14 anos	15 - 24 anos	25 - 64 anos	65 e mais anos
		%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
1991 a 2011	Lisboa	-3,00	7,55	-25,31	-0,48	-1,76	-14,90	-30,50	-27,70	-14,80	7,00
	Alcântara	-3,46	26,26	-31,73	-1,70	-4,49	-22,00	38,50	-31,40	-24,70	-2,80

Fonte: INE

Quadro 6.2 – Taxa de abandono escolar ano 2011

Local de residência (à data dos Censos 2011)	Taxa de abandono escolar (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011)
	Período de referência dos dados
	2011
	%
Lisboa	1,81
Alcântara	1,15

Fonte: INE

Quadro 7.2 - População empregada por atividade económica em Alcântara, à data dos censos de 20011

População empregada por atividade económica em Alcântara, à data dos censos de 20011		
Atividade económica	Nº	%
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	21	0,38
Indústrias extrativas	3	0,05
Indústrias transformadoras	290	5,19
Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	25	0,45
Captação, tratamento e distribuição de água; saneamento, gestão de resíduos e despoluição	22	0,39
Construção	235	4,20
Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis e motociclos	680	12,16
Transportes e armazenagem	222	3,97
Alojamento, restauração e similares	561	10,03
Atividades de informação e de comunicação	317	5,67
Atividades financeiras e de seguros	278	4,97
Atividades imobiliárias	63	1,13
Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	570	10,19
Atividades administrativas e dos serviços de apoio	421	7,53
Administração Pública e Defesa; Segurança Social Obrigatória	438	7,83
Educação	539	9,64
Atividades de saúde humana e apoio social	528	9,44
Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	122	2,18
Outras atividades de serviços	131	2,34
Atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico e atividades de produção das famílias para uso próprio	121	2,16
Atividades dos organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	5	0,09
Total	5592	100,00

Fonte: INE

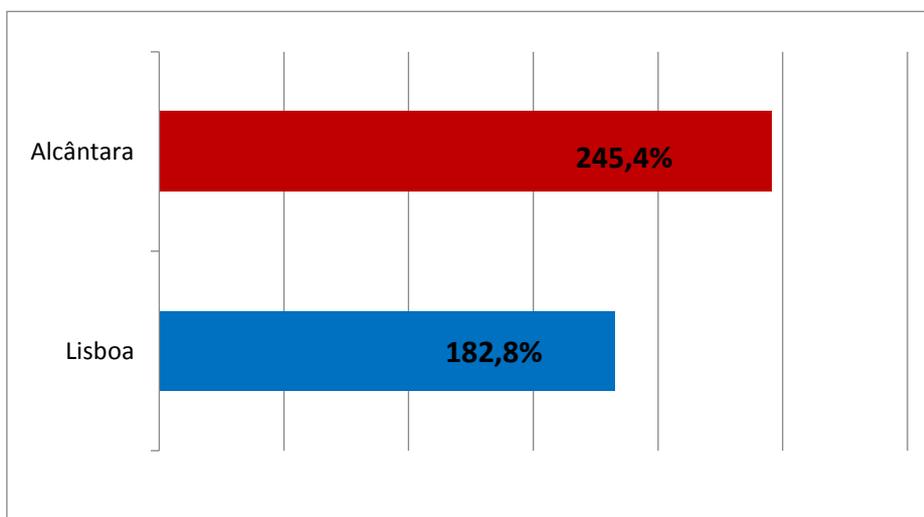
Quadro 8 - Proporção da população residente de nacionalidade estrangeira à data dos Censos 1991 – 2001 - 2011

Local de residência	Proporção da população residente de nacionalidade estrangeira (%) por Local de residência (à data dos Censos 1991,2001 e 2011)		
	Período de referência dos dados		
	2011	2001	1991
	%	%	%
Lisboa	6,30	3,40	2
Alcântara	7,24	3,05	0,81

Fonte: INE

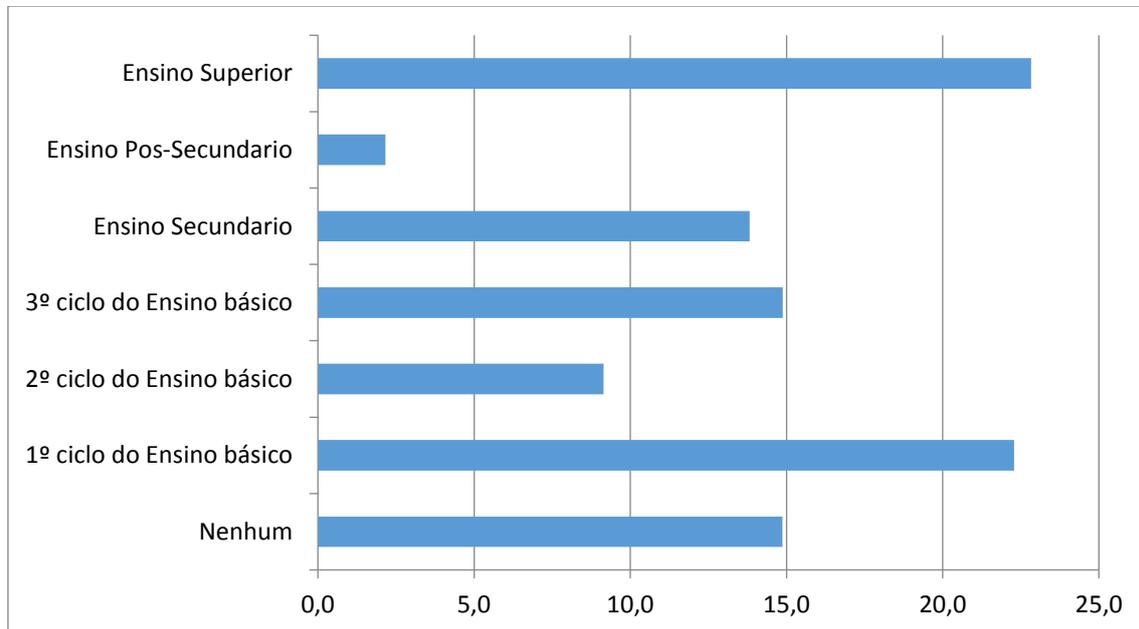
ANEXOS – B - FIGURAS

Gráfico 1.2 - Índice de envelhecimento da população, 2011



Fonte: INE, CML

Gráfico 2.2 - Proporção de população residente segundo nível de instrução completo – 2011



Fonte: INE, CML

ANEXO C – FOTOS



Foto – 1 Livraria Ler Devagar – Lx-Factory – (foto do autor)



Foto – 2 Depósito de água – Lx-Factory – (foto do autor)



Foto – 3 Fábrika Ideal – Rua das Fontainhas – (foto do autor)



Foto – 4 Condomínio Alcântara-Rio – (foto do autor)



Foto – 5 – Rua Sá de Miranda – ex-Fábrica Regina à esquerda – (foto do autor)



Foto – 8 – Vista parcial de antigo edifício fabril – Lx-Factory
(foto do autor)



Foto – 6 – Condomínio Alcântara Residence – Conjunto Habitacional
(foto do autor)



Foto – 7 – Túnel de acesso ao Condomínio – Rua Luís de Camões.
(foto do autor)



Foto – 9 – Alto de Santo Amaro – Edifícios Reabilitados – (foto do autor)

ANEXO D – GUIÕES DE ENTREVISTA

1 - ANTIGOS RESIDENTES

Caracterização:

Idade:

Naturalidade:

Escolaridade:

Situação profissional:

-Desde quando vive e/ou trabalha em Alcântara?

Percurso histórico:

- Fale-nos de como era Alcântara, nos anos 60/70.

- Com o encerramento das fábricas, que alterações foram em sua opinião mais marcantes no ambiente social?

- Como se refletiram estas alterações no Comércio Local?

Renovação do espaço urbano:

- Que características destaca como mais significativas no reordenamento urbanístico?

- Relativamente à habitação. Que particularidades destaca nas novas urbanizações (qualidade, arquitetura, “Condomínios Fechados”, enquadramento paisagístico, outras)?

Recomposição social:

- Quais as alterações, que regista como mais significativas, quanto às novas populações residentes?

- Como são, nos dias de hoje, as relações de vizinhança?

Sobre processos de requalificação:

- Em sua opinião são positivos os usos dados a anteriores espaços industriais, como LX- Factory ou as Docas, entre outros?

- Houve reflexos no emprego, ou no tipo de emprego?

- Globalmente que avaliação faz destas alterações? Valorizaram ou não esta zona da cidade?

ANEXO D – GUIÕES DE ENTREVISTA

2 - GUIÃO-ENTREVISTA A DIRIGENTE DA ACADEMIA DE STO. AMARO (ASA)

Caracterização:

Nome:

Idade:

Cargo/função na estrutura:

Percurso histórico:

- Faça-nos uma breve descrição histórica da Academia de Santo Amaro;
- Quais as atividades culturais, recreativas e sociais desenvolvidas pela da Academia;
- Do conjunto destas atividades quer salientar alguma, que considere mais emblemática ou mais abrangente?

Inserção no Bairro:

- Qual o nível de inserção junto da população do Bairro?
- Quantos associados tem a ASA?
- Os sócios e participantes nas atividades da ASA são maioritariamente residentes na Freguesia de Alcântara?

Recomposição social:

- Com as alterações verificadas na população residente, em especial nas últimas décadas, que efeitos, se os houve, tiveram nas atividades da ASA?
- Enquanto associação cultural, com amplo historial e implantação social, tem certamente uma visão sobre as mutações sociais que vão ocorrendo em Alcântara, ao longo dos anos. Gostaria que nos desse testemunho necessariamente breve, dessas alterações e seus impactos?
- Quanto ao futuro, associações como a ASA, são associações com futuro?

ANEXO D – GUIÕES DE ENTREVISTA

3 - NOVOS MORADORES

Caracterização:

Idade;

Habilitações;

Situação profissional e função.

Trajectoria:

- Há quantos anos reside em Alcântara?
- Quais as razões fundamentais, porque decidiu vir residir para esta zona da cidade?
- Onde residia antes?
- Chegou a conhecer este local e suas ocupações funcionais anteriores?
- Que conjunto de condições são para si, fundamentais, existirem no local onde se habita?
- Em seu entender Alcântara, apesar de ter sido um polo industrial e, serem ainda visíveis resquícios dessa atividade, reúne essas condições? (Especifique um pouco mais.)
- O fato de terem existido aqui, um conjunto de fábricas, e agora muitas delas deram lugar a condomínios privados, tem para si algum significado? Qual?

Relações e interações no Bairro e modos de vida:

- Como é o seu dia-a-dia?
- a) Frequenta o comércio local regularmente?
- b) Que tipo de serviços utiliza?
- c) Os seus filhos frequentam as escolas do Bairro?
- d) E quanto aos espaços de lazer, em Alcântara, é frequentador?
- e) É sócio de alguma das coletividades existentes no Bairro? Participa nas suas atividades culturais e recreativas?

Apreciação sobre a Zona envolvente:

- Em sua opinião são positivos os usos dados a anteriores espaços industriais, como por exemplo as Docas ou o LX Factory?
- Globalmente que avaliação faz destas alterações?
- É seu entendimento que as alterações atrás referidas valorizaram esta parte da cidade?

ANEXOS E - GRELHA SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

GRELHA SÍNTESE DAS ENTREVISTAS			
Antigos residentes e/ou trabalhadores			
Caracterização	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3
Idade: Escolaridade:	66 anos Curso Industrial de Tipografia	65 anos Curso Industrial de Tipografia - Compositor	80 anos Curso Geral dos Liceus (5º ano) Proprietário de Cabeleireiro, com percurso de 60 anos de profissão, participou em vários festivais Nacionais e Internacionais reformado, mas ainda em atividade
Representações de Alcântara antiga	(..) naquele tempo,(...) Namorava á janela a que é hoje a minha esposa, era um casarão enorme tinha muitas casinhas mas só tinha uma entrada, as janelas davam todas umas para as outras, (...) recordo-me que às vezes fechavam a Rua e faziam uns bailaricos e outras festas, era animação da época, convívio de bairro, (...)era na Rua Prior do Crato, antes de chegar à Praça da Armada, onde fica o quartel (...)toda a gente se conhecia, haviam ali vários estabelecimentos, a tipografia, onde trabalhava, o cabeleireiro a mercearia a drogaria era ali tudo junto, todos se conheciam. A tipografia hoje é uma delegação da Caixa. (...) havia, e quando passo lá no 20 ou no 27, ainda lá está o café no largo de Alcântara, mas o largo está totalmente diferente, a seguir a umas escadinhas, ainda lá está a banca dos jornais, essa ainda é do meu tempo,	O ambiente na zona de alcântara era bom, era tudo gente da classe trabalhadora, inclusivamente não era só pessoal das fábricas e empresas da zona, desaguavam ali também os estivadores, no largo do calvário era muita gente, é evidente que fechou muita coisa o comércio e várias empresas, por ex: o número de estivadores foi drasticamente diminuindo, juntavam-se ali para almoçar, no caso do anuário tínhamos refeitório, mas havia dias que para ir almoçar a outro lado tínhamos de penar um bocado para arranjar mesa era muita gente, a zona de alcântara era extraordinariamente movimentada. Estamos a esquecer de uma situação muito importante e que dava muita vida na zona onde é a Carris, aliás queriam fazer à Carris o que fizeram ao Anuário (...) a Carris está reduzida aos mínimos, antigamente eram oficinas, os elétricos recolhiam em Sto. Amaro e Arco Cego, as oficinas não são aquilo que chegaram a ser (...) Pessoal que também frequentava	Dos anos 60 para cá, o elétrico que vai para ajuda e boa hora, e passava mesmo á porta daqui da rua, havia nessa altura quem quisesse pagar mais barato o bilhete operário que custava 0,8 tostões, tudo isso acabou e mesmo o que ainda existe vai desaparecer, como vê fazia-se a viagem de ida e volta por 8 tostões. Sim eu naquela altura tinha clientes de todo o lado, depois como sabe esta atividade funciona muito pelo passe palavra ou seja, uma amiga traz outra e assim sucessivamente. Naquele tempo este cabeleireiro era como posso dizer o nº um. Sim, inclusivamente a título de exemplo refiro-lhe que as duas donas na altura da Fábrica da Regina eram minhas clientes, pessoas muito simpáticas; elas moravam também ali perto aliás já nessa altura toda aquela zona junto à Rua Luís de Camões era muito movimentada, como pode verificar hoje praticamente não há por ali nada, não uma loja de jeito é só chineses. Lembro-me perfeitamente da construção da ponte, ainda me recordo da forma como através

	<p>lembro-me do homem dos jornais mandar os jornais atados para um 1º andar (...) Recordo-me da Promotora, porque a minha filha andou lá na Escola, até à 4ª classe, (...) do outro lado fica a Casa Fonte dos Passarinhos, penso que já não há os passarinhos mas o nome fica, estava sempre cheio, (...) havia um cabeleireiro, que era onde a minha mulher trabalhava mais a irmã, onde a minha filha quando nasceu, ficava lá no cabeleireiro numa “gavetinha” e as clientes é que tratavam dela, nesse tempo era assim, em casa não podia ficar!</p>	<p>além o Calvário o largo de Alcântara onde há muitos restaurantes (...) tive a sorte de ter conseguido emprego ter lá estado trinta e tal anos, naquele tempo (até finais dos anos 80) Havia um verdadeiro ambiente de bairro, toda a gente ali convivia. (...) o pessoal do então bilhete operário acabou, (...) quanto às outras empresas não sei, sei que a fábrica do Açúcar foi deslocalizada para outro sítio, o pessoal que saiu do Anuário e já Mirandela grande parte deles foram para Loures, muita gente morava aqui nas redondezas, Ajuda ,Alcântara, Rua Maria Pia, muita gente morava por aí.</p>	<p>de um sistema de macacos hidráulicos, a plataforma ia sendo empurrada de um pilar para outro, devagarinho e, assim ia surgindo o tabuleiro, até que por fim atravessava o tejo. Claro que me lembro disso.</p>
<p>Representações da Alcântara de hoje</p>		<p>(...) com aquela revolução de acabar com as indústrias na zona de alcântara, mandar tudo abaixo, para construir condomínios e não sei quê, (...) é ocupado o primeiro edifício construído na península ibérica, em pedra e ferro, considerado património cultural, e daí também não ter sido levado nessa enxurrada de deitar abaixo. E é por isso que lá temos hoje o Lx Factory, (...) os vestígios que lá ficaram por exemplo foi uma rotativa (...) porque custava mais dinheiro desmonta-la do que deixar ficar, montaram lá uma livraria (Ler Devagar) onde a rotativa faz de tipo estante, expositor, ou coisa no género é engraçado eu não vou lá porque não acho graça nenhuma! Não é que seja saudosista mas toca-me cá...dentro.</p>	<p>Hoje é muito diferente desde logo porque, a mulher trabalha fora de casa não tem o mesmo tempo, (...) não pode deslocar-se com a mesma facilidade ao cabeleireiro como o fazia antes, por isso agora não só se vai menos vezes como se procura uma solução mais perto de casa ou na maior parte das vezes próximo do trabalho. Hoje vamos a qualquer lado, e temos um panorama bastante mais vasto, naquela altura não havia, mas do meu ponto vista vivia-se melhor, apesar de se viver mais pobre, vivia-se melhor. Com o encerramento das fábricas foram muitas das pessoas embora, e por várias razões, como em tudo veio a tecnologia, acabaram-se muitos empregos, porque onde haviam uma dúzia ou duas de trabalhadores passaram a haver um ou</p>

		<p>A grande vantagem e que não foi para a população local, foi o ter ido para ali morar alguma classe média superior para os condomínios, principalmente onde era a antiga fábrica Sol/União, (...) Sim há novas pessoas mas não pessoas que frequentem o bairro, serão pessoas que moram ali, dormem lá mas não vivem, não utilizam o comércio, Há condomínios isolados, como por exemplo na Rua Luís de Camões, que até estão escondidos, a entrada é feita através do respetivo túnel, condomínios interiores, (...) as fábricas ocupavam os chamados quintais interiores, agora construíram prédios, são pessoas que no geral não frequentam a zona nas suas diferentes vertentes. Atrever-me-ia a chamar aos condomínios “dormitórios”. Essa é a minha perceção.</p>	<p>dois. A tecnologia apesar destas consequências é muito boa porque hoje temos mais anos de vida, vivemos hoje muito mais que nessa altura, naquele tempo um homem com quarenta e poucos anos era velho. Hoje chega-se ao 70, 80 e até 90 e mais.</p>
Renovação	Não comentou	<p>(...) o Lx-Factory vai-se implantando nas instalações à medida que a Gráfica Mirandela, ainda vai funcionando , vai preparando a saída, chegámos a estar a imprimir trabalho e a enviar o mesmo em camioneta para Loures, e a Lx-Factory, já a funcionar, mas fundamentalmente com atividades de noite, e nós continuávamos a ter lá 3 rotativas depois acabaram por sair uma depois saiu outra depois! a saída da Mirandela, ainda foram uns 3 a 4anos de convivência,</p>	<p>Não podemos ficar parados, temos de avançar, não podemos ver apenas as partes menos boas, estas obras também trouxeram muitos benefícios para a população, o problema é que as pessoas foram também ficando velhas e não acompanharam o progresso, muitas estão ainda agarradas ao passado, também porque muitas delas já muito pouco saem á rua. Não tem conhecimento do que para aqui está projetado, e em minha opinião, vai ainda ser melhor, Agora vai ser construído um Hospital da CUF ali em baixo, depois vai ser também construído na zona onde era o Pinhol, tudo isto vai ter uma evolução muito grande, porque Alcântara, diz-se, vai ser uma zona muito nobre não virada</p>

			para o passado mas sim para o futuro. Aliás já está a ser construída muita coisa aí.
Representações sobre os espaços requalificados (Docas, LxFactor...)			A noite é que ainda tem algum movimento, de dia parece-me valer muito pouco, segundo julgo saber as pessoas vão lá jantar e depois vem para aqui para acervejaria, porque onde se come bem é em Alcântara. O aproveitamento dos espaços em minha opinião ficou muito aquém do se pretenderia.
Interações com o bairro e residentes	Pastelaria o GOLO, era onde se podia jogar bilhar e onde se juntavam grupos de amigos, (..)jogávamos à bola num descampado onde é a Av. de Ceuta, tinha ali umas balizas de madeira assim um bocado “manhosas” mas dava, tínhamos uma equipa que era o Agra dos amigos de Alcântara, organizávamos uns jogos, tinha equipamentos e tudo, também frequentei o Atlético, quando deixei de jogar no Casa Pia andei a treinar no Atlético, havia lá também uns jogos de batota. O pessoal era muito bairrista, as pessoas conheciam-se todas e as pessoas que por ali circulavam, (...) não estavam tão isoladas como estão hoje.	(...) eram muitas as pessoas que se cruzavam por ali, na sua grande maioria gente operária que laborava nas fábricas e outras oficinas ali existentes. À hora de almoço e fundamentalmente ao final da tarde, toda agente da classe trabalhadora, antes de irem para casa faziam, uma pausa para beber um copo e conviver sem problema independente da empresa onde trabalhavam, servia também para desabafar algo que corria menos bem no seu dia de trabalho.	Olhe quero dizer-lhe uma coisa relativamente a todos estes prédios ali construídos, há alguma coisa que não percebo, em toda aquela zona só há um café, não se vê mais nada aquilo parece tudo menos Alcântara, o ambiente é totalmente diferente, (...) é todo moderno mas não se está em Alcântara. Alcântara será sempre Alcântara!
Trajetória e razão de escolha de Alcântara para residir	Residia com familiares na Rampa das Necessidades, atualmente moro em Algés.	Não residente, trabalhou em Alcântara durante trinta e tal anos.	Nunca morou em Alcântara, mas trabalha desde finais da década de 60.

GRELHA SÍNTESE DE ENTREVISTAS

Novos residentes

Caracterização:	Entrevistado 4	Entrevistado 5
Idade: Escolaridade:	38 anos Licenciatura em Comunicação e Relações Públicas; Pós-graduação, Culturas Visuais Digitais	37 anos Licenciatura em Comunicação; Pós-graduação em Comunicação
Representações de Alcântara antiga	<p>Sim já me informei e consultei vários livros sobre os bairros e sobre Alcântara, e fui-me apercebendo de que aqui houve diferentes atividades, fabris, que ainda existem muitos vestígios alguns abandonados, há condomínios modernos onde mantiveram chaminés como o Alcântara Rio junto ao Pingo Doce, onde anteriormente eram fábricas. E também esta zona onde estamos Lx-Factory onde na sua génese funcionou uma fábrica de tecidos e depois a Gráfica Mirandela, que quando eu vim para cá morar ainda estava a laborar, via da minha casa a fazerem os encartes que depois eram levados pelos Correios, era muito próxima esta realidade, já não apanhei outras mas recordo aquela.</p>	<p>Lembro-me de ver no sítio onde moro, a Fábrica dos óleos (Fábrica União) em ruínas, mas aqui mesmo ao lado a Fábrica dos Azulejos Ideal, estive a laborar até há cerca de 6 ou sete anos. É difícil porque deitou-se tudo abaixo, a memória está nos livros e nas fotos, eu não vivi aquilo. Aquilo que eu penso e que o Arq. tentou fazer e a meu ver bem foi o de celebrar, e guardar alguma da sua existência com a chaminé e com os tijolos à vista, o que remete muito para um imaginário fabril, e eu não esqueço tento passar essa mensagem ao meu filho, isto era uma fábrica. Não se devia deitar nada abaixo, pelo menos as coisas importantes, como o sítio onde estamos, não foi abaixo, ainda!!! Isto é um bom exemplo de reabilitação funcional, isto está a ser utilizado a título de empréstimo ou alugado a prazo, até estar tudo vendido, mas penso que temos uma alternativa a porque isto tem vida, prova-se que podemos aproveitar sem necessariamente deitar abaixo. Voltando ao meu caso não sinto que esteja a apagar a história, e penso que os Arquitetos fizeram um bom trabalho, e tentaram, eu gostava de ver no largo das Marisqueiras o Mercado, esse sim totalmente desmantelado e segundo parece era uma coisa fabulosa, portanto há certas coisas que deviam continuar a existir</p>
Representações da Alcântara de hoje	<p>Em meu entender, Alcântara é uma zona que tem uma população muito envelhecida, há muito pouca gente jovem, diferente de algumas outras zonas da cidade, e depois como esta freguesia tem polos muito diferentes, por exemplo, Rua Luís de Camões uma zona mais nobre de pessoas mais abastadas, cá em baixo uma zona mais empobrecida, no Calvário idem, depois há o condomínio de Alcântara –Rio,</p>	<p>(...) sou um privilegiado tenho aqui tudo, à quem diga, não tens Metro, não preciso de Metro, porque se precisasse não tinha tudo, tenho carro. Alcântara continua ser “Under Dog”, não é muito charmoso, no meio disto tudo é de passagem, não será um sítio para se viver, não é “Cool” ou “Trendy”, mas eu gosto disso, é uma questão de identidade, Alcântara mantém identidade.</p>

	<p>mas não as vejo a circular pela rua, continuam a ser as pessoas com menos posses que frequentam com maior regularidade as ruas. Aqui também não é como na Av. de Roma por exemplo, em que circulam pessoas de diferentes classes sociais talvez porque existe comércio e as pessoas habituaram-se a fazer as suas compras em determinadas lojas.</p> <p>Aqui não havendo aquele comércio, verificam-se concentrações no Pingo Doce, por exemplo, no Domingo fui e, verifiquei que toda a gente quase se conhece, todos falam e galhofam com as meninas das caixas, é talvez o local onde se observam mais esses tipos de interação. E parecem ser as pessoas mais populares, não vejo de facto as pessoas de classe média alta a circular a pé no Bairro.</p>	<p>Eu vivi muitos anos em Campolide e nunca gostei de Campolide, eu aqui gosto disto, saio à rua e sinto-me bem. Gosto de ir à rua beber um copo, gosto.</p> <p>Não há elites em Alcântara, há é elitista, mas isso existe em todo lado. Há sim uma classe dominante que é a classe operária! (...)</p> <p>Sim aqui em baixo, basta andar por aqui às voltas e apercebe-se dessa realidade. Agora não fossem as novas pessoas a vir, isto era um bairro fantasma, maioritariamente de pessoas idosas não havia poder de compra porque não se produzia riqueza, aquelas pessoas idosas não têm já mãos para o fazer.</p> <p>É inevitável, eu não posso é ter uma visão saudosista da coisa. Alcântara tem de crescer, agora cresce para o lado certo? Ou cresce para o lado errado?</p> <p>Vou à ASA- Academia de Santo Amaro, Não sou sócio. Mas porque começo a cultivar um certo espírito bairrista, neo-bairrista, mas também porque me convém. É também para isso que os bairros existem, as pessoas, há cem anos, não iam passar os santos a outros bairros que não o seu, eram mais ligadas aos espaços. Eu não quero fechar-me aqui dentro, mas isto existe porque não vivê-lo.</p> <p>A minha namorada que é de Ourém, (...) estávamos a vir um dia da Academia e disse-me, porque é que não se faz um mini Arraial lá no empreendimento? Impossível, o vizinho do 1º andar, chamava logo a polícia, porque o vizinho do 1º andar é descendente de americanos, casado com uma Austríaca, se nem sequer os restaurantes que ficam virados para a sua janela, tiveram algum dia sossego, tiveram mesmo de fechar, porque eram processos atras de processos, porque não se preocupa em perceber onde está. Para ele é simples comprou um apartamento num condomínio semi-aberto, porque efetivamente não se trata de um espaço fechado, mas acha que comprou uma casa na Aroeira, e ai lá vamos parar às tais duas Alcântaras. Pensando melhor o que há é mesmo uma única Alcântara, mas vários tipos de alcantarenses. Talvez seja isso.</p>
Renovação	Acho que havia um projeto de Alcântara XXI, onde estavam previstas várias passagens para o rio e um conjunto	(...) vejo que há equipamentos culturais a nascer como o local onde estamos agora. Há uma certa reabilitação urbana, se há esta reabilitação há também uma renovação das pessoas, há pincelar, mas

	<p>de outras infraestruturas, mas não sei nada sobre se ainda está em andamento ou não.</p> <p>Agora vai ser feito um Hospital, e julgo que isso pela sua dimensão vai provocar alterações, vai haver muita movimentação de pessoas, provavelmente irá originar que mais pessoas queiram vir para cá morar, vamos ver.</p> <p>Sim Alcântara tem escolas, tem Universidade, tem os principais supermercados, mas por exemplo não tem Finanças, quando vim para cá morar tinha ali na Rua dos Lusíadas, agora transitaram para o Restelo, não se entende uma freguesia com esta dimensão, agora demoro mais tempo a ir às Finanças do que ir à loja do Cidadão das Laranjeiras, porque para o Restelo só há um autocarro em horário muito limitado. Centro de Emprego também já não existe, ainda temos uns Correios que são ali na Rua dos Lusíadas.</p>	<p>não sinto isto como um dormitório, porque Alcântara sempre teve alma, bem diferente do parque das nações que não tinha nada, nós sempre tivemos, temos os velhos, temos os costumes temos comércio, sinto que estamos a viver uma progressão uma evolução expectável, está-se a construir um hospital, mas Alcântara continua a ser Alcântara.</p> <p>Eu sinto que não há animosidade dos alcantarenses com as outras pessoas novos residentes, inclusivamente a Rua de Alcântara esta a ser ocupada pelos “Banglas” do Bangladech, Paquistaneses ou Indianos, (..) não vou dizer que faz mais sentido estarem eles lá do que nós, mas julgo que se enquadram perfeitamente no imaginário, aquela zona sempre foi um ponto de trocas e de comércio, há vida e eu sinto-me muito bem aqui, nunca me senti como se fosse um estranho ou estrangeiro.</p> <p>Aquela rua era um vazio, questiono mais o tipo de reabilitação ali realizada, ou seja recebem-se aquelas pessoas, não com a calçada portuguesa, que sempre tivemos, sou muito crítico com esta substituição com cimento. Alcântara e Lisboa não é isso, eu estive agora em Macau, que já não é território português, e eles exibem a calçada portuguesa com orgulho. A meu ver isto corresponde mais a uma consequência e cedência ao Turismo de massas, quando nos preocupamos em fazer as coisas que pensamos que os outros querem ver, mas não vai ser assim, no entanto Alcântara não deixa de ser Alcântara.</p> <p>Um novo empreendimento ali (área expectante), não tem qualquer problema. E não penso que iria mudar significativamente a face à zona, a não ser que fosse uma torre com 200 metros, claro. Mas se for algo enquadrado, porque não? Aliás julgo que foi inteligente por parte da CUF Tejo, contratar os mesmos arquitetos que criaram este espaço do Alcântara Rio, não sei se a autarquia teve alguma influência nisso. E não vejo que se trate de monopólio, dado que isto permite um trabalho de confluência de imaginários estéticos, dum falar uma mesma linguagem, não criar roturas. Eu desejaria que no mínimo nascesse qualquer coisa que não beliscasse a identidade,(...) por exemplo à frente do Hospital, existe o Bingo do Atlético, (...)Eu</p>
--	---	---

		<p>adoro lá ir é o maior acervo de alcantarenses e de algumas pessoas de fora, eu faço amizades com toda a gente e falo com as pessoas, é muito interessante, é muito classe operária, quem frequenta o Bingo, mas é muito interessante.</p> <p>Estou curioso como isto vai crescer, mas acho que vai crescer bem, tenho muita esperança. Ainda não é uma zona da cidade que pretende ser mais do que aquilo que é, não se quer renovar mostrando aquilo que nunca foi, é Alcântara.</p> <p>Mas há novos equipamentos, é natural tem que existir essa evolução, (...) Isto tem alma.</p>
<p>Representações sobre os espaços requalificados (Docas, LxFactor), posto de trabalho criados.</p>	<p>Alcântara, que eu conheço, era um sítio para vir à noite, durante o dia não tinha muita dinâmica mas à noite tinha muito movimento, as Discotecas como Alcântara Mar, eu já não apanhei muito essa onda mas das Docas sim, as Docas foram um sítio marcante, na noite Lisboa na década de 90, ainda apanhei também a onda das discotecas africanas, lembro-me que não frequentava muito esta zona para me divertir ia mais para o Bairro-Alto e outras zonas, e quando regressava, 2 ou 3 da manhã na zona do Calvário e na Zona da rua da Cozinha Económica era um mar de gente, que vinha das discotecas africanas.</p> <p>Não creio que tenha criado emprego para habitantes de alcântara, aqui nas lojas a maioria das pessoas que aqui trabalham vêm de outros sítios, aliás terá a ver com o fato de este “ghetto”, não ter ligação ao bairro, algo que seria bom inverter, mas teria que ter algum investimento da própria gestão deste espaço e da Junta de Freguesia, não sei se a autarquia faz intenção de o fazer mas tenho a noção de quem gere este espaço está mais preocupado com as mais-valias que o mesmo pode dar, e não com questões sociais.</p> <p>Houve projetos de ligação ao bairro mas da parte do Cowork Lisboa, que ainda existe e que teve à frente uma rapariga, Lara Rodrigues, que desenvolveu vários projetos de arte urbana, este projeto designado Lata 65, nome que aliás fui eu que o inventei, e que consiste em por idosos a</p>	<p>Neste momento? Bem desde o seu início! Sim a sua origem, porque neste momento é um submundo de Turistas, com muita pena minha. Desde que conheço Alcântara, sempre a associei à “noite”, e nunca me fez impressão, encaro essa situação com naturalidade.</p> <p>Não de todo, não trabalham em todos estes espaços mais de 10 alcantarenses, ponho as minhas mãos no fogo. A trabalhar nas discotecas e bares aqui à volta, mas no Pingo Doce há, aí são quase todos. É mais próximo da cultura deles, faz mais sentido.</p>

	<p>fazer arte urbana, o projeto desenvolveu-se em parceria com o Centro Paroquial, e ainda funcionou extralimites do Lx-Factory e autonomizou-se dinamizando ações em todo o país.</p> <p>Julgo que não, naturalmente que não tenho números mas, e aqui também não foram criadas tantas empresas assim, mesmo tratando-se de micro empresas, aqui e nomeadamente no cowork, o seu negócio é alugar espaço à hora a empresas e especialmente a freelancer para que aqui possam desenvolver o seu trabalho, não há nada que eu saiba que seja em condições especiais para habitantes do bairro, o que se calhar seria interessante, mas como disse já, o objetivo não é social é financeiro.</p> <p>Se calhar uma pessoa em vez de ir alugar uma loja em Alcântara poderia fazê-lo aqui em condições especiais, sei lá talvez fosse interessante existir esta parceria com a participação da autarquia. O Cowork Lisboa, terá lançado uma vez uma campanha em que por exemplo pessoas até aos 25 anos e pessoas com mais de 65 anos não pagavam a mesa de trabalho, para que fosse possível aos jovens recém-saídos da universidade pudessem entrar no mercado de trabalho e aos idosos não ficarem em casa sem nada para fazer, puderem de algum modo estar ocupados.</p> <p>Porque não fazerem este tipo de coisas com o Lx-Factory e com a autarquia, de facto ao entrar aqui é como entrar num mundo diferente, isto não é Alcântara isto por si só merecia um estudo. Este descolamento deste polo em relação ao bairro, até o facto de as pessoas que aqui trabalham virem para cá de carro impede-as de descobrir o bairro de saber quais são os transportes, isto é mais um condomínio as pessoas vêm para aqui de carro e saem de carro, isto obviamente que tem influência nos horários e diversidade transportes, nos investimentos no melhoramento das vias e acessos, finalmente a minha Rua 1º de Maio, foi reparada levou asfalto novo.</p>	
--	--	--

	<p>Esta rua de saída do Lx-Factory, esteve durante anos totalmente esburacada, e quer a Junta de Freguesia quer a Lx_ Factory, não se permitiram alcatroar, porque as pessoas vem aqui naturalmente e esta coisa do vintage vende, que não há necessidade de investir.</p> <p>Eu própria já reuni várias vezes com a administração do Lx-Factory, a pedir que aqui fosse destinado um espaço devidamente preparado para parquear bicicletas, até hoje nada, porque para eles não é interessante, aliás aqui não investem nada. (...) O elevador está no mesmo estado, nunca se sabe quando irá cair, o melhor mesmo é não pensar nisso ou não andar nele.</p> <p>Aquele depósito de água que é um dos Ex-libris deste espaço está muito bonito, pintado com cores vivas, mas as traves que o suportam estão todas corroídas. Um dia com um abalo, um pouco mais forte e aquilo vem cá parar a baixo.</p> <p>À volta vão dando uns jeitos lá vão compondo algumas coisas mas as estruturas primordiais nada se mexe.</p> <p>Eu sinto que as pessoas do Bairro não vem aqui, não vejo movimentação de pessoas para aqui, e se falar de idosos nem pensar, vão para o Calvário ou para R Luís de Camões, para aqui não. Eu julgo que isto acontece por três razões: Primeiro porque não sentem isto como sendo deles, por outro lado isto não faz parte do bairro, e não faz parte do bairro porque se trata de ruas degradadas esquecidas ninguém vinha para aqui antes, eu própria não andava por estas ruas antes, eu só descobri há cerca de dois anos que há um beco onde está um chafariz que segundo parece pertencia ao Calvário, e ali está escondido, junto a uma zona algo degradada, onde vivem algumas pessoas que julgo em condições algo precárias, segundo parece este chafariz vai voltar ao Calvário quando este largo for reabilitado.</p>	
--	--	--

	<p>Quanto ao barulho das discotecas ou quando há concertos, não sei talvez afete mais as pessoas que moram perto desses espaços eu não sou frequentadora, e para dizer a verdade o barulho que me incomodava era o do trânsito de manhã muito cedo, agravado com o facto de a rua estar toda degradada, os autocarros e eléctricos além de outros automóveis produziam muito ruído. Cada vez que passava um autocarro a minha casa treme.</p> <p>As pessoas que moram nos condomínios da Av. Ceuta, queixaram-se também muito do comboio de mercadorias que fazia a ligação ao porto de Lisboa, e que normalmente cerca da meia-noite uma hora da manhã lá fazia aquela travessia, mas parece que a coisa está mais calma.</p> <p>Por outro lado a noite em Alcântara não é como a noite no Bairro alto ou em Santos que são muito miúdos, mais irreverentes e barrulhentos aqui são outras pessoas mais adultas, que vêm de carro e vão para as discotecas mais finas.</p>	
<p>Interações com o bairro e residentes (comércio local).</p>	<p>Sim eu gosto de poder fazer as compras e tudo no sítio onde moro, por isso me incomoda o facto de muito do comércio fechar, por exemplo não há em toda a Alcântara que eu conheço, um sapateiro, para mandar arranjar um sapato, acho incrível, tinha de ir à baixa para mandar arranjar os sapatos. Algum tempo depois abriu, um Bota-minuto, mas isso é uma coisa moderna “fabricada” nada tem que ver com o sapateiro artesão, como antigamente.</p> <p>Houve um momento em que eu achei que Alcântara era um bairro que estava a morrer, que não tinha quase nada, não havia receptividade para que as pessoas viessem para cá morar, eu vim porque a casa era mais barata não porque acha-se que o bairro era muito bom, ainda é um bairro barato, comparativamente a outros, como Santos ou Campo de Ourique.</p> <p>Antes de entrar por aí, não há aglomerações populares porque não há sítios, a Praça mais importante, que será o</p>	<p>(...) no Calvário, gosto de ir ao Miguel, (Loja de Chinês), o verdadeiro nome é Pyong, mas para nós é o Miguel, e é Miguel tu cá tu lá na boa. Esta é a relação que se estabelece com os que chegaram depois.</p> <p>Relativamente aos alcantarenses mais antigos, por exemplo os senhores da Tasca dos Passarinhos, onde vou regularmente, a relação não é exatamente a mesma, noto que são um pouco mais reservados, mas adotam o comportamento do vive e deixa viver, sem interferirem na vida de cada um.</p> <p>Sim. Vou à retosaria, vou ao Pingo Doce, estão lá todos, vou à Florista D. Gilda comprar as flores para a minha namorada há anos tratamo-nos tu cá tu lá, não há problema nenhum, depois chego a casa subo no elevador, encontro algum vizinho digo bom dia ou boa tarde, e não conheço sequer a pessoa que vai ao meu lado.</p> <p>(...) há algum arrivismo, há algum novo-riquismo, há uma forma de viver as coisas totalmente alheadas, mas diga-se que não é exclusivo de Alcântara, é exclusivo das pessoas, são as pessoas que fazem os</p>

	<p>Largo do Calvário hoje não dá para estar ali a fazer vida é um local de passagem e paragem de autocarros, não há um sítio para beber um café à noite, ou um copo, não há um jardim por isso ia para o lado do rio.</p> <p>Que pessoas vejo na rua maioritariamente pessoas que circulam de um lado para o outro na azáfama dos transportes públicos, e julgo eu são pessoas de classe média baixa, julgo eu, ao almoço vejo pessoas que trabalham por aqui não necessariamente pessoas de Alcântara, trabalham nos bancos e no Lx-Factory, alguns turistas, o que se vê cada vez mais, e também muitas pessoas que vão para Belém, e que aqui apanham ou transitam de transporte.</p>	<p>lugares. Eu vejo as pessoas que olham para mim, com este ar ainda jovem, e sinto na forma como me olham, que se perguntam como é que chegaste até aqui, como estás nesta casa, que é um olhar que não vejo nos alcantarenses, eu para os alcantarenses sou mais um. (...) de certa forma esmiuçando esta questão da proximidade, os Arquitetos tentaram através da forma como organizaram o espaço e a disposição dos apartamentos virados uns para os outros, julgo, que tentaram por as pessoas a comunicar, não como se comunicava e ainda se comunica, mas concebendo os apartamentos com janelas em vidro de alto a baixo, e muito poucas casas tem cortinas, portanto é à Holandesa, estou no sofá e vejo o vizinho de cima a trabalhar na sua secretária, ou vizinho da frente que está a tocar piano, ou ainda outros que estão no sofá tal como eu, etc..., há uma certa proximidade, somos todos daqui, mas!! É uma coisa silenciosa, de certa forma viemos inaugurar aqui uma nova ligação entre as pessoas, eu sinto que ele quis manter uma relação entre o que foi este espaço, de grandes cruzamentos entre as pessoas, pode não ser verdade aquilo que eu penso, mas quero acreditar. Estabelecendo este paralelismo não gratuito, houve uma vez que entrevistei para o Sol, estava ainda a prestar uma prova, e entrevistei o presidente da Junta de Freguesia na altura, há 24 anos no poder, eu fui lá e quis perceber o que era Alcântara, e ele nem sequer me questionou donde eu morava ou de onde vinha, verifiquei nas palavras dele que manifestava muita preocupação, <i>“ao alcantarenses que ajudava a pagar o funeral de outro alcantarenses que era seu vizinho, está a dar lugar ao alcantarenses de raquete de ténis,”</i> eu moro cá há 10 anos, noto algum afastamento entre as pessoas, falo com dois ou três vizinhos, olá como está tudo bem! Não noto uma grande rotura, vejo que as pessoas vivem Alcântara cada um à sua maneira, não vivem como um Alcantarenses de 70 anos nascido e criado (...).</p>
<p>Trajectoria e razão de escolha de Alcântara para residir</p>	<p>Vim morar para Alcântara em maio de 2005, portanto há 11 anos. Não morava em Lisboa antes de vir para aqui, vim para Lisboa em 99, entretanto morei em vários sítios, Campo de Ourique, Sete- Rios e entretanto fui para fora para perto do Cacém –Casal de S. Marcos. Vim parar a</p>	<p>Tenho 37 anos e moro há 10 anos em Alcântara, mas posso dizer que conheço Alcântara como a palma das mãos, porque desde pequeno que frequento a zona, o meu pai trabalhava no Instituto de Agronomia e a minha mãe na Escola Francisco Arruda, eu estudei na</p>

	<p>Alcântara por acaso, tinha necessidade de ter um espaço para mim, e naquela ansia de arranjar o melhor consultei o mercado, e entretanto surgiu esta casa através de um amigo, era a casa dele e até deu para comprar, foi um preço que consegui suportar, tinha vindo a Alcântara uma ou duas vezes, não tinha ligação nenhuma com o Bairro nem com as pessoas daqui,</p> <p>Acho que sim, veja-se a proximidade do rio, mas até aí, ok é muito próximo do rio, mas ao mesmo tempo muito longe, e não é só a linha de comboio que nos divide, não há qualquer investimento em fazer passagens de acesso ao rio, isto é uma coisa que nunca percebi, eu comecei a andar de bicicleta há já alguns anos, antes deste <i>boom</i>, e muitas vezes ia dar uma voltinha à noite junto ao rio, e claro quando há escadas tenho de carregar a bicicleta, as passagens que há são aquela ali estação de comboios de Alcântara-Mar, que foi pintada mas por um conjunto de artistas, nem a Refer nem CML mexeram uma palha, por isso continuam as mesmas infiltrações o mesmo cheiro a urina.</p> <p>Lembro-me de ter escrito umas coisas para um Blog o Corvo a falar sobre isso, e contactado a Refer e CML, e cada um empurrava para outro as responsabilidades. Não há um elevador uma rampa para passar um carrinho de bebé ou um idoso nada. A outra passagem é junto à antiga FIL – Palácio de Congressos, sem rampa sem elevador, as mesmas dificuldades.</p> <p>Nesta década em que aqui moro tirando o Lx-Factory que é iniciativa privada, não vi qualquer investimento urbanístico para facilitar a vida às pessoas, acho piada porque Alcântara tem aquela mística de bairro operário, tem essa aureola, mas é fundamentalmente um bairro onde moram pessoas, sempre moraram e (...) faz-me confusão não haver um investimento numa coisa tão nobre que é o Rio está ali, é aliás um defeito de Lisboa inteira, parece que só agora é</p>	<p>Francisco Arruda. Sempre visitei o emprego do meu pai, conheço muito bem a tapada, inclusivamente eu sou de Campolide vive lá até aos 25 anos, mas houve uma altura em que vivi na Rua Luís de Camões, por isso eu vivo Alcântara desde os últimos 30 anos, (...) verifico que a coisa mudou um bocadinho, principalmente desde 2000 para cá.(...) não foi uma mudança brusca à força, mas mudou até porque a vida das pessoas também mudou, eu estou a viver num condomínio com 12 anos o Alcântara Rio, e até costumava brincar com uma amiga que como ela vive debaixo da ponte vive na Alcântara “brega” e eu na Alcântara “fina”.</p>
--	---	---

	<p>que descobrimos que está ali o rio, com investimento no cais das colunas na ribeira das naus (...).</p> <p>O pequeno comércio tradicional é que quase não existe, quando vim para cá morar haviam algumas sapatarias, havia o Celeiro, havia alguma coisa de pronto a vestir, vão aparecendo algumas mercearias de “monhés” e lojas de Chineses, pode ser que com a reformulação da Rua de Alcântara apareçam mais algumas lojas, vamos ver. Era uma rua um pouco sinuosa e difícil de andar a pé pode ser que venham a surgir novas casas, dado que parece que alguns comerciantes ficaram satisfeitos com os melhoramentos ali efetuados, como parece que o Calvário também vai ser intervencionado pode ser que venha a surgir qualquer coisa de novo.</p> <p>Acho que Alcântara é um bairro calmo e bastante seguro, nunca me senti ameaçada a qualquer hora dia ou noite, há sempre pessoas em trânsito.</p>	
--	--	--

GRELHA SÍNTESE DE ENTREVISTA

Dirigente associativo

Caracterização:	Entrevistado 6
Idade: Escolaridade:	70 anos 2º ciclo Reformado Gestor Empresa de Autocarros de Turismo Dirigente da Academia de Santo Amaro (ASA)
Discrição histórica da ASA e da atividade.	<p>Tinha 14 anos quando me liguei a ASA, e permaneci sempre ligado às pessoas que estavam na ASA, primeiro como colaborador, do grupo inicialmente designado por 31 de Santo Amaro, na sua maior parte eram operários que apoiavam a ASA nas suas atividades que eram além do teatro a escola,(...) a escola primária que era onde se gastava todo o dinheiro que se angariava e o dinheiro nunca chegava, atividade com grande importância na altura(...). Para se arranjar cem escudos era mais difícil, do que hoje para se arranjar 10000 €. Estive ali ligado durante vários anos, comecei a participar mais ativamente embora para mim nunca tenha participado em atividades para benefício próprio, mas sim sempre no trabalho para a coletividade, entrei para as direções, depois a partir de uma certa idade fui presidente da direção, devo ser a pessoa que foi mais anos presidente, entretanto tenho ocupado outros lugares nos corpos sociais, onde me encontro hoje.</p> <p>Assisti a toda a transformação e evolução da ASA, até ao acabar da escola, que começava a ser insustentável, as professoras que eram duas já tinham alguma idade e as despesas eram cada vez mais apesar de haver algum apoio estatal, não era suficiente e tivemos de tomar a decisão de acabar com a escola.</p> <p>(...), depois com a evolução o teatro atividade com fortes raízes na ASA(...) mas houve também uma altura em que surgem outras atividade como o futebol 5, (...) surgem outras atividades ligadas ao desporto. O que faz com que apareça muita juventude e traga muita rapaziada nova à ASA.</p> <p>Paralelamente a isso continuavam-se a fazer os bailaricos aos fins-de-semana para angariar algum dinheiro, e os Santos Populares, mas nada do que é hoje, o espaço não estava estruturado como está agora, (...) o objetivo era o mesmo ou seja tentar arranjar dinheiro, para a manutenção das restantes atividades, lembro que era colocada uma bandeja à entrada da porta e cada um dava o que queria e, era assim que se faziam algumas receitas. Depois, eu sou do tempo, em que apareceu um grupo de estudantes universitários que desenvolviam um conjunto de atividades sociais ali dentro, ações de formação, e teatro que era teatro de revista mas um teatro dito sério, e foi fruto da atividade deste grupo de universitário que algumas pessoas ainda tiveram oportunidade de fazer alguns estudos à noite, eu ainda fiz lá o primeiro ciclo, tudo à noite porque trabalhava. Ainda fiz mais alguma formações eu e outras pessoas.</p> <p>Depois deu-se o 25 de abril e tudo se transformou radicalmente. Deu-se a grande transformação da ASA, onde estava eu e outras pessoas que já pretendiam que na ASA tivesse uma dinâmica diferente, não era possível por constrangimentos existentes até então. Começaram também a haver algumas disputas políticas, entre comunistas e socialista que tinham visões diferentes,</p>

	as coisas não foram muito fáceis durante algum período.(...), foi um período difícil, entretanto eu também estive fora no Alentejo durante algum tempo.
Atividades e impactos produzidos na população da Alcântara de hoje.	<p>A Academia tinha uma visão, e é preciso recordar que entrei na ASA com 14 anos e tenho já 70, naquele tempo diria eu, tinha uma visão bastante diferente até porque não podia ter outro fruto das limitações do antigo regime, entretanto quando assumem responsabilidades as pessoas da minha geração, que fomos acompanhando sempre a vida da coletividade e a sua evolução, até que com o 25 de abril, nos permitiu desenvolver atividades que não eram possíveis anteriormente, foi o chamar gente nova, com o objetivo de dinamizar o desporto a cultura e outras atividade que eram limitadas até então. Depois há já uma outra geração depois de mim, que é a do João Braga, na sua maioria de pessoas aqui do bairro, com o apoio e ajuda de muitos mais antigos como eu, mas traz consigo já os filhos, que está a levar para a frente a coletividade que são quem está a aguentar agora toda esta dinâmica. Eu nunca fiz teatro nem outra atividade, fui sempre dirigente, arranjava sempre um grupo disposto a trabalhar, e talvez por isso tivesse sido presidente muito tempo. Eles faziam o teatro ou qualquer outra coisa e nós dirigíamos, numa simbiose perfeita e deste modo todos ajudava-mos a ASA.</p> <p>Nos últimos 20, 30 anos pode-se dizer deu-se um novo impulso à ASA, conseguimos através de amigos, como o Felipe Lá Féria do Politeama e o Paulo Vasco homens do teatro e do teatro revista, algum apoio. Foi assim que conseguimos trazer através de sócios, o Paulo Vasco a dinamizar o teatro da ASA, porque tinha acabado, começou-se a fazer na ASA um verdadeiro (...) teatro de Revista, entretanto um grupo antigo (...) que se tinham afastado por divergências, voltaram à ASA, e formaram-se dois grupos de teatro embora com o mesmo nome, um dinamizado pelo Paulo Vasco e um outro pelo Miguel Dias, passando a haver em cada ano o espetáculo anual a ser realizada alternadamente por cada um dos grupos.</p>
Representações de Alcântara antiga	<p>Isto aqui eram centenas de pessoas que se cruzavam dia a dia, hoje acho que não existe uma única fábrica, aliás a última a fechar foi aquela tipografia Mirandela, há ainda a Carris mas também essa já não é o que era, mas é o normal com a evolução e transformação.</p> <p>E é com todo isto a acabar que se verifica a tal transformação social de Alcântara, é o caso da Regina, fechou a fábrica o que está lá agora, um condomínio, é o caso da Aliança um Lar de luxo da terceira idade, onde era a fábrica dos óleos.</p>
Nível de implantação na Freguesia.	<p>São cerca de 1000 sócios, nós na ASA temos um princípio de que todos os que participam nas atividades são necessariamente sócios, o que faz todo o sentido e cria um espírito de pertença que julgamos fundamental.</p> <p>Não são todos oriundos da freguesia, mas sim da zona, sabe como é alguns trazem um amigo e isso não é considerado impeditivo, além disso é desta forma que se consegue a abrangência, por exemplo para o teatro infantil são miúdos de famílias que querem que os meninos tenham uma educação também naquela área, gente com mais posses.</p> <p>Esta zona do Alto de Santo Amaro são pessoas de nível médio e médio alto, aliás já desde sempre que era essa a tendência, Até porque se trata de um sítio privilegiado, como se diz Alto de Sto. Amaro fica entre o Tejo e Monsanto é portanto uma zona privilegiada. E a população residente nesta zona desde há muitos anos que não se tem alterado muito, em termos de nível de extrato social.</p>
Interações e inserção da ASA junto da	Olhe a ASA é uma coletividade que toda a gente da freguesia de Alcântara conhece, e não só, mas é reconhecido por todos a sua importância e implementação no bairro, e com esta história da Romaria de Sto. Amaro mais gente vem à ASA, mas com a

população do bairro/ freguesia.	<p>dinâmica do teatro quer o infantil quer o de revista, pode-se dizer que não há ninguém que não conheça a ASA, pode-se mesmo dizer que do ponto de vista cultural a ASA é a coletividade mais importante e aquela que toca mais a freguesia de Alcântara, (...) não esquecendo naturalmente a Promotora que está no coração da freguesia, e tem um historial muito importante, não tem tido a sorte da ASA, que teve sempre direções de gente disposta a colaborar gratuitamente, pois temos apenas uma pessoa que é remunerada, todo o trabalho por altura dos eventos é levado a cabo pelas pessoas que pertencendo ou não às direções arregaça as mangas e participa nas tarefas necessárias para que as realizações tenham o êxito desejado.</p> <p>Todas as transformações que se tem realizado na ASA, são fruto desse trabalho de dedicação, por exemplo aquele anexo que se fez, custou muito dinheiro só possível com este trabalho sério, e que permite um conjunto de melhorias para os associados e a possibilidade de ali se realizarem outras atividades, e outras alternativas, o palco novo que se construiu também só foi possível devido ao apoio de vários atores, tivemos também o apoio da CML e da J Freguesia, além do dinheiro que entretanto conseguimos arranjar, que permitiu por outro lado todo um conjunto de melhorias, indispensáveis à manutenção de um imóvel e espaço como este.</p> <p>Do ponto de vista social a ASA é muito importante. (...) a Filarmónica por exemplo é a marcha.</p>
Trajetória e razão de escolha de Alcântara para residir	Resido no Alto de Santo Amaro, há 60 anos

GRELHA SÍNTESE DE ENTREVISTA

Ex-Autarca

Caracterização:	Entrevistado 7
Idade: Escolaridade:	70 anos Presidente da Junta de Freguesia de Alcântara em Lisboa de Janeiro de 1983 a Novembro de 2009 e Deputado Municipal da Assembleia Municipal de Lisboa em igual período de tempo. Foi eleito para o Conselho Geral do Sindicato dos Bancários de Sul e Ilhas durante 2 mandatos.
Representações de Alcântara antiga	<p>Alcântara faz parte da zona ocidental de Lisboa, e foi durante muitos anos um importante polo industrial, desde finais do sec: XIX, meados do sec: XX.</p> <p>A primeira máquina a vapor em Portugal foi introduzida em Alcântara; Havia muita indústria, em especial na Ribeira de Alcântara.</p> <p>Atividades fabris mais importantes: Estamparia; Cortumes; Azulejos (fábrica situada onde é hoje o mercado); no Calvário e Fontainhas ficava o complexo industrial da CUF/Quimigal, onde eram produzidos Adubos, Margarinas, Óleos alimentares etc...</p> <p>Em Sto. Amaro estavam instaladas Metalomecânicas.</p> <p>Por ex: na Rua das Fontainhas havia a EPI - Empresa de Progresso Industrial, a J.B Cardoso onde está agora um condomínio, pomposamente chamado "Palácio de Alcântara"; e na zona do Cais de Alcântara, até à Rocha do Conde d'Óbidos, a Construção Naval (ENI, Lisnave e Parry & Son, e as oficinas da CTM e CNN); para além da Momphor, Oficinas da Carris, etc...</p> <p>Na zona da Rua Luís de Camões, havia a Fábrica da Regina (chocolates, drops) e na Junqueira a Aliança onde se fabricavam Farinhas, Bolachas, massas.</p> <p>Foram fechando gradualmente, e algumas delas, dando origem a condomínios de Luxo.</p> <p>Outro polo industrial bastante importante era a Fábrica de Refinação de açúcar Sidul (Junto à Estação de Alcântara), a Fábrica dos Alfinetes, e já no Alto de Sto. Amaro a Fábrica de Luvas e Cachenés.</p>
Representações da Alcântara de hoje	<p>Hoje quase todos estes espaços estão transformados em condomínios habitacionais de Luxo, em que cada apartamento não custa menos de 1 M€.</p> <p>(...) O que não foi ainda transformado em condomínios de habitação, está naquilo a que se chama zona expectante, como é o espaço anteriormente ocupado pela SIDUL. O urbanizador (...) para ali queriam construir um conjunto de 3 grandes Torres mais altas do que Ponte 25 de Abril, a CML inviabilizou o projeto porque na zona ribeirinha só se pode construir até 8 andares cerca de 25 metros.</p> <p>Os condomínios originaram uma mudança da população, anteriormente a população era uma população na sua maioria operária, ligada ao comércio e alguma ao sector terciário, como empregados bancários e escritórios.</p>

	<p>Estas mudanças vieram alterar por completo a fisionomia da Freguesia, com avinda de novos residentes, porque muitos dos cá viviam ou voltaram às suas terras de origem, ou foram também deslocalizados tal como algumas das indústrias, e os que restam são hoje uma população muito envelhecida. Os novos moradores são na sua maioria quadros e quadros superiores que têm outro tipo de rendimentos desde logo porque tem de suportar os custos deste tipo de habitação.</p>
Consequências sociais.	<p>As consequências sociais com o encerramento das fábricas foram tremendas. Só como exemplo: os trabalhadores da Quimigal quando a Fábrica encerrou, ou seja foi deslocalizada para o Barreiro, houve alguns operários que foram, pode-se dizer atrás da fábrica.</p> <p>Verificou-se uma mudança radical em algumas zonas e que se refletiu também no Comércio local. Praticamente deixaram de existir operários, ficando um número residual como residentes. Muitos regressaram às suas terras de origem ou têm morrido. Lisboa tem, como é sabido, vindo a perder população, e naturalmente Alcântara também, embora ultimamente se tenha verificado uma estabilização ou até mesmo alguma recuperação, fruto da vinda destes novos moradores. Um outro fator que contribui para este aumento tem a ver com o regresso de alguns jovens a casa de pais ou mesmo avós, na expectativa de poderem ficar com uma casa com renda mais acessível, (...)</p>
Renovação; PDM, impactes das intervenções.	<p>(...)de início quando começa o desaparecimento da indústria, era um Plano diretor de 1967, entretanto começa a ser feito um novo plano diretor, e vários planos de pormenor, para a 24 de Julho onde está o "Pinhol" (Pinhol, Gomes & Gomes), era um plano de pormenor para aquela zona, (...)começa-se a demolir o Pinhol mesmo contra a vontade dos proprietários e foi já quando só restava a fachada, que é suspensa a demolição pela intervenção do IPPAR. Esta intervenção tinha como objetivo os vinte hectares da zona ribeirinha, mais tarde com a intervenção também da junta de Alcântara conseguiu-se um Plano de Pormenor de Urbanização de Alcântara que envolve todo o Vale de Alcântara e Sto. Contestável, até Campolide, tudo englobado no mesmo Plano.</p> <p>Se algum dia este plano for para a frente haverá muita zona de habitação que será reabilitada. No vale de Alcântara cometeram-se erros gravíssimos onde foi feito o realojamento do Casal Ventoso, (...) ou seja fizeram a construção toda no chamado leito de cheia, do caneiro de Alcântara. Foi pode-se dizer um crime a construção daquele Bairro "Colorido", chamado Quinta do Cabrinha.</p> <p>Fui uma das pessoas que se bateu para que o projeto não avançasse mas, embora não tenha sido possível a sua não concretização, foi no entanto possível reduzir a volumetria de 12 pisos para 8, e que os r/c não fossem para a habitação mas para a localização de diversos serviços de apoio, o que de certo modo foi conseguido.(...)</p> <p>O sair da população de Alcântara como já referi, toda uma quantidade de operários que povoavam e davam vida ao comércio local, eram milhares de pessoas todos de "ganga", teve naturalmente um grande impacto negativo. Muito do comércio tradicional caiu brutalmente, com a vinda dos novos moradores o comércio local pouco beneficiou.</p> <p>Os novos moradores são pessoas que fazem as suas compras em outros espaços, nomeadamente nas grandes superfícies, pouco gastam aqui, muito residualmente no café ou num ou outro restaurante, de uma maneira geral são pessoas que ao fim-de-semana saem da zona, muito provavelmente têm uma segunda casa.</p>
	<p>As Docas reativaram muito aquela zona ribeirinha e posso dizer que foi altamente positiva, o LX- Factory, que ocupa o espaço onde funcionava a "Gráfica Mirandela" e outras indústrias, por seu lado trazendo muita gente à zona e tendo interesse</p>

<p>Representações sobre os espaços requalificados (Docas, LxFactor), criação de emprego.</p>	<p>cultural, como funciona sem regras produz grandes prejuízos para os moradores da zona dado que há barulho até altas horas da noite, (...) que já acontecia na zona do Benzina e do Alcântara-Mar.</p> <p>Nas "Docas" pelo contrário são maiores as vantagens porque não incomodam e tal como os outros espaços de lazer noturno, não prejudicam as populações residentes.</p> <p>Alcântara perdeu muito emprego, mas veio ainda assim a ganhar alguma coisa em termos de empregos, só nesta Rua onde nos encontramos (Trav.do Giestal), há uma série de empresas ligadas à informática, com umas dezenas largas de empregados, (...)Tem-se ganho algum emprego, há um estudo que já previa tanto para a zona oriental como para a zona ocidental, que iriam surgir empresas ligadas a novas tecnologias.</p> <p>(...) Alcântara ganhou algum emprego nas Docas, no LX-Factory e outros.</p>
<p>O futuro?</p>	<p>Batemos no fundo no que era negativo, mas estamos numa fase de recuperar algo de bom, isto porque virem novas pessoas com novos hábitos também é positivo, revitaliza.</p> <p>Alcântara tem grandes potencialidades, não para coisa megalómanas, temos também aqui bem perto o "Pulmão da Cidade" que é Monsanto, por isso se forem acautelados os melhoramentos e os acessos ao Bairro do Alvito, vai-se revitalizar por acréscimo uma zona que se encontra deprimida. O comboio que atravessa a ponte tem também aspetos positivos, mas há que ter cuidado com o modo e forma como se fazem os acessos ou pelo contrário não os fazendo, isolam mais as populações.</p> <p>Por exemplo, a zona antiga de Alcântara é um autêntico "ghetto", pois tem apenas um acesso, tal o seu isolamento, com todos os inconvenientes daí resultantes quer económicos quer humanos e sociais. Por força da linha férrea fizeram-se acessos que permitem uma maior circulação de pessoas, as pontes pedonais para o Bairro do Jacinto, que trouxeram vantagens evidentes.</p> <p>(...) Está previsto fazer debaixo da Ponte junto ao Atlético, uma nova rotunda de acesso à ponte. (...) podemos dizer que a mobilidade em Alcântara é muito boa. Chega-se rápido a vários locais da cidade e através de vários meios de transporte.</p> <p>Existem pode-se dizer 3 Alcântaras, uma deprimida composta pelos Bairro da Cruz, do Jacinto e Zona antiga, outra a dos novos espaços habitacionais de luxo, e uma terceira que estará entre ambas.</p>

CURRICULUM VITAE

HENRIQUE MANUEL FONSECA

INFORMAÇÃO PESSOAL



📍 Campo Pequeno, nº58, 1º Esq, 1000-081, Lisboa, Portugal
☎ +351 21492284 +351 966318453
✉ hmfonseca@gmail.com

Sexo: Masculino

Data de nascimento: 23/11/1955

Nacionalidade : Portuguesa

ESTUDOS A QUE SE CANDIDATA

Obtenção do grau de Mestre em Sociologia

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Funcionário do Instituto da Segurança Social. IP – Centro Nacional de Pensões (CNP) desde 04/03/1974.

Com a categoria de Assistente Técnico, reclassificado em Técnico Superior, desempenho de funções técnico-administrativas, no Núcleo de Gestão da Relação com o Cliente.

Presidente da Direção do Centro de Cultura e Desporto do CNP, tendo exercido, a tempo inteiro até 2014, funções de gestão e organização de atividades sociais, culturais e desportivas. Gestão de Refeitório e bares.

EDUCAÇÃO

2013 - Licenciatura em Sociologia - PL, ramo Políticas Públicas.
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

FORMAÇÃO

Nov/ 2013	Certificação de Competências Pedagógicas/ IAFP,IP	90-horas
Dez/ 2003	Gestão de Equipas	12-horas
Fev/ 2001	Internet	12-horas
Nov/ 2000	Outlook	12horas
Nov/ 1999	Aprender a Motivar	18-horas
Mai/ 1999	Access	30-horas
Jun/ 1997	Gestão do Tempo e do Stress Organizacional	24-horas
Out/ 1996	Gestão de Conflitos	12-horas
Mai/ 1996	Aplicação do Dec.-Lei nº 55/95	18-horas
Fev/ 1996	Excel (I e II)	30-horas
Nov/ 1995	Word II	12-horas
Out/ 1995	Windows / Word	30-horas
Mai/ 1995	Organização e Condução de Reuniões	18-horas
Nov/1994	Qualidade nos Serviços Públicos	18-horas
Nov. 1993	Técnicas de Chefia e Liderança	60-horas

FORMAÇÃO COMPLEMENTAR:

“A Política de Ordenamento do Território em Portugal:
Um exemplo de europeização de políticas públicas nacionais”
Conferência de: João Ferrão – ISCTE abril 2015

Encontro: *À conversa sobre as Oficinas de Segurança Social,*

18 de setembro de 2014, CES-Lisboa, Picoas Plaza,
 Conferência: A Transformação das Relações Laborais em Portugal e o
 «Memorando de Entendimento», 21, 22 e 23 de maio de 2014, ISCTE-
 IUL, FCSH-UNL, CES-UC

Seminário *Os problemas e as soluções para a Segurança Social*, 25 de
 março de 2014, 14h30, Auditório 3, Fundação Calouste Gulbenkian,
 Lisboa

Seminário Internacional "Que políticas para a Imigração";
 Lisboa, Novembro de 2000.

II Encontro Nacional do PAII - "Inovar Rumo à Autonomia".
 Auditório Fórum Lisboa, Dezembro de 2000.

"O Mutualismo Português: Solidariedade e Progresso Social";
 Organização: A.P.S.S., CISEP/SEG e União das Mutualidades.
 Auditório Montepio Geral. Lisboa, Maio de 1998.

I e II - Congressos Nacionais da Segurança Social;
 Maio de 1988 e 1991.

COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Língua materna

Português

Outras línguas

COMPREENDER

FALAR

ESCREVER

Compreensão oral

Leitura

Interação oral

Produção oral

Francês

A1/A2

A1/A2

A1/A2

A1/A2

A1/A2

Espanhol

A1/A2

A1/A2

A1/A2

A1/A2

A1/A2

Competências de
 comunicação

Capacidade de comunicação, adquirida em contextos das organizações
 em que tenho estado inserido, Associações Nacionais e Internacionais,
 nas ações de formação em contexto profissional e, através do contributo
 valioso adquirido quando fiz teatro amador.

Competências de
 organização

Capacidade de coordenação, enquanto dirigente responsável por toda a
 atividade do Centro de Cultura e Desporto do CNP, onde exerço a função
 de Presidente da Direção

Competência digital

AUTOAVALIAÇÃO

Processamento de
 informação

Comunicação

Criação de
 conteúdos

Segurança

básico

básico

básico

básico

Carta de Condução

Condução de veículos categoria - B

INFORMAÇÃO ADICIONAL

Outros interesses

Atividades de ar-livre: Canoagem, Percursos Pedestres, Ski;
 Atividades Culturais: Teatro; Bailado; Música; Exposições; Museus;
 Viagens e passeios temáticos;
 Participação em ações de cidadania.